

GABRIELA VILLELA ARANTES

**A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CENA: OLHARES SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL
DE MINAS GERAIS (1956-1973)**

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
2013

GABRIELA VILLELA ARANTES

**A EDUCAÇÃO FÍSICA EM CENA: OLHARES SOBRE O COLÉGIO
ESTADUAL DE MINAS GERAIS (1956-1973)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

2013

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação

Dissertação intitulada “*A Educação Física em cena: olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973)*”, de autoria da mestranda Gabriela Villela Arantes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales – Orientadora

Profa. Dra. Eustáquia Salvadora de Souza – PUC-Minas

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira – FaE/UFMG

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – EEEFTO/FaE/UFMG (suplente)

Prof. Dra. Aleluia Heringer Lisboa Teixeira – Colégio Santo Agostinho (suplente)

Belo Horizonte, 19 de agosto de 2013.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de 2 anos e meio de muito estudo e dedicação, este percurso contou com a colaboração de muitas pessoas especiais. Gostaria de agradecer a todos aqueles que me ajudaram nesta travessia.

Agradeço à professora Meily Assbú Linhales, por ter me ajudado a despertar o interesse pelos estudos históricos e ser companheira no meu processo de formação como pesquisadora. Agradeço as orientações, as sugestões, as partilhas, as “duras”, o olhar sempre atento sob meu texto, uma leitura sempre criteriosa, e o jeito carinhoso que me acolheu no CEMEF.

Ao professor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira que tem me ajudando desde a elaboração do meu projeto de mestrado. Agradeço o apoio e a disponibilidade em contribuir com o desdobramento dessa pesquisa. Pelas questões e contribuições que apresentou no parecer do projeto.

Ao professor Tarcísio Mauro Vago que tem me acompanhado desde a graduação e é um torcedor vibrante de todas as minhas conquistas. Muito obrigada por todas as sugestões dadas durante a qualificação do trabalho e por incentivar a continuidade da pesquisa.

Às professoras Eustáquia Salvadora de Souza e Aleluia Heringer Lisboa Teixeira por terem aceitado o convite de participarem da banca de defesa e por terem colaborado no encontro das minhas fontes orais. À professora Eustáquia por ter disponibilizado e conseguido os contatos de alguns ex-professores do Colégio Estadual. À professora Aleluia por me emprestar os depoimentos orais que havia utilizado em sua pesquisa de doutorado e ainda disponibilizar o contato de alguns ex-alunos.

Aos professores Arminto Machado, Luiz Afonso Almeida, Wilson Camelier, José Guilherme Papagaio e Mérope Saliba por me encantarem com suas histórias e com a paixão pela Educação Física. Aos ex-alunos Roberto Martins, Afonso Cozzi e Humberto Werneck por colaborarem na compreensão da história da Educação Física do Estadual de Minas Gerais a partir do olhar desses jovens das décadas de 1950 e 1960. Agradeço a disponibilidade em contribuir com a pesquisa contando suas histórias.

Aos professores, coordenadores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social e do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da

Educação (GEPHE) que me possibilitaram a inserção nessa nova área de pesquisa e que me acolheram. As reuniões do GEPHE e todas as disciplinas que cursei na FaE foram fundamentais para o meu aprofundamento teórico-metodológico na história da educação. Agradeço a todos os professores do programa de mestrado.

Ao CEMEF e ao grupo de pesquisa do Projeto “Modelos Pedagógicos” agradeço pelo acolhimento e o carinho especial. Estiveram sempre presentes para qualificar o debate, para superar os momentos de desespero e ajudaram no encontro com outras fontes.

Agradeço à professora Cássia Lima pelo exemplo de dedicação nos estudos e por sempre me incentivar e apoiar nas decisões acadêmicas! Obrigada por dar os primeiros “pitacos” no projeto que apresentei para o mestrado e por continuar dando sugestões a medida que o trabalho foi se desenvolvendo. Agradeço também a ajuda nas transcrições e conferências das muitas horas de entrevistas realizadas. À Anninha por me ajudar com a pesquisa na Hemeroteca Pública de Minas Gerais, afinal foram muitas páginas de jornais folheadas.

Agradeço a todos meus colegas de turma, Gyna, Leo, Dani, Éder, Priscila e Taciana por caminharmos juntos, o mestrado foi mais divertido com vocês! À Gyna, um imenso carinho, minha colega e amiga, que compartilhou junto as angústias, os medos e inseguranças, sempre me apoiando e incentivando.

Ao grupo do Programa Escola Integrada da UFMG que permitiu que eu não ficasse só na pesquisa histórica, mas que me aproximou da minha prática docente. Agradeço a todos os professores, à coordenação pedagógica, aos funcionários da PROEX (Pró-Reitoria de Extensão) e a todos os bolsistas da área de Educação Física e Dança. Aproveito para agradecer a CAPES pela bolsa de mestrado.

Agradeço também a toda a minha família que sempre me apoiou. Aos meus pais e irmãos que sempre estão presentes e me amparam nas minhas decisões. Ao meu avô, às minhas avós, aos meus tios e tias, aos meus primos e primas que estão sempre torcendo e vibrando por mim. Ao Gabriel por ter me apoiado nos meus vários momentos de insegurança e desespero com os prazos de entregas dos textos. Muito obrigada por ter lido todos os textos e, mesmo de fora da área, tentar dar sugestões. Aos meus amigos e amigas que entenderam que muitas vezes eu não pude estar presente, mas que sempre me incentivaram.

Tenho um carinho e um agradecimento especial por todos aqueles que me ajudaram no encontro com os documentos que se tornaram fontes dessa pesquisa. Agradeço a Fátinha, uma

das funcionárias responsáveis pelo arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos. Muito obrigada por me ajudar a encontrar os diários de classes, as fotografias e de se “enfiar” nos arquivos comigo. Agradeço a todos os funcionários da Hemeroteca Pública de Minas Gerais e a todas as pessoas que trabalharam no CEMEF na organização dos arquivos e me ajudaram a encontrar algumas pistas. À esposa do professor Lincoln Raso, Dona Neusa Raso, que me emprestou parte do acervo deste professor. Agradeço também a Dona Dodora e sua filha Ana Christina Rocha por me emprestarem parte de seus acervos pessoal. As fotografias permitiram que eu enxergasse a Educação Física do Estadual mais de perto. À professora Isabel Montandon que ao doar seu acervo pessoal para o CEMEF permitiu o meu encontro com outra fonte preciosa para este trabalho.

Enfim, agradeço a todos que caminharam comigo! Muito Obrigada!

RESUMO

Este estudo investigou o processo de escolarização da disciplina Educação Física, no Colégio Estadual de Minas Gerais. Foi intenção compreender o desenho da disciplina nesta instituição, com suas rotinas, seus horários, seu corpo docente, os conteúdos presentes, os espaços e materiais disponíveis, entre outras características que a compõem. A compreensão desses elementos possibilitou a construção de uma narrativa sobre a história da disciplina Educação Física do Colégio Estadual, entre os anos 1956 e 1973. Em 1956, marco inicial da pesquisa, foi inaugurado o novo prédio da Escola, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. A partir da inauguração desse prédio, percebemos duas fases na forma da escola se estruturar: até 1964, uma escola com atividades no prédio recém-inaugurado; e após 1964, uma nova fase, com a criação das Escolas Anexas, que funcionavam em outros bairros e tinham como intenção ampliar o número de vagas para o Ensino Secundário na Capital. Percebemos que essa estrutura possibilitou outra organização da instituição e, também, a circulação de outros sujeitos naquele lugar. As Escolas Anexas se tornaram independentes no ano de 1973, o que demarcou o recorte temporal final para o estudo. Na investigação, foram mobilizadas fontes de naturezas diversas, como as reportagens dos jornais consultados na Hemeroteca Pública Luiz de Bessa, os documentos do arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos (regimentos da instituição, diários de classe, quadro de horários, lista do corpo docente, livro de ponto, livro de atas e fotografias), o acervo do CEMEF-UFMG (Boletim de Educação Física, planos de aula de exames de admissão e documentos dos Arquivos Pessoais). Além disso, foram realizadas oito entrevistas com sujeitos que participaram da história da instituição, sendo sete homens e uma mulher – ex-alunos e ex-professores, constituindo, assim, as fontes orais. Com o cruzamento das fontes, foi possível afirmar que a disciplina Educação Física do Colégio Estadual foi singular. Marcada por duas fases: uma até o ano de 1964, que evidencia um processo de estruturação e organização da disciplina, denominada pelos ex-alunos como “avacalhada”; e outra, posterior ao ano de 1964, que coincide com a abertura das Escolas Anexas ao Colégio Estadual. Nesta segunda fase, foi possível perceber uma sistematização da disciplina escolar, com rotinas, horários e conteúdos mais definidos. Neste contexto, um conteúdo ganhou relevância: o esporte. Percebemos que os esportes estiveram presentes nas aulas de Educação Física, distribuídos em temporadas, e nos vários campeonatos esportivos estudantis, com destacada participação das equipes do Colégio Estadual. Vale ressaltar que o esporte praticado enfatizava princípios educativos e de socialização dos jovens, isto é, a competição e a aptidão física não foram destacadas como o principal objetivo. Assim, foi possível perceber que a constituição da Educação Física guardou relação com as práticas esportivas da cidade e com a formação de professores na Capital, o que possibilitou uma conformação singular para essa disciplina no Colégio Estadual de Minas Gerais.

Palavras-chave: História da Educação; História da Educação Física, Colégio Estadual de Minas Gerais.

ABSTRACT

This paper investigated the scholarization process of the Physical Education subject at the Colégio Estadual de Minas Gerais. Its intention was to understand the design of the subject in this institution with its routines, schedules, teachers, contents, spaces and available materials, among other elements that make it. The understanding of those elements allowed the formation of a narrative about the history of the subject Physical Education of the Colégio Estadual, between the years of 1956 and 1973. In 1956, first year researched, there was the opening of the new building of the school, projected by the architect Oscar Niemeyer. From the opening of this building we can see two phases that changed the way the school was structured: until 1964 a school with its activities taking place in the building recently inaugurated and after 1964, with the building of the Escolas Anexas, that functioned in other neighborhoods and had as intention to increase the number of elementary school vacancies at the Capital. We realized that this structure allowed a new organization of the institution and, also, the circulation of other people in the place. The Escolas Anexas became independent in the year of 1973, what marked the end of the time frame for this paper. In the investigation sources of different and kinds and nature were mobilized, like newspaper news researched at the Hemeroteca Publica Luiz de Bessa, the documents of the archive of the Escola Estadual Governador Milton Campos (statute of institution, class diaries, classes schedules, list of teachers, check in book, minutes book and photographs), the archive of CEMEF-UFMG (Bulletin of Physical Education, classes plans of admission exams and documents from the personal archives). Besides, interviews were conducted with individuals who took part on the institution`s history, seven men and one woman, former students and former teachers, which constituted the oral sources. The crossing of sources allowed us to say that the Physical Education at Colégio Estadual was singular. It was marked by two phases: one by the year 1964, which demonstrates a process of structuring and organization of the subject, called by the former students as “messed” and another, after the year 1963, which matches with the opening of Escolas Anexas of the Colégio Estadual. In this second phase we notice a systematization of the school subject, with schedules, contents and more defined routines. In this situation, one content gained relevance. The sports activities were present during the physical education classes, distributed into seasons and in various students sports championships, with highlighted participation of teams from Colégio Estadual. It’s important to notice that this sport that was practiced emphasizing principles of education and socialization of young people, since competitions and physical performance have not been highlighted as the main goal. Therefore, it was possible to perceive that the constitution of Physical Education, was related with the city's sports practices and the teacher’s formation in the Capital, which provided a unique conformation for that subject in the Colégio Estadual de Minas Gerais.

Keywords: History of Education, History of Physical Education, Colégio Estadual de Minas Gerais.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos Entrevistados.....	39
Quadro 2 – Relação dos Conteúdos das aulas de Educação Física.....	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lista dos formandos pela Escola de Educação Física de Minas Gerais.....	43
Figura 2 - Alcides Rocha caminhando nas quadras da Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais.....	47
Figura 3 - Alcides Rocha e alunos.....	48
Figura 4 - Professor Odilon Barbosa e Alcides Rocha.....	48
Figura 5 - Professor Lincoln Raso e alunos.....	49
Figura 6 - Praça de Esportes em construção.....	82
Figura 7 - Professor Odilon Barbosa e alunos: volta no quarteirão.....	100
Figura 8 - Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais.....	101
Figura 9 - Carta dos alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais à Federação Sueca de <i>Hand-ball</i>	109
Figura 10 - Apresentação de Ginástica – parte feminina.....	111
Figura 11 - Apresentação de Ginástica – parte masculina.....	111
Figura 12 - Apresentação de Ginástica na Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais.....	112
Figura 13- Desfile de abertura dos Jogos da Primavera.....	130

LISTA DE SIGLAS

ACERCE	Associação Cultural, Esportiva e Recreativa do Colégio Estadual
ACM	Associação Cristã de Moços
CEMEF/UFMG	Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer
C.M.E.F.	Centro Militar de Educação Física
DED	Departamento de Educação Física e Desportos
D.E.F.	Divisão de Educação Física
D.I.	Departamento de Instrução da Polícia Militar – Minas Gerais
EEF.MG	Escola de Educação Física de Minas Gerais
ENEFD	Escola Nacional de Educação Física e Desportos
F.M.F.S.	Federação Mineira de Futebol de Salão
F.M.V	Federação Mineira de Voleibol
FUME	Federação Universitária de Esportes
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e da Cultura
MHAB	Museu Histórico Abílio Barreto
SESI	Serviço Social da Indústria
UEC	União Estudantil Colegial
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
CAPÍTULO I DELINEANDO O ESTUDO: COLÉGIO ESTADUAL DE MINAS GERAIS, QUE ESCOLA É ESSA?	20
Sobre a Educação Física em Belo Horizonte – O desenho de uma disciplina.....	25
Vestígios da Educação Física no Colégio Estadual: acervos e fontes.....	33
A realização das Entrevistas.....	38
Os sujeitos dessa história	41
A “cara” da Educação Física do Colégio Estadual: Professor Odilon Barbosa e Professor Lincoln Raso	49
CAPÍTULO II A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SECUNDÁRIO: ORIENTAÇÕES PRESENTES NOS ORDENAMENTOS LEGAIS	51
Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942).....	52
Divisão de Educação Física – Difusão Nacional da Educação Física.....	54
O Boletim de Educação Física (1956 e 1957)	56
O clima político e o ordenamento legal para a Educação Física: década de 1960.....	63
Formação de professores de Educação Física.....	68
O Regimento do Colégio Estadual: presença da Educação Física.....	71
CAPÍTULO III O DESENHO DE UMA DISCIPLINA: A EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO ESTADUAL DE MINAS GERAIS	75
Vestígios de uma Disciplina	77
A Educação Física: em processo de constituição.....	79
A afirmação de uma disciplina?.....	89
Uma disciplina obrigatória: a presença dos alunos.....	93
Os Exames: Práticos e Médico Biométrico.....	95

Espaço Físico – Instalações e materiais disponíveis.....	99
Conteúdos: planejamento e seleção de saberes	101
As aulas de Educação Física: por que não ter?.....	112
Departamento Central: um modelo pedagógico para os Anexos?.....	113
CAPÍTULO IV EVENTOS ESPORTIVOS: CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	
DO COLÉGIO ESTADUAL.....	115
Os Torneios Esportivos: a participação do Colégio Estadual.....	116
A MarEsta	117
Jogos da Primavera e Taça Amizade: jogando contra outras escolas de Belo Horizonte.....	127
Outros Torneios: interAnexos, jogos ginásiais colegiais, torneios de despedida, torneio de Futebol de Salão, torneio de Voleibol Estadual x seleções, Atletismo (corrida).....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	145
FONTES.....	154
APÊNDICES	158
ANEXOS.....	164

APRESENTAÇÃO

Este estudo aborda a disciplina escolar Educação Física oferecida no Colégio Estadual de Minas Gerais, em Belo Horizonte, entre os anos de 1956 e 1973. O encontro com essa instituição escolar aconteceu durante investigações anteriores, desenvolvidas pelo grupo de pesquisa do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF/UFMG). Em uma dessas investigações, que teve como objeto a prática do Handebol em Minas Gerais, o Colégio Estadual de Minas Gerais ganhou destaque como lugar de realização intensa da modalidade, com grande envolvimento de professores e alunos, dentro e fora da Escola.¹ Em outro projeto, relacionado à História Oral, que investigou algumas práticas esportivas em Belo Horizonte, a saber, a Peteca, o Futebol de Salão e as Ruas de Recreio, os depoentes indicaram o Colégio Estadual como lugar de desenvolvimento de práticas esportivas. Ficou evidente a presença do Futebol de Salão na Escola e fora dela, assim como do Handebol. Na pesquisa sobre o Futebol de Salão, um dos professores de Educação Física se destacou como possível precursor e divulgador deste esporte em Belo Horizonte e em Minas Gerais.²

A participação nessas pesquisas instigou novas perguntas. Por que a presença desses esportes no Estadual?³ Quais os motivos que atraíam um elevado número de praticantes? Buscou-se, principalmente, saber que práticas realizadas nessa escola guardavam relação com modalidades esportivas e, ainda, se seria a Educação Física a disciplina responsável por divulgá-las. Dessa forma, esta pesquisa de Mestrado foi se desenhando na interface entre a História da Educação Física e a História da Educação.

Percebemos, então, que o Colégio Estadual de Minas Gerais foi uma instituição singular em Belo Horizonte, a merecer um olhar apurado. Em geral, trata-se de uma escola identificada como um lugar que, além da grande presença de práticas esportivas, foi também uma referência de qualidade de ensino. Existem indícios de que esta instituição era modelar para outras. Segundo o Regimento do Colégio Estadual, de 01/08/1953, publicado no Jornal

¹ Arantes, G.A. A História do Handebol em Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

² Projeto “Coleção História Oral: Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1980)”, desenvolvido pelo grupo de pesquisadores do CEMEG/UFMG, 2010-2011.

³ Para tratar do Colégio Estadual de Minas Gerais, ao longo do texto, foram atribuídas a ele nomenclaturas equivalentes, como: Colégio Estadual, ou Estadual, ou Estadual Central.

Minas Gerais, a escola foi considerada como “estabelecimento padrão”, a ser seguido na sua maneira de organizar o seu ensino, e em seu arranjo administrativo.⁴

Temos assim um Colégio que parece ter sido um lugar de circulação de professores, de inovações esportivas e de conhecimentos sobre a Educação Física. Além disso, um local responsável pela formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte. Nas décadas de 1960 e 1970, professores do Colégio e de outras escolas, esportistas e alunos frequentavam o estabelecimento. Alguns professores afirmam que o Estadual era um lugar para a aprendizagem de novas práticas esportivas, e para a troca de experiências e estudos, como, por exemplo, a realização de leituras de obras em línguas estrangeiras e discussões sobre metodologias de ensino.⁵ Com esses indícios, nos interessou conhecer a disciplina Educação Física dessa escola e detectar quais as suas características que permitiram esse trânsito de pessoas.

Priorizamos, então, compreender como a disciplina Educação Física ganhou forma e desenhou uma cultura escolar muito singular. As proposições de Ivor Goodson (1990) e Andre Chervel (1990) sobre a história do currículo e a história das disciplinas escolares, respectivamente, colaboram no entendimento de que uma disciplina é constituída por diversos elementos. É configurada nas relações entre a sua economia interna e o ambiente escolar. Optamos pelo exercício de especificação do objeto, em detrimento de análises panorâmicas, visto que as disciplinas comportam múltiplos conteúdos e saberes, conjuntos de métodos, modos de avaliação, professores, finalidades e objetivos, formações docentes, relações com outras disciplinas e com a escola, etc.

Buscamos neste estudo contribuir com a escrita de uma história capaz de evidenciar que os currículos e as disciplinas portam uma historicidade, que são permeados por permanências e discontinuidades, conflitos, lutas de interesses e elementos de estabilidade. A história da disciplina Educação Física será aqui construída a partir de suas relações com um contexto escolar próprio. Dessa maneira, o objeto de pesquisa é a Educação Física e o seu processo de escolarização no Colégio Estadual de Minas Gerais, compreendido na temporalidade de 1956 a 1973.

⁴ A Portaria N. 360 determinou o Regimento do Colégio Estadual de Minas Gerais, em 01/08/1953. O Regimento se torna extensivo às outras instituições de Grau Médio ou Secundário do estado. *Jornal O Diário*, 11/09/1956, p.8, “Comemorando o dia do reitor do Colégio Estadual”. *Jornal O Diário*, 25/01/1963, p.5, “Secundaristas ameaçados de não terem as 4500 vagas que o governo prometeu”.

⁵ José Atayde Lacerda. Depoimento Oral – CEMEF; e Ivany de Moura Bonfim. Depoimento Oral – CEMEF.

O recorte temporal inicial, 1956, refere-se à data de inauguração da nova sede da escola, localizada no bairro Santo Antônio. O edifício foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a pedido do então Governador do estado, Juscelino Kubitschek. Conforme Aleluia Teixeira, o conjunto arquitetônico era um “símbolo do modernismo, foi projetado para o jovem secundarista, sendo, portanto, um lugar da juventude e de suas atividades escolares e culturais” (TEIXEIRA, 2011, p.11).

A partir da inauguração desse prédio, percebemos dois percursos que alteram a forma de a escola se estruturar, como apontado no estudo de Teixeira (2011). A autora sugere que a instituição possuiu duas fases, uma entre os anos de 1956 e 1964, quando seu funcionamento se restringia ao prédio recém-inaugurado, e outra posterior a 1964, quando ocorreu a abertura de unidades anexas à escola, ampliando o número e alterando o perfil dos alunos.

O estudo de Aleluia Teixeira (2011) teve como objetivo indagar sobre a identificação do Colégio Estadual como um lugar de excelência acadêmica, de presença intensa da cultura e da liberdade produzidas pela memória coletiva, entre os anos de 1956 e 1964. Para tanto, a autora destaca algumas características dos alunos dessa escola, como a origem social, o engajamento político, os grupos dos quais participavam, entre outras. Vale ressaltar que no contexto do Ensino Secundário brasileiro o número de vagas era reduzido; até o início da década de 1960, apenas poucos jovens tinham acesso a esse nível de escolaridade.

Nas décadas de 1950 e 1960, intensificou-se em âmbito nacional o projeto de expansão das vagas do Ensino Secundário que, segundo Souza (2009), já vinha ocorrendo durante quase duas décadas, de 1942 a 1961, e previa maior acesso ao Ensino Superior e diminuição do número de analfabetos. Nessas décadas, o Ensino Secundário foi caracterizado como uma espécie de “passaporte” para a universidade – “era o melhor caminho de acesso ao ensino superior” (NUNES, 2000, p.45). O Ensino Secundário era destinado, principalmente, às elites e à formação de individualidades condutoras. Para ingressar nos Ginásios, era necessária a aprovação nos exames de admissão; “a seletividade do ensino secundário era agravada por esse exame”, que significava uma “senha de ascensão social” (NUNES, 2000, p.45). Nunes (2000, p.56) afirma também que, nos anos do regime militar, “a política autoritária adotou com relação ao ensino secundário de primeiro ciclo, entre outras, as metas de expansão das oportunidades educativas e reformulação curricular”. Ainda segundo a autora, o maior acesso a esse nível de escolaridade ocorreu pelo crescimento horizontal – aumento do número de ginásios, e pelo crescimento vertical – aumento do número de matrículas por estabelecimento.

No caso do Colégio Estadual, os exames de admissão foram responsáveis por selecionar uma elite habilitada para pertencer àquele lugar. Era necessária uma boa formação primária e, às vezes, frequentar cursos preparatórios para ser aprovado nesse exame. Com o aumento do número de vagas, em 1964, a concorrência diminuiu e, assim, outros jovens, além dos membros da elite, tiveram acesso ao Ensino Secundário. Como citou Teixeira, alterou-se “o perfil da clientela” (2011, p.180-181). Além disso, a autora afirma que o ano de 1964 trouxe outras rupturas, que modificaram a escola e diminuíram a qualidade do ensino, como: “condições de trabalho dos professores; a mudança da direção; o governo militar; crescimento da cidade; dentre outros” (idem).

Vale notar que foi a composição de Escolas Anexas que autorizou a denominação de Colégio Estadual Central, já que a escola que funcionava no bairro Santo Antônio era o núcleo de todas as unidades anexas. Foram vinculadas ao Colégio Estadual unidades nos bairros Gameleira, Sagrada Família, Serra, Lagoinha e Coração de Jesus, além dos Anexos II e III, localizados ao lado do prédio principal, direcionados para o Curso Ginásial. Operamos com a hipótese de que essa configuração ramificada da escola pode ter modificado a organização curricular das disciplinas, permitindo a circulação de sujeitos e práticas, como possibilidade de articulação entre as Escolas Anexas e a Unidade Central. Em estudos anteriores, encontramos indícios de que professores de Educação Física das Escolas Anexas frequentaram o Departamento Central com o intuito de aprimorar o conhecimento sobre determinadas práticas esportivas.⁶

Assim, foi intenção deste trabalho conhecer a Educação Física realizada nestas duas fases: uma primeira, com as atividades concentradas na unidade projetada por Oscar Niemeyer, e outra com a expansão do número de vagas e abertura dos Anexos. Em 1973, marco final do estudo, o Departamento Central e o Ginásio Anexo Santo Antônio formaram uma unidade autônoma de Segundo Grau, desvinculada dos outros anexos; foi, então, denominada Escola Estadual de 2º Grau Governador Milton Campos, pelo Decreto n. 15.248, de 9 de fevereiro de 1973.⁷ Pode-se pensar que a instituição deixa de ser “central”. No entanto, percebe-se a permanência do nome Colégio Estadual Central, ainda nos dias atuais.

⁶ Arantes, G.A. A História do Handebol em Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

⁷ Regimento da Escola Estadual Milton Campos. Histórico da Instituição (1973) e informações retiradas do endereço eletrônico da Escola Estadual Governador Milton Campos (Disponível em <http://www.colegioestadualcentral.com.br/>).

Tendo a Educação Física no Colégio Estadual Central como objeto, consideramos necessário olhar para as formas de organização dessa escola, perceber as intenções estabelecidas e as relações instituídas com a disciplina. Atentamos para o fato de que a circulação de práticas e sujeitos oriundos desse colégio e das outras unidades constituiu singularidades e modos diferentes de fazer Educação Física.

Esses argumentos se apoiam nas proposições de André Chervel (1990), quando este explicita que as instituições escolares fazem parte de um conjunto complexo de objetivos entrelaçados, uma vez que as disciplinas escolares, parte desse todo, “estão no centro desse dispositivo. Sua função consiste, em cada caso, em colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa” (CHERVEL, 1990, p.188). É preciso entender as finalidades da escola e a maneira como ela se organiza, para entender o porquê da presença de cada disciplina e dos conteúdos ensinados por ela.

Assim, entendemos que as disciplinas são constituídas por dispositivos diversos, tanto internos como externos à própria escola. As disciplinas participam da construção de cada instituição, com projetos educacionais próprios. Sua presença nas escolas pode ser justificada por um fim próprio, ou por uma intenção do estabelecimento de ensino, o que nos permite pensar que as disciplinas são modeladas e modelam a escola.

Pareceu-nos que a configuração construída para a Educação Física no Colégio Estadual encontra-se permeada por variadas relações que os professores desta disciplina estabeleceram com a escola, com os Anexos, com a cidade, com o esporte e com os outros modos de fazer Educação Física.

Dessa forma, este estudo se organiza da seguinte maneira: no Capítulo I, intitulado “Delineando o estudo: Colégio Estadual de Minas Gerais, que escola é essa?”, apresentamos os recortes estabelecidos, o *corpus* documental mobilizado e as metodologias de pesquisa. Além disso, são mostrados elementos de contextualização do Colégio Estadual de Minas Gerais e da disciplina Educação Física em seu processo de *escolarização* em Belo Horizonte, durante o século XX.

No Capítulo 2, denominado “A Educação Física no Ensino Secundário: orientações presentes nos ordenamentos legais”, a disciplina Educação Física é tratada quanto ao seu aspecto normativo, no âmbito nacional e local. Desde a década de 1940, vinha ocorrendo um movimento de ordenamento legal da Educação Física no Ensino Secundário, com prescrições sobre o modo do fazer escolar, tais como horários, especificações para o corpo docente e para

a estrutura física e material dos estabelecimentos, práticas curriculares atribuídas à disciplina (provas, exames médicos biométricos, competições) e outros elementos das rotinas e das finalidades.

No Capítulo 3, “O Desenho de uma disciplina: a Educação Física do Colégio Estadual de Minas Gerais”, a ênfase recai sobre a história da disciplina Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais. Para a construção da narrativa, a história da disciplina foi dividida em duas partes: um momento de constituição, entre a sua ausência e a sua presença (1956-1964) e um período de afirmação (1964-1973). Assim sendo, destacamos os seus tempos e espaços, suas rotinas, os conteúdos e outras práticas escolares.

No Capítulo 4, intitulado “Eventos esportivos: conteúdos da Educação Física do Colégio Estadual”, discutimos as relações entre o esporte e a Educação Física do Estadual, identificando e analisando as circunstâncias nas quais essas práticas se aproximam ou se distanciam. Ficou evidente a presença dos treinamentos e torneios, como parte das aulas de Educação Física; e de um envolvimento dos professores com a seleção de esportistas, durante as aulas, para representar o Estadual em competições entre escolas e clubes.

CAPÍTULO I

DELINEANDO O ESTUDO: COLÉGIO ESTADUAL DE MINAS GERAIS, QUE ESCOLA É ESSA?

O ano era 1956, o dia, 19 de março. Nessa data começaram as aulas no Colégio Estadual de Minas Gerais. Era a inauguração da nova sede, projetada por Oscar Niemeyer, que foi encomendada pelo Governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, em 1954. Discutia-se na época a necessidade de um lugar adequado para a escola, que até então estava funcionando em prédios públicos improvisados, o que limitava o número de vagas e prejudicava a qualidade do ensino.

Uma escola considerada referência para Minas deveria possuir um lugar físico adequado, que expressasse a sua importância no cenário da Educação Mineira. Uma nova sede, construída segundo os preceitos da educação moderna, atenderia a necessidade de expansão do espaço para comportar o número de alunos da escola, assim como aumentaria o número de vagas para o Ensino Secundário, um projeto nacional para a educação.

O diretor do Colégio, Heli Menegale, em entrevista cedida ao Jornal Diário de Minas, em 31 de janeiro de 1953, já anunciava justificativas para o investimento em tal iniciativa: “o colégio tem sido responsável pela evolução cultural de nossa terra nos últimos cem anos”, e, além disso, “é um dos dois melhores colégios do Brasil”. Segundo Menegale é “velha a necessidade de ampliação das instalações materiais da grande casa de ensino”, pois a escola já não comportava os alunos, uma vez que “o colégio está superlotado, o que ameaça prejudicar-lhe a vida [...] de ano para ano avoluma o número dos que procuram o Colégio Estadual, atraídos pela sua fama da excelência do seu ensino principalmente, e pela sua condição de colégio gratuito”, entre outros argumentos que foram produzindo representações sobre o colégio.⁸

Na imprensa encontramos, por ocasião das datas celebrativas dessa escola, versões sobre o seu “mito de origem”. Além disso, a Instituição produziu versões da sua própria história nos documentos intitulados Regimentos Internos da Escola.⁹ Essas fontes apontam, no

⁸ Reportagem do Jornal O Diário de Minas, de 31 de janeiro de 1953. Recorte de jornal do livro de recortes de jornais do arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

⁹ São referências aqui os Regimentos da Escola Estadual Governador Milton Campos dos seguintes anos: 1973, 1976, 1981, 1993. Estes documentos foram localizados no Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

geral, duas hipóteses. Uma, que considera que o Colégio Estadual de Minas Gerais é uma continuação de várias outras instituições que funcionaram em Ouro Preto, significando uma sequência. Outra, que afirma que houve apenas uma instituição anterior, o Ginásio Mineiro, pois a criação deste Ginásio de Ensino Secundário significou uma ruptura da estrutura da escola com as antigas instituições, um rompimento com o passado. No entanto, ambas concordam ser essa a instituição de Ensino Secundário mais antiga do estado.

Em reportagem do jornal Diário de Minas¹⁰, de setembro de 1954, são apresentadas essas duas versões sobre a possível origem da escola. Uma delas, sobre a continuidade das instituições, considera que a elementar é o Colégio Público de Ouro Preto, criado em 1839, mas que não funcionou por muito tempo. Depois de uma interrupção, em 1851 foi aprovada a criação do Liceu Mineiro, que somente em 1854 iniciou suas atividades. Outra suspensão de funcionamento da escola ocorreu em 1860, retornando à ativa, sob a mesma denominação, apenas em 1872. Em 1890, o Governador Bias Fortes criou o Ginásio Mineiro, com internato funcionando em Barbacena e externato na Capital (Ouro Preto e, posteriormente, Belo Horizonte), substituindo o Liceu Mineiro.

A outra versão pondera que as interrupções significaram quebra na estrutura da escola, não sendo, assim, possível que ela seja uma continuação da instituição de 1839. E ressalta que o Colégio Estadual de Minas Gerais é uma continuação do Ginásio Mineiro de 1890, que até 1956 tinha mudado de sede diversas vezes, mas afirma que esses episódios não interromperam o funcionamento da escola.¹¹

O Ginásio Mineiro, fundado em 1890 em Ouro Preto, foi “a primeira instituição pública de Ensino Secundário de Minas Gerais a ser equiparada ao Ginásio Nacional”, pelo Decreto n.260, de 1º de dezembro de 1890. O currículo era modelado segundo o do Ginásio Nacional da capital da República (Teixeira, 2004, p.10). A denominação Ginásio Mineiro permaneceu até 1943, ano em que a escola passou a se chamar Colégio Estadual de Minas Gerais, pelo Decreto n. 11.942, de 17 de março.

Em 1898, um ano após a mudança da capital para Belo Horizonte, a escola também foi transferida, o que implicou sucessivos improvisos quanto aos prédios que serviriam à

¹⁰ Jornal Diário de Minas, 22 de setembro de 1954.

¹¹ Jornal Diário de Minas, 22 de setembro de 1954.

instituição.¹² Não eram espaços criados com a intenção de abrigar escolas, foi preciso adaptá-los para esse novo fim. A precariedade era enorme e atingia todas as disciplinas, inclusive a cadeira de Ginástica, que ficou suspensa durante o ano de 1899 (TEIXEIRA, 2004).

A falta de espaço físico e o uso de edifícios adaptados permaneceram durante a primeira metade do século XX. Somente na década de 1950, quando os espaços já não eram suficientes para as suas demandas, pensou-se na construção de uma sede nova, moderna e adequada às novas exigências. Além disso, para o Ensino Secundário, foi exigida a expansão do número de vagas.

Nesse contexto, o ano de 1956 representou um marco, pois foi quando ocorreu a transferência para a nova localização da escola, no bairro Santo Antônio.

O conjunto arquitetônico, assinado por Oscar Niemeyer, ele próprio, símbolo do modernismo, foi projetado para o jovem secundarista, sendo, portanto, um lugar da juventude e de suas atividades escolares e culturais. Comportava no seu traçado um universo cultural no qual parte dos jovens de Belo Horizonte participava num movimento de trocas com outros espaços, instituições e pessoas da cidade. (TEIXEIRA, 2011, p.11)

Há motivos para compreendermos por que se preservou certa memória sobre a escola em questão, lembranças que foram construídas e permaneceram ao longo do tempo. São atribuídas ao Colégio Estadual de Minas Gerais as seguintes características: é tradicional, por estar inserido em Belo Horizonte e preocupado com o Ensino Secundário da Capital durante muitos anos; estudaram nele diferentes alunos, em diferentes épocas, e muitos se tornaram conhecidos publicamente; é tido como referência educacional e esportiva; entre outras.

Essas atribuições permitiram a produção de um imaginário social sobre a escola. A memória de determinados fatos e a forma como cada sujeito se expressa com relação às imagens criadas a respeito do passado designam uma identidade própria desse passado. Assim, determinam papéis, posições sociais, importância dos episódios, hierarquização dos saberes, entre outras coisas.¹³

¹² Teve sede em um prédio da Praça Afonso Arinos, depois na Rua da Bahia e, posteriormente, foi para o bairro da Serra. Já desenvolveu suas atividades em dois locais da Avenida Augusto de Lima, primeiramente onde se encontra hoje o centro de exposições Minascentro e, logo depois, em 1943, ganhou nova sede onde hoje se localiza o Fórum Milton Campos.

¹³ Operamos aqui com a noção de imaginário social desenvolvida por Bronislaw Baczko (1985), que se refere aos conjuntos de representações e de signos sociais que são produzidos historicamente e que passam a simbolizar os espaços, as práticas e os acontecimentos; estes se tornam reconhecidos por todos.

Vale ressaltar que, mesmo reconhecendo tais elementos de tradição como constituintes das representações do Colégio Estadual, o estudo retrata a instituição da década de 1940, denominada Colégio Estadual de Minas Gerais, ainda sob funcionamento precário, em março de 1943.¹⁴

Permaneceram na memória dos sujeitos que foram estudantes do Estadual entre as décadas de 1950 e 1970 algumas especificidades daquela escola e da Educação Física nela realizada. É rememorada como uma instituição com forte presença do esporte. Notamos a presença de esportistas no cotidiano da escola, os quais a representavam em competições.

Uma dessas competições foi denominada de “MarEsta”, e caracterizava as disputas esportivas entre duas instituições públicas, o Colégio Marconi (Mar) e o Colégio Estadual de Minas Gerais (Esta). Os jogos significavam para a escola vencedora uma superioridade esportiva e intelectual, como citado pelos depoentes de outras pesquisas.¹⁵ É possível que a aproximação territorial dos dois colégios, Estadual e Marconi, e o fato de serem ambos colégios de Ensino Secundário Público na Capital, tenham intensificado o clima de rivalidade entre as duas instituições.

Podemos afirmar que foram produzidas algumas representações sobre o Estadual e a sua Educação Física.¹⁶ A identificação dessa escola como lugar de excelência e “escola de referência em Minas” guarda relação com os vários símbolos sociais que permitiram a produção de uma representação da escola, a qual pode ser percebida ainda nos dias atuais. É comum identificar ou escutar frases de antigos alunos, professores, ou da comunidade em geral que reverenciam o tempo do Colégio Estadual como uma boa época, com uma educação de qualidade, com jovens engajados e preocupados com o país, como algo que não existe mais e que dificilmente voltará a existir.

¹⁴ “Pelo Decreto n 11.942, de 17 de março de 1943, assinado pelo Presidente da Republica, Getúlio Dorneles Vargas, ex-aluno do estabelecimento, o Ginásio Mineiro de Belo Horizonte foi autorizado a funcionar como Colégio Estadual de Minas Gerais, em face da Lei Orgânica de Ensino Secundário e do Decreto-Lei Federal n 4.245, de 9 de abril de 1942.” - Regimento Interno da Escola Estadual Governador Milton Campos, 1º e 2º graus) - 1976 – Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

¹⁵ Arantes, G.A. A História do Handebol em Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010. Projeto “Coleção História Oral: Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1980)”, desenvolvido pelo grupo de pesquisadores do CEMEG-UFMG, 2010-2011.

¹⁶ A noção de representação proposta por Roger Chartier diz sobre a construção de realidades e identidades, a construção de modos de ver o mundo em diferentes lugares e tempos. São “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17). A construção de realidades é produto da interface entre as várias práticas sociais.

Este estudo tem, então, a intenção de trazer a Educação Física e suas particularidades para a cena principal. Se o espaço educa, se proporciona práticas pedagógicas diferenciadas e se os sujeitos são fundamentais para que essas ações aconteçam, como a Educação Física utilizou-se desse panorama em sua inserção na escola, no período demarcado entre 1956 e 1973?

Vale ressaltar que quando a sede foi transferida para o edifício projetado por Oscar Niemeyer, este não estava pronto. Era um espaço ainda em construção, como evidenciado no *Jornal Estado de Minas*, na matéria “Passará a funcionar em seu novo edifício o Colégio Estadual”¹⁷, que traz uma descrição dos prédios e espaços da escola. Com relação ao local destinado às práticas da Educação Física, ou seja, a Praça de Esportes, a mesma é assim apresentada:

No quarteirão fronteiro ao colégio Estadual, já está sendo construída a majestosa Praça de Esportes destinada ao uso dos alunos e professores do estabelecimento. A Praça contará com locais apropriados à prática de todos os esportes, inclusive com aparelhamento especializado para a ginástica e educação física.¹⁸

É importante considerar que a marca da excelência educacional aparece outras vezes ao longo da história da instituição, por meio de equiparações a outras escolas. Em 17 de março de 1915, foi reafirmada essa excelência, quando o estabelecimento foi equiparado ao Colégio Pedro II, pelo Decreto Federal n.11.942, pela segunda vez.¹⁹ No entanto, percebemos também que essa excelência não é lembrada apenas pela legislação, ou pelo índice de aprovação no Ensino Superior Público, como, também, pelos depoimentos de alguns ex-alunos e ex-professores da escola. A excelência esportiva propalada, as vitórias, os diversos campeonatos, as excursões para participar de campeonatos e a forte presença dos esportes na escola também são evidenciadas e a representam. Durante a realização da pesquisa com as fontes, percebemos uma forte relação entre o esporte e a Educação Física nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

¹⁷ *Jornal Estado de Minas*, de 18 de março de 1956, e *Regimento do Colégio Estadual*, de 1973.

¹⁸ *Jornal Estado de Minas*, de 18 de março de 1956.

¹⁹ *Regimento do Colégio Estadual de Minas Gerais: "ensinar o grau médio ou secundário"*, publicado no *Jornal Minas Gerais*, em 02 de agosto de 1953. Recorte de jornal do livro de recortes de jornais do arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

A produção acadêmica sobre o Colégio Estadual é ainda escassa. No âmbito da História da Educação e da História da Educação Física, encontramos os trabalhos de Aleluia Teixeira (2004 e 2011): a dissertação de Mestrado, que teve como objeto a investigação da Ginástica como prática construtiva de uma cultura escolar do Ginásio Mineiro (1890 – 1916); e a tese de Doutorado, que indagou sobre a produção da memória coletiva de excelência educacional do Estadual, ambos realizados no âmbito das pesquisas em História da Educação. Outros trabalhos – como o de Márcia Fontoura Trad e Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos (2006), com análise demarcada pelo campo sociológico – também tiveram o Colégio Estadual como objeto de estudo e priorizaram as trajetórias de estudantes secundaristas da década de 1960, pertencentes às camadas populares.²⁰

Pode-se afirmar que a Educação Física do Colégio Estadual está inserida na história da Educação Física de Belo Horizonte; além disso, guarda relação com a experiência de constituição dessa disciplina escolar em períodos anteriores. Sendo assim, foi necessário compreender como se deu esse processo.

Sobre a Educação Física em Belo Horizonte – O desenho de uma disciplina

A Educação Física em Minas Gerais e, mais especificamente, em Belo Horizonte, apresentou ao longo dos anos diferentes configurações, influências e maneiras de fazer. Desde o final do século XIX, as denominações de *Gymnastica* e *Exercícios Physicos* à prática de atividades físicas caracterizaram uma forma de inserção da escola. Os conteúdos das aulas justificam a sua presença e a sua legitimação.

Alguns trabalhos investigaram o movimento da Educação Física em Belo Horizonte, entre as décadas finais do século XIX e início do século XX, e refletem esse movimento constante de legitimação da disciplina Educação Física frente a um modelo de escola que era pretendido. Em especial, destacamos os estudos de Tarcísio Mauro Vago (2002), sobre o enraizamento da Educação Física no Ensino Primário de Belo Horizonte; de Giovanna Camila Silva (2009), sobre o papel da Inspeção de Educação Física como proponente de modelos de Educação Física; e de Miguel Fabiano de Faria (2009), sobre a *Revista de Ensino* como

²⁰ Em Minas Gerais, além dos estudos sobre o Ensino Secundário no Ginásio Mineiro e no Colégio Estadual de Minas Gerais, também destacamos o estudo de Giseli Cristina do Vale Gatti (2013), que teve como objeto o Ginásio de Uberlândia (1922-1950).

responsável por prescrever práticas e fazer circular representações de Educação Física, sendo esses dois últimos caracterizados como projetos de formação de professores. Por fim, ressaltamos o já citado estudo sobre a Ginástica no Ginásio Mineiro, de Aleluia Heringer Lisboa Teixeira (2004). São essas pesquisas que ajudam a compreender a *escolarização* da Educação Física ao longo dos anos. Percebe-se que algumas práticas culturais e sociais, articuladas com a Educação Física, com as atividades físicas – como os jogos e esportes, entre outras – foram se inserindo na escola e se tornando conteúdos das aulas de Educação Física. Cada estudo tem sua especificidade, abordando de diferentes maneiras a *escolarização* da Educação Física e de alguns conteúdos.²¹

Tomamos a noção de *escolarização* proposta por Luciano Mendes de Faria Filho (2002) para compreender como a Educação Física e os seus conteúdos foram se inserindo na escola. O autor destaca como os “processos e políticas concernentes à organização de uma rede, ou de redes, de instituições” (FARIA FILHO, 2007, p.194) são responsáveis pelo ensino e pela sistematização do mesmo.

A Inspeção de Educação Física de Minas Gerais foi considerada como um dos locais de formação de professores de Educação Física e como responsável por sua *escolarização*. Tal instituição, objeto de estudo de Giovanna Camila da Silva (2009), determinou, orientou e estabeleceu pressupostos para o ensino dessa disciplina durante os anos de sua existência, de 1927 a 1937. Foi “o primeiro órgão responsável pelo ensino específico das professoras que ministrariam Educação Física nas escolas” (SILVA, 2009, p.14.). Além disso, os programas de ensino das décadas de 1920 e 1930 propuseram as diretrizes para o ensino e selecionaram os conteúdos.

Outra instituição que parece singular é o Ginásio Mineiro e a constituição da Ginástica nesse espaço, objeto de estudo de Aleluia Heringer Lisboa Teixeira (2004). Como referência educacional em Minas Gerais, o ginásio foi um lugar de organização da ginástica e de metodologias de ensino.

²¹ Outros trabalhos tematizam conteúdos da Educação Física e sua *escolarização*, ou então ressaltam questões relativas à formação de professores; no entanto, não tiveram como foco principal a sua inserção na escola e/ou o processo de *escolarização* de conteúdos. Ressaltamos alguns, como o de Eustáquia Salvadorá Sousa (1994), que problematizou questões de gênero na Educação Física em escolas de 1º e 2º graus e nos cursos de formação de professores; o de Elisângela Chaves (2002), que estudou a escolarização da dança em Minas Gerais (1925-1937); o de Almeida Campos (2007), que problematizou o ensino de dança na EEF-MG; o de Cássia Lima (2012), que investigou os cursos de aperfeiçoamento para professores denominados “Jornadas Internacionais de Educação Física”, e o de Moreno & Segantini (2011), sobre a Educação Física escolar no âmbito da formação de professoras.

No estudo de Moreno & Segantini (2011) identificamos a Escola Normal Modelo da Capital como instituição que também estava preocupada com o ensino da Ginástica e interessada em questões relativas à educação do corpo, tema transversal a outras disciplinas, entre 1906 e 1920. Essa escola prescreveu uma maneira de educar os corpos por meio da elaboração de programas de ensino que definiram um tipo específico de Educação Física para as normalistas.

O termo *escolarização* pode ser também empregado para determinar as formas de transmissão de conhecimentos e saberes, se definido como uma “forma escolar de socialização [...] como eixo articulador de seus sentidos e significados” (FARIA FILHO, 2002, p.16.). A escola é a responsável por significar, enquadrar os saberes na sua *forma escolar*²² e, assim, sistematizar e organizar a maneira como será o ensino. Esta configuração está relacionada aos tempos e espaços, à organização e distribuição dos conteúdos ao longo dos anos, modelando como e quando ensinar, entre outras ações escolares.

Nos trabalhos de Vago (2002; 2010), a preocupação do autor circula entre os processos de enraizamento da Educação Física no Ensino Público Primário nas décadas iniciais do século XX e as maneiras estratégicas – por meio da Revista de Ensino de Minas Gerais – usadas para divulgar os conteúdos e as práticas dos cursos de aperfeiçoamento desenvolvidos pela Inspeção de Educação Física de Minas Gerais, e pela formação de professores na Escola Normal. O autor problematiza a organização da Ginástica dentro do espaço escolar, os momentos destinados à prática, entre as aulas ditas de esforço intelectual, para descansar a mente.

A Ginástica tornou-se obrigatória no Ensino Público Primário, com o estabelecimento dos Grupos Escolares, pela Reforma de João Pinheiro, em 1906. Belo Horizonte era uma cidade recém-inaugurada, com problemas urbanos que precisavam ser solucionados. De acordo com Vago (2010), os corpos das crianças, por exemplo, foram considerados doentios, amarelos, sem alinhamento. Determinou-se como função da escola corrigi-los, formar corpos para a cidade, e capazes de se comportar nesse espaço. Além disso, a Ginástica foi também um recurso higiênico, intercalada aos outros componentes curriculares com o propósito de combater a fadiga escolar. Foi utilizada como dispositivo disciplinar, controladora, impondo aos alunos comportamentos desejáveis. (VAGO, 2010, p.37).

²² Ver: Vicent, Lahire & Thin (2001).

As exigências de cada tempo e as necessidades da escola desenharam caminhos para a ginástica. Era preciso atender as demandas da vida “moderna”, não bastava corrigir e endireitar os corpos; era necessária uma atitude corporal eficiente. Alguns desses preceitos estavam presentes nos discursos da Escola Nova. Era necessário instruir para o trabalho na sociedade e com isso, outros conteúdos foram incluídos, como, por exemplo, os jogos.

Já o estudo Miguel Fabiano Faria (2009) aponta a *Revista de Ensino* como sistematizadora da disciplina na escola, prescrevendo maneiras de distribuir e determinar tempos e espaços específicos para a sua prática.

A *escolarização* se refere, também, ao “ato ou efeito de tornar escolar” (FARIA FILHO, 2007, p.195). Nos estudos mencionados, percebemos vestígios do processo de *escolarização* da Educação Física em Belo Horizonte, suas práticas, suas proposições e pressupostos. Nos estudos de Vago (2002;2010), Faria (2009), Silva (2009) e Teixeira (2004), os métodos ginásticos aparecem como conteúdos das aulas, como nas prescrições do Método Sueco e do Método Francês de ginástica, exercícios naturais, de respiração, jogos, ginástica rítmica, evoluções militares, marchas, esgrima, tiro, *sports* e jogos atléticos, entre outros. A incorporação de cada um desses conteúdos é parte de uma construção histórica. Em diferentes períodos, foi evidenciada a presença de um, de outro, ou até mesmo de várias práticas concomitantes. Os autores exemplificam a diversidade de conteúdos que não são propriamente escolares, mas que se tornam escolares, a partir da Educação Física e de suas ações pedagógicas.

O esporte é uma dessas práticas que a Educação Física incorpora como um de seus conteúdos e torna escolar. Com isso, os valores esportivos adentram a escola, levando suas formas organizativas, divisões de tempos determinadas, maneiras particulares de jogar, etc. A escola, por sua vez, já possui suas rotinas, com tempos delimitados, regras e formas de organização próprias, e, portanto, o esporte é modificado quando inserido em um contexto escolar. Assim, nesse processo, ambos ganham uma nova modelagem.

Em seus estudos, Meily Assbú Linhales (2006) apresenta a paulatina inserção do esporte na escola e suas implicações, tomando como referência as práticas institucionais da Associação Brasileira de Educação nas décadas de 1920 e 1930. As práticas esportivas já estavam presentes na sociedade desde o final do século XIX, mas a autora defende o argumento de que a partir da década de 1920 “essa prática social emprestará decisivamente à escola os seus dotes modernos, e, neste processo, também receberá dela sua forma

socializadora” Neste sentido, tomando a noção de *forma escolar para o esporte*, o esporte é considerado como um conteúdo que modela e ao mesmo tempo é modelado pela escola (LINHALES, 2006, p.95-96).

Os estudos citados mapearam o modo como a Educação Física tem se constituído como disciplina escolar em Belo Horizonte e, além disso, mostraram maneiras de escolarização de saberes da Educação Física como prática escolar. Os autores apresentam hipóteses, baseadas em aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos, para justificar a inserção e o enraizamento da Educação Física nas escolas.

Foi possível perceber que, ao longo dos anos, a Educação Física sofreu influência médica, eugênica, higienista e da instituição militar, delimitando conteúdos, objetivos e legitimando a presença da Educação Física na escola. Entretanto, não são apenas essas as influências. A realização do 1º Congresso de Instrução Pública Primária, a criação da Inspeção de Educação Física, a promoção de cursos de aperfeiçoamento de professores e a circulação de artigos sobre a Educação Física na *Revista de Ensino* também são indícios de uma especificação pedagógica da disciplina.

Dessa maneira, o entendimento de como se deu o processo de escolarização da Educação Física na primeira metade do século XX é importante para a compreensão do lugar que essa disciplina ocupa em Belo Horizonte e ajuda a responder as seguintes perguntas: Onde se dava a formação de professores? Onde os professores de Educação Física do Colégio Estadual se formaram como professores? Quais são as abordagens e os objetivos da Educação Física na Escola? O que mudou com relação às abordagens e aos conteúdos? Quais práticas permaneceram? Quais estão com maior ênfase e por quê? É possível perceber o processo no decorrer da história.

Além disso, com a leitura dessas pesquisas ficou evidente a ênfase dada em estudos históricos sobre o processo de escolarização da Educação Física em Belo Horizonte. Nos últimos anos, o grupo de estudos do Centro de Memórias da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF-UFMG) vem desenvolvendo projetos de pesquisa sobre a formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos, como a circulação de modelos pedagógicos, a apropriação no ensino escolar, os conteúdos, as instituições formadoras, entre outros. Dois projetos em especial – “Circularidade de modelos pedagógicos e formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte: vestígios de práticas no acervo do CEMEF/UFMG (1950-1980)” e “Modelos pedagógicos, formação docente e práticas

escolares: o ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1947-1977)” – guardam relação com este estudo.

O primeiro investigou as práticas realizadas nas atividades acadêmicas da Escola de Educação Física de Minas Gerais e utilizou como elemento central de análise a circulação cultural de modelos pedagógicos.²³ O segundo projeto tem o propósito de aprofundar as investigações sobre os modelos pedagógicos, articulando as práticas escolares de Educação Física e a formação docente. Esta pesquisa de Mestrado sobre a Educação Física no Colégio Estadual compõe um dos eixos desse projeto.

Nas dissertações de Mestrado de Cássia Lima (2012) e de Marcos Campos (2007), a temporalidade se aproxima da deste estudo – décadas de 1950 e 1960. No entanto o tema central é a formação dos professores de Educação Física. São trabalhos que dialogam com este, uma vez que é possível conhecer o contexto de formação de muitos dos professores que atuaram no Colégio Estadual e nas Escolas Anexas, possibilitando relacionar o conhecimento e os conteúdos da formação de professores com suas práticas no cotidiano da escola.

Concordamos com os argumentos de Ivor Goodson (1990) de que as matérias escolares se tornam disciplinas por meio de um processo histórico. Pensa-se que as matérias escolares são criadas por comunidades, que podem ou não ter uma disciplina acadêmica de referência. Para Goodson (1990, p.236), “as disciplinas escolares estão em constante fluxo”; assim, interessa fazer “uma investigação histórica detalhada dos motivos e das ações por trás da apresentação e da promoção das matérias e disciplinas”.²⁴

Nas proposições de Luciano Mendes de Faria Filho (2002/2007), pensar a escolarização dessas práticas – e a própria disciplina escolar – implica pensar em uma série de elementos que a constituem, sugere compreender os tempos e espaços escolares, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares. As disciplinas são caracterizadas como práticas escolares que possuem saberes específicos, sendo a sua presença na escola resultado dos seus

²³ Esse projeto foi desenvolvido por um grupo de professores do CEMEF, sob a coordenação do Prof. Tarcísio Mauro Vago. A pesquisa foi dividida em eixos de estudos: organização de acervos, as Jornadas Internacionais de Educação Física, vínculo Brasil e Alemanha na formação de professores, a biometria na Escola de Educação Física da UFMG, a reforma curricular indeferida de 1974, os dispositivos didáticos e o fundo institucional do acervo de CEMEF/UFMG.

²⁴ A pesquisa de Layton (1972), citada Ivor Goodson (1990, p. 235), faz uma análise do processo de inserção da disciplina de Ciências na escola. Dessa forma, o autor definiu três estágios de evolução de uma matéria escolar. Em um primeiro momento ela ganha espaço no horário escolar; a segunda fase consiste na emersão da tradição acadêmica e de especialistas; em último lugar, os professores constituem um corpo profissional com regras e valores estabelecidos e, conseqüentemente, geram a aceitação de uma matéria. Vale ressaltar que esse não é um modelo fechado e que nem todas as disciplinas se constituem e ganham autoridade dessa maneira.

papéis: político, social e cultural, articulados com as intenções do Estado e da escola. O estudo de uma disciplina específica implica perceber as suas particularidades, os sujeitos articuladores de uma trama, as “tradições”, funções, saberes específicos, os conteúdos; de maneira ampliada, entender como se organizava o seu desenvolvimento e funcionamento (BITTENCOURT, 2003). Essas características e o seu processo de conformação, ao longo dos anos, produziram significados, representações e imaginários de um fazer escolar.

Vale ressaltar que uma disciplina é inserida em uma dinâmica escolar, participa da conformação e configuração da escola e, conseqüentemente, faz parte de uma *cultura escolar*. Assim, tomamos a noção desenvolvida por Dominique Julia, que considera a cultura escolar como:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, é um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas [...]. (JULIA, 2001, p.10) (grifos do autor)

O argumento de Julia (2001) nos instiga a atentarmos para o cotidiano escolar, que é composto por disciplinas escolares, rotinas, regulamentos de funcionamento, sujeitos, práticas educativas, saberes, etc. Complementando o argumento, Marta Carvalho sugere que a instituição escolar é plural e constituída historicamente por “dispositivos científicos, religiosos e pedagógicos” (CARVALHO, 1998, apud VAGO, 2003, p.200). Dessa forma, além de compreender as relações e influências desses dispositivos, é necessário entender a “escola como lugar de organização e produção de uma cultura própria, específica” (VAGO, 2003, p.201).

Destacamos a discussão sobre as disciplinas escolares, tratadas aqui como elementos próprios da cultura escolar, e com características singulares, que dependem do lugar e da época. Chervel (1990) sugere que a cultura escolar é um dos elementos que constitui a disciplina, e, segundo o autor, ela possibilita identificar se o ensino funcionou e se as finalidades das disciplinas foram atingidas, em relação à apropriação das circunstâncias sociais e às influências da escola na sociedade, como explicitado no trecho abaixo.

A história das disciplinas escolares, colocando os conteúdos de ensino no centro de suas preocupações, renova as problemáticas tradicionais. Se é verdade que a sociedade impõe à escola suas finalidades, estando a cargo dessa última buscar naquela apoio para criar suas próprias disciplinas, há

toda razão em se pensar que é ao redor dessas finalidades que se elaboram as políticas educacionais, os programas e os planos de estudo, e que se realizam a construção e a transformação históricas da escola. (CHERVEL, 1990, p.219)

Portanto, a Educação Física do Colégio Estadual é um produto da escola e produz representações sobre a escola. Esta prática educativa foi modelada e modelou, foi responsável por produzir modelos de Educação Física, formas de fazer. Os modelos pedagógicos estão, de certa forma, interligados à cultura escolar (CARVALHO, 2011), produzem formas e prescrições para as disciplinas. E, em um duplo movimento, também são constituídas pela cidade, pelos sujeitos, por conhecimentos em disputas, entre outros elementos. Para Marta Carvalho (2013, p.131) “falar em *modelos* é falar de *objetos culturais* que são produtos de práticas sociais determinadas e que, na sua materialidade, são dispositivos de modelização de práticas”.

Com relação aos modelos pedagógicos de Educação Física que circulavam na Capital, é preciso indagar sobre a relação entre os cursos de formação de professores na década de 1950 e a Educação Física no Colégio Estadual de Minas. Pode-se pensar que a presença de um lugar de formação propício para a discussão da disciplina pode ter sido fundamental para a formação de professores e sua atuação nas escolas. É preciso observar quais ideias eram discutidas na Escola de Educação Física de Minas Gerais, trazidas por professores com formações variadas, de origens diversas. Qual seria o desdobramento dessas distintas formações no cotidiano do Colégio Estadual?

No caso da Educação Física no Colégio Estadual, ela própria foi se moldando de acordo com formas externas e internas que configuram a disciplina. A legislação definiu a quantidade de aulas, ou sessões, como eram denominadas na época, e determinou a presença do professor de Educação Física e a obrigatoriedade da prática pelos alunos. Por esse espaço, circularam e ministraram aulas os professores de Educação Física recém-formados pela Escola de Educação Física de Minas Gerais e, também, por outras Instituições. Além disso, muitos desses sujeitos, professores do Estadual, participaram das Jornadas Internacionais de Educação Física, caracterizadas como um conjunto de cursos que ocorreram entre 1957 e 1962, com o intuito de atualizar e aprimorar os conhecimentos dos professores de Educação Física do Estado. Entre os participantes estavam os graduandos e os professores, e havia, também, a presença de professores estrangeiros, que ministravam seus cursos. Cada professor era responsável por apresentar conteúdos e métodos de ensino (LIMA, 2012).

Vale lembrar que essa disciplina é modelada e remodelada constantemente. Para Vicent, Lahire e Thin (2001), compreender a remodelagem, ou a forma escolar, significa compreender as variantes e as características dessas práticas. Na Educação Física, a presença de práticas como a ginástica, as evoluções militares, a dança e os esportes deu forma à disciplina, na medida em que tais práticas trazem valores próprios que são também redefinidos no âmbito da escola.

Dessa maneira, como hipótese, poderíamos dizer que alguns conteúdos, como o esporte no Estadual, moldaram a Educação Física e foram moldados por ela na escola. As influências da cidade de Belo Horizonte e a presença dos alunos em espaços esportivos, como nos clubes, podem ter representado um modo específico de jogar, de competir e de organizar o esporte. De alguma forma, este conteúdo participa do contexto da cidade em diversas dimensões. Como lembra Faria Filho, (FARIA FILHO, 2005 apud BOTO, 2001, p.52) “[...] é preciso perguntar também: como a escola organiza a experiência urbana?”. Nesse sentido, como a Educação Física do Estadual se apresentou para a cidade e como influenciou na organização da cidade? Nos interessou saber que modelagem o esporte “emprestou” para a Educação Física do Estadual.

Esses vários elementos são constituintes da disciplina e a caracterizam e conformam como uma prática social e escolar. Dessa forma, neste estudo buscamos conhecer melhor a Educação Física e o modo como se deu o seu processo de escolarização, considerando as influências da cultura escolar, da cidade, dos sujeitos, dos episódios de cada época, entre outros fatores.

Vestígios da Educação Física no Colégio Estadual: acervos e fontes

Para a pesquisa histórica, é fundamental que se encontrem documentos que indiquem vestígios do passado, afinal sem documentos não há história. É ofício do historiador ser farejador, estar sempre à procura de pistas (GINZBURG, 1990). São esses rastros do passado que permitem a interpretação dos acontecimentos, fornecem elementos que são considerados chaves para a compreensão dos mesmos. As pistas isoladas não ajudam a perceber os detalhes em torno do objeto, tornando-se necessário fazer o cruzamento das fontes. Assim, a construção de uma trama foi possível. Para Ginzburg, o pesquisador tem “a capacidade de, a

partir de dados negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente” (1990, p.152).

Vale ressaltar que os documentos passam constantemente por seleções de quem os conserva, de quem possui intenções de armazená-los, do tempo e dos sujeitos. Como nos diz Le Goff, “o que sobrevive não é um conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efectuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, 1996, p.462.). Então, os documentos que compõem o *corpus* documental deste estudo, como os jornais, a legislação, os documentos do Colégio Estadual de Minas Gerais, os diários de classe, as atas de reuniões, os programas curriculares, os livros de ponto, entre outros, apontam vestígios de uma prática educativa. A busca por cada um deles, o encontro, a leitura, as novas possibilidades, as sugestões de outros caminhos foram fundamentais para definir o estudo.

Em um primeiro momento, a ida à Hemeroteca do Estado de Minas Gerais possibilitou o encontro com os contextos: cultural, político, educacional e esportivo de Belo Horizonte nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Identificamos os jornais de grande circulação na cidade e os periódicos que publicavam, frequentemente, reportagens e notícias sobre a educação no Estado, sobre a Educação Física e sobre o esporte. Foram pesquisados os jornais: O Estado de Minas, Diário de Minas, Minas Gerais, O Diário e Folha de Minas.²⁵

Os números do Jornal “O Diário” pesquisados foram publicados entre o ano de 1954, recuo feito com o propósito de tentar entender o que já havia sido publicado sobre o assunto, e o ano 1972, último ano de circulação do Jornal. A segunda edição desse periódico iniciou sua circulação em 1935; o primeiro, com o mesmo nome, circulou em 1915. Esse Jornal, de orientação católica, ressaltava tanto o “caráter religioso como o social”. Segundo Oliveira (2012), a produção desse periódico foi um projeto de Dom Cabral e “O Diário” abordava assuntos diversos, característicos do jornalismo diário (notas sociais, esportes, noticiário internacional, etc.). Tal jornal mereceu destaque, pois publicava com frequência notícias sobre a educação e sobre o esporte, nas seções “Educação e Ensino” e “Esportes”.

²⁵ Decidimos rastrear os vestígios da Educação Física do Estadual, no Jornal “O Diário”. Devido ao grande número de jornais nessas décadas foi indicada pelo funcionário da Hemeroteca a pesquisa nesse periódico, pois, segundo suas informações, o mesmo era caracterizado pela circulação de notícias esportivas. Isso é justificado pelo grande envolvimento da equipe desse jornal na organização de alguns campeonatos/eventos esportivos na cidade de Belo Horizonte.

Outros jornais foram também examinados, alguns por terem sido citados em pesquisas anteriores, o que nos fez retornar às reportagens, relê-las e analisá-la, outros por pertencerem aos livros de recortes de jornais da Escola Estadual de Minas Gerais²⁶, ou livros de recortes sobre educação do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB)²⁷. Dessa maneira, os Jornais “O Estado Minas”, “Minas Gerais”, “Folha de Minas”, “Diário de Minas” também compuseram as fontes de pesquisa.

O segundo movimento se constituiu pela pesquisa no Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos. O arquivo está localizado na sede da escola, guardado em quatro armários da Sala de Reuniões e, também, em dois quartos de depósito ao lado das quadras esportivas. Os tipos documentais presentes são de natureza diversa. Foram encontrados os seguintes documentos: regimentos internos da escola, atas de reuniões, diários de classe de 1966 a 1972, livros de ponto, livros de recortes de jornais, grades de horário, grades curriculares, relação dos professores por disciplina, carga horária de cada disciplina, fotografias, diplomas de participação esportiva, placas comemorativas e troféus de campeonatos. A escola guarda também o registro de todos os seus alunos e ex-alunos. No entanto, a organização é por ordem alfabética, o que dificulta descobrir em que ano cada um frequentou o Colégio Estadual.

O terceiro movimento se constituiu pelo rearranjo das fontes que haviam sido mobilizadas nos projetos de pesquisa anteriormente desenvolvidos pelo CEMEF.²⁸ Os dois trabalhos produziram fontes diversas, depoimentos de ex-praticantes, ex-atletas, ex-professores, e tiveram como objeto a investigação dos indícios da prática de modalidades esportivas e recreativas em Belo Horizonte, entre 1940 e 1980, a saber, o Handebol, o Futebol de Salão, a Peteca e as Ruas de Recreio. Alguns desses depoentes também foram alunos e/ou

²⁶ Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos. A denominação atual, Escola Estadual Governador Milton Campos, ocorreu somente em 1978. Ao longo dos anos foram vários os nomes dessa instituição: Liceu Mineiro, Ginásio Mineiro, Colégio Estadual de Minas Gerais, Colégio Estadual Governador Milton Campos, Escola Estadual de 2º grau Governador Milton Campos e, por último, Escola Estadual Governador Milton Campos. Isso, considerando a hipótese de continuidade da instituição, apenas com alteração dos nomes. (Ver <http://www.colegioestadualcentral.com.br/>)

²⁷ O MHAB é uma unidade da Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte e suas origens datam de 1935, quando o jornalista e escritor Abílio Barreto foi convidado para organizar o Arquivo Geral da Prefeitura. Ele passou a recolher documentos e objetos que deveriam integrar o futuro museu da história da cidade e, a partir de 1941, reuniu acervos de forma mais sistemática e em diferentes suportes, selecionados segundo duas grandes seções: peças originárias do antigo Arraial do Curral del Rei e peças relativas à nova capital. (<http://www.amigosdomhab.com.br/inner.asp?titulo=omuseuhistorico>, acessado dia 03 de setembro de 2012, às 19:20)

²⁸ Projeto “Coleção História Oral: Memórias de esportes e Ruas de Recreio (1940-1980)”, 2011. ARANTES, G.A. A história do handebol em Minas Gerais, 2010.

professores do Colégio Estadual ou de alguma Escola Anexa, ou frequentadores da Praça de Esportes do Estadual.

Nos depoimentos, foi possível perceber uma forte presença dos esportes no Colégio Estadual, principalmente o Futebol de Salão e o Handebol. Essas afirmativas colaboraram para definir o objeto de estudo deste trabalho. Instigava saber que escola era essa. Além desses depoimentos, Teixeira (2011), em seu trabalho, entrevistou 14 sujeitos que frequentaram o Estadual e, dessa forma, produziu fontes orais que colaboraram para esta pesquisa. A consulta a esses depoimentos também ajudou a encontrar alguns sujeitos que participaram da história da escola, pois estavam envolvidos com a Educação Física e com o esporte, ou que indicaram amigos que também estudaram no Estadual.²⁹

O cruzamento entre as fontes das pesquisas anteriores e as fontes encontradas sobre a Educação Física no Colégio Estadual durante esta investigação apontaram algumas lacunas. Dessa forma, optamos pelo uso da metodologia da História Oral, produzindo fontes orais a partir da realização de entrevistas. As fontes orais são utilizadas quando ocorre escassez de fontes escritas e são ricas, por permitirem “ouvir as impressões dos próprios portadores da experiência” e resgatar parte do cotidiano. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003 p.21). Paul Thompson (2002) sugere uma definição ampliada da História Oral, que é apresentada como uma maneira de interpretação da história, sociedade e cultura, escrita através do recurso da escuta de pessoas e registros de suas lembranças e experiências. Dessa forma, nas entrevistas, os sujeitos com o auxílio de suas memórias apresentam versões históricas e oferecem pistas do passado. Essas pessoas, além de suas memórias, muitas vezes guardam em seus acervos pessoais fotografias, cadernos, objetos, reportagens que também compõem os rastros do passado.

Os sujeitos escolhidos para conceder os seus testemunhos são singulares, com participações diversas na história, e narram suas experiências de vida. Foi intenção contemplar sujeitos com pertencimentos variados e diferentes relações com a escola e a Educação Física, o que permitiu uma variedade de olhares sobre uma mesma prática. Os entrevistados não foram escolhidos *a priori*; a seleção ocorreu durante o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro caminho para a escolha dos sujeitos foi tentar encontrar estudantes

²⁹ Agradeço a Aleluia Teixeira a gentileza de disponibilizar as entrevistas e informar os contatos dos sujeitos entrevistados por ela em seu doutoramento. Em sua pesquisa, a autora optou por utilizar nomes fictícios para os sujeitos; assim, quando os depoimentos forem usados neste texto as identidades não serão reveladas.

secundaristas das supostas duas fases de estruturação da escola, 1956-1964 e 1964-1973, e ex-professores da Escola nesses períodos.

O estudo de Aleluia Teixeira (2011) proporcionou o encontro com os primeiros sujeitos. Muitos não puderam colaborar, mas indicaram nomes de possíveis entrevistados. Com o desenrolar das conversas e entrevistas, outros sujeitos foram sendo indicados e entrevistados: uns foram lembrados por colegas, porque, na época que frequentavam a escola, se destacavam em algum esporte; outros, por continuarem ligados ao Colégio Estadual, de alguma forma; alguns, por serem ex-professores, outros por escreverem sobre a escola (por exemplo, os jornalistas), e, outros ainda, por estarem engajados em discussões atuais da escola (como a sua política de restauração) e preocupados em realizar ações para a preservação da memória coletiva do Estadual.

Um caminho paralelo foi a busca por possíveis colaboradores em uma pesquisa na internet. Foram pesquisados sítios virtuais que abordam registros sobre o Colégio Estadual e, nessa busca, encontramos um endereço eletrônico, criado e composto por ex-alunos da escola, com o intuito de manter contato entre os colegas, de relembrar histórias, contar casos de alunos e professores que passaram por lá, expor algumas fotos das décadas de 1950 até os dias atuais, discutir sobre questões atuais do Colégio Estadual, entre outros. Com o acesso a esse sítio virtual, conseguimos listar vários nomes de ex-alunos e ex-professores que estiveram presentes na escola e que haviam se envolvido com a Educação Física. É interessante ressaltar a idade desses sujeitos; alunos secundaristas nas décadas de 1950, 1960 e 1970, estão hoje com idades entre 60 e 75 anos. Nota-se que são singulares e com novas características para enriquecer a pesquisa histórica, uma vez que muitos deles estão conectados à internet e às redes sociais.

Os nomes dos ex-alunos também foram identificados nos Diários de Classe e nos jornais da época. A partir da lista de nomes de possíveis colaboradores, a parte inicial do processo de entrevistas se caracterizou pelo primeiro contato com esses sujeitos, apresentação da pesquisa, dos objetivos e da metodologia que estávamos utilizando. Dadas todas as informações, foi verificada a disponibilidade de colaborar com o trabalho. No caso de respostas positivas, a entrevista era marcada naquele mesmo momento, para a data, o horário e local mais confortáveis para o entrevistado.

A realização das Entrevistas

A utilização da História Oral como metodologia implica participação de sujeitos colaboradores; nesse caso, respeitamos os entrevistados, suas vontades de falar ou reticências com relação a determinados assuntos, assim como os momentos de emoção, ou qualquer situação incomôda para eles.³⁰

Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro baseado nas perguntas orientadoras do projeto de pesquisa e no *corpus* documental levantado (Apêndice 1). O roteiro era flexível e o aprofundamento (ou não) em determinados assuntos dependia da trajetória e das experiências de cada sujeito, assim como algumas perguntas variavam se apresentadas a ex-professor ou a ex-aluno. Foram realizadas oito entrevistas, sendo os entrevistados sete homens e uma mulher: três ex-alunos – Roberto Martins, Afonso Cozzi e Humberto Werneck –, três ex-professores – Luiz Afonso Vasconcelos, Wilson Camelier, Arminto Machado – uma ex-professora – Mérope Saliba, e um ex-aluno e ex-professor – José Guilherme Barcelos.³¹

No dia de cada entrevista, a apresentação da pesquisa – objetivos e procedimentos – a entrevista era novamente feita. Após o consentimento do depoente, o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Apêndice 2) era apresentado, para, de comum acordo com o entrevistado, ser assinado, autorizando a utilização do depoimento na pesquisa. Os depoimentos foram gravados em áudio, de forma digital, e posteriormente transcritos, para facilitar a análise. Após a transcrição³² da entrevista, ela foi devolvida aos entrevistados para verificação e possíveis modificações (acrescentar ou suprimir informações). Realizadas todas as etapas, e com o consentimento do entrevistado, os dados foram utilizados como fonte de pesquisa.

Como mencionado, a participação de cada um se justifica pelo envolvimento que teve com as aulas de Educação Física do Colégio Estadual e/ou com esportes. A identificação dos sujeitos nessa pesquisa é de extrema importância, uma vez que o lugar de onde falam e o seu envolvimento com as práticas na escola alteram a análise crítica das fontes, sendo importante para constituição e escrita dessa história. A ordem das entrevistas foi contingente, de acordo

³⁰ Por esses motivos, a pesquisa foi aprovada e autorizada pelo Comitê de Ética da UFMG.

³¹ Não conseguimos entrevistas com alunas e algumas professoras. Três ex-professoras foram localizadas e contatadas, mas não se dispuseram a ceder depoimentos.

³² Na transcrição nos preocupou manter a mesma essência do texto oral; alteramos a linguagem, sem que o conteúdo das falas dos entrevistados fosse alterado. O objetivo foi tornar o texto mais adequado para a leitura, seguindo as normas da linguagem escrita culta.

com a disponibilidade de cada sujeito. Apresentamos no quadro 1 uma breve identificação de cada entrevistado e destacamos que esse quadro foi elaborado conforme a ordem de realização das entrevistas.

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados*

Deponente	Relação com o Estadual	Anos em que esteve no Colégio	Quem são eles?
Roberto Borges Martins	Aluno	1956 a 1963	Durante os anos de sua adolescência, foi também atleta de Basquetebol do Clube Ginástico além de praticar o esporte no Estadual. Participou de outros esportes, como, por exemplo, o Handebol.
Luiz Afonso T. de Almeida Vasconcelos	Professor	1962 a 1965	Atuou no Colégio Estadual de Minas Gerais, no Departamento Central e na Escola Anexo da Serra. Segundo o próprio entrevistado, ingressou no curso de Graduação na primeira turma de Educação Física da Faculdade Católica e se formou em 1955. Durante sua atuação profissional, foi professor da Escola de Educação Física de Minas Gerias (EEF-MG), ensinando Basquete; a partir de 1959, foi treinador de Basquete de clube e professor de escolas de Ensino Secundário. Além disso, ministrou aulas no Colégio Municipal São Cristóvão.
Afonso Cozzi	Aluno	1958 a 1964	Fez o Ensino Primário em um grupo escolar no Bairro Floresta; motivado pelos colegas e professores, fez o exame de admissão no Colégio Estadual de Minas Gerais. Sempre gostou de esportes e já praticava antes mesmo de entrar no Estadual. Quando entrou na escola, encontrou “um clima de esportes muito forte, seja formal ou informal. Formal porque tinha aula de Educação Física.” Jogava Futebol e Futebol de Salão.
Wilson Camelier	Professor	1968 a 1971	Cursou Educação Física na EEF-MG, de 1964 a 1967. Atuou em diversos colégios de Belo Horizonte – Escola Técnica, Colégio Marista Dom Silvério, Instituto de Educação –, em escolas do interior, e no Colégio Estadual de Minas Gerais. Começou a trabalhar no Estadual por indicação do Professor Odilon Barbosa, não fez concurso. Ministrou aulas no Departamento Central e na Escola Anexa da Lagoinha. No Instituto de Educação, ministrava aula apenas de Voleibol.

Arminto Mineiro Machado Coelho	Professor	1960 a 1968 (Aproximadamente)	Interessou-se pela Educação Física devido à sua proximidade e afinidade com as lutas. cursou Educação Física na EEF-MG e concluiu o curso em 1954. Trabalhou em diversos lugares – Colégio Municipal Marconi (foi disciplinário), Colégio Padre Machado, Centro Pedagógico, Colégio Estadual de Minas Gerais, Escola Anexa da Serra. Foi um dos organizadores do MarEsta, juntamente com Lincoln Raso. Foi convidado para trabalhar no Colégio Estadual e ficou mais tempo junto com o Professor Luiz Afonso na Escola Anexa da Serra.
Humberto Azeredo Furquim Werneck	Aluno	1956 agosto / 1964	Estudou na Escola Primária Doze de Setembro e fez o exame de admissão. O exame era considerado um dos mais concorridos. Fez as provas no prédio da Avenida Augusto de Lima. cursou o Ginásio em 6 anos e o Curso Médio (Clássico), em 1 ano e meio e fez o exame de Madureza. Não teve uma forte relação com a Educação Física, e nem com os esportes. Não se lembra muito da Educação Física, porque, segundo o depoente, ela não era uma atividade muito importante.
Mélope Bengtson Saliba	Professora	1963 a 1975	Fez o curso de Educação Física na EEF-MG. de 1957 até 1960. Prestou o concurso para o Colégio Estadual de Muzambinho em 1960, ficou lá até final de 1962 e pediu transferência para o Colégio Estadual Minas Gerais. Os Anexos não eram separados do Departamento Central, havia uma única secretaria. Trabalhou nos Anexos da Sagrada Família e da Serra. Trabalhou no Colégio Imaculada e em algumas escolas no exterior. Participou das Jornadas Internacionais de Educação Física em Belo Horizonte e das Jornadas em Buenos Aires, em 1962, a convite do Professor Odilon Barbosa. Em 1975, foi trabalhar no Anexo da Gameleira, já escola independente, onde permaneceu até 1985.
José Guilherme Papagaio Lara Barcelos	Aluno Professor	1962 a 1971 1972 a 2012	Fez admissão no Curso Mário de Oliveira e entrou na escola em 1963. Jogava futebol no Clube Atlético, começou a treinar Basquete com o Professor Luiz Afonso e jogou handebol. Entrou na Escola de Educação Física em 1972. Foi convidado pelo Professor Odilon Barbosa, porque era atleta e ajudava os professores durante as aulas de Educação Física como aluno, para trabalhar no Estado, em 1972. Trabalhou no Estadual até 2012.

*Este quadro foi construído a partir das informações dadas por cada sujeito em suas entrevistas.

Com a realização das entrevistas, o conjunto de fontes foi ampliado. Assim, por meio do cruzamento das fontes orais, dos documentos escritos e das fontes iconográficas, foi possível construir uma narrativa sobre o processo de escolarização da Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais.

Os sujeitos dessa história

Os sujeitos que fazem parte da história do Colégio Estadual – os professores, alunos, funcionários e outras pessoas que por lá passaram – foram fundamentais para a conformação da disciplina Educação Física. Os professores foram os responsáveis por selecionar determinados conteúdos, e não outros e, além disso, escolheram certas metodologias, planejamentos, as formas de organização das aulas. Também estabeleceram as relações com os alunos e as rotinas da Educação Física. A legislação prescreve, em âmbito estadual e nacional, o que deve ser aplicado nas escolas e nas aulas; no entanto, o uso feito por cada um depende do grau de autonomia dos sujeitos.

Taborda de Oliveira (2003), em seu estudo, destaca essa questão. Por mais que a Ditadura Militar impusesse prescrições para a Educação Física, por meio de suas publicações oficiais, como a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, e influenciando nos programas escolares para a Educação Física na cidade de Curitiba, os sujeitos possuíam autonomia e capacidade inventiva para abordar as práticas. O autor concluiu que não necessariamente as prescrições são de fato efetivadas nas práticas reais dos agentes escolares, pois não consideram as experiências históricas dos sujeitos (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003). Vale ressaltar que as apropriações dos sujeitos são individuais e permeadas por diversas influências, como livros, programas de ensino, legislação, contato com professores e sujeitos estrangeiros, formação docente, entre outras.

Os professores que estiveram no Colégio Estadual de Minas Gerais também portam essa multiplicidade de características e influências. Naquela época, década de 1950, efetivou-se a obrigatoriedade do professor de Educação Física ser formado em uma instituição de nível superior e possuir registro na Divisão de Educação Física.³³ O Professor Arminto Machado comentou em seu depoimento que foi na década de 1950 que os militares, até então responsáveis por ministrar as aulas de Educação Física, começaram a perder espaço nas

³³ Boletim de Educação Física, Divisão de Educação Física, M.E.C., 1956.

escolas para os professores de Educação Física formados nas instituições de Ensino Superior. Segundo ele:

Quem dava aula de ginástica nos colégios todos eram os sargentos do exercito e da polícia. Eles faziam um bico nos colégios, então eles tinham o soldo deles e faziam um biquinho. Então a Educação Física era metade das aulas, o preço. Os professores recebiam ‘x’ e a Educação Física metade.³⁴

O professor Arminto Machado comentou que naquela época precisou trabalhar em muitas escolas, justamente porque metade das aulas eram ministradas pelos militares; e ressaltou, ainda, uma característica do Colégio Estadual de Minas Gerais:

Os soldados eram os professores de Educação Física de todos os colégios, menos no Estadual, que os professores já começaram... O Estadual já começou a puxar o professor lá da Escola [de Educação Física]. Começou a Escola [de Educação Física] e já foram chamando, oficializando.³⁵

Dessa maneira, percebemos que o Estadual incorporou a obrigatoriedade do professor de Educação Física graduado em Nível Superior. Na reportagem do Jornal “O Diário”, de 21 de dezembro de 1955, p.10, foi apresentada uma lista dos formandos da Escola de Educação Física de Minas Gerais (E.E.F-MG), como mostra a Figura 1:

³⁴ Depoimento Arminto Machado, em 13/08/2012.

³⁵ Depoimento Arminto Machado, em 13/08/2012.



Figura 2: Lista dos formandos pela Escola de Educação Física de Minas Gerais.
Fonte: Jornal "O Diário", 21/12/1955, p.10.

Da relação de formandos acima foram professores do Colégio Estadual: Cid Pedro Timponi, Joel Duque, Luiz Afonso T. Vasconcelos Almeida e Lincoln Raso. A lista de professores de Educação Física do Estadual se amplia, como podemos perceber pela relação do corpo docente em exercício de 1968, 1969 e 1970 do Colégio Estadual de Minas Gerais e pelos diários de classe de 1966 à 1972.³⁶ Através desses documentos foi possível elencar os seguintes professores: Diná Paschoal, Antenor Horta, Irineu de Carvalho, Odilon Ferraz Barbosa, Lincoln Raso, Jalma de Almeida Costa, Leonilda Pongelupe, Maria Esther Ottoni Leite, Leda Tóffolo de Macedo, Joel Duque de Caxias, Cid Pedro Timponi, Luiz Afonso

³⁶ Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

Teixeira de Vasconcelos de Almeida, Arminto Mineiro Machado, Célia R. Ribeiro de Oliveira, Licene França, Olavo Leal Arnaut Junior, Wilson Camelier. Esses foram os nomes encontrados nos documentos do Colégio Estadual; porém, acreditamos que além desses professores, outros também estiveram presentes na escola. Em seu depoimento, José Guilherme Papagaio citou outros nomes, como: Professor “Cafunga”, Professor Valdir (apelidado de “Crioulo”), Professor Ronaldo Flores, Professor Jubert, Professor Gilberto.³⁷

Vale ressaltar que muitos professores atuaram no Departamento Central e nas Escolas Anexas, como os professores Arminto Machado e Luiz Afonso Teixeira, que trabalharam no Anexo da Serra, e a professora Mérope, que trabalhou no Anexo Sagrada Família, entre outros. Segundo os relatos, essa distribuição dos professores em ambas as Escolas funcionava como complemento de carga horária.³⁸

Percebemos três modos de se tornar professor do Colégio Estadual: indicação, concurso e transferência. Segundo os relatos, a coordenação da Educação Física ficava sob o encargo dos professores Lincoln Raso e Odilon Barbosa, que eram os responsáveis por distribuir os horários, fazer planejamento e, também, escolher e indicar os professores para a Educação Física. No caso dos professores que foram entrevistados, quatro deles (Arminto Machado, Luiz Afonso Teixeira, Wilson Camelier e José Guilherme Papagaio) foram indicados pelo Professor Odilon Barbosa. Já a professora Mérope Saliba havia prestado concurso de provimento de cadeira para a cidade de Muzambinho, e quando abriram-se vagas para as Escolas Anexas, ela pediu transferência para o Colégio Estadual de Minas Gerais. Além da professora Mérope Saliba, o Professor José Atayde Lacerda, o Professor Ivany de Moura Bonfim e a Professora Jalma de Almeida Costa, que lecionaram nas Escolas Anexas, também conseguiram seus cargos por meio de transferência de escolas.³⁹

Outra forma de assumir um cargo de professor de Educação Física no Colégio Estadual constituía-se nos concursos de provimento de cadeira. Esses concursos públicos para provimento de Cadeira de Educação Física para as Escolas Estaduais de Ensino Médio foram

³⁷ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

³⁸ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2013. Depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012. Depoimento de Luiz Afonso Teixeira, em 15/05/2013.

³⁹ Depoimento de Ivany Bonfim – CEMEF-2010. Depoimento de José Atayde Lacerda – CEMEF-2010. Ata de Reuniões do Colégio Estadual – Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos. O professor José Atayde Lacerda foi transferido do Colégio Estadual de Caratinga para a escola Anexo do Bairro Sagrada Família; o Professor Ivany Bonfim foi transferido da Escola Estadual de Matozinhos para a escola Anexo do Bairro Gameleira, e a Professora Jalma de Almeida foi transferida do Colégio Normal Oficial “Francisco Campos”, de Dôres do Indaiá, para a escola Anexo do Bairro da Serra.

realizados de 1961 a 1974 pela Secretaria da Educação de Minas Gerais, com a participação da Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG).⁴⁰ Entretanto, ainda temos poucas fontes que contribuem para a compreensão da relação desses concursos com a seleção de professores do Colégio Estadual, e até mesmo sobre o papel da EEF-MG nessa escolha.

Vale lembrar que, no âmbito legislativo, também era necessário que os professores de Educação Física possuíssem registros na Divisão de Educação Física do MEC, além do Curso Superior. Segundo o depoimento de Arminto Machado, para obter a carteira da D.E.F, era preciso trabalhar um ano e enviar um atestado de trabalho para a Divisão, com sede no Rio de Janeiro; somente após esse processo a carteira seria enviada para os professores.⁴¹

Além dos professores de Educação Física, o funcionário denominado de disciplinário, Alcides Rocha, também parece ter sido essencial para a conformação da Educação Física no Estadual. Luiz Afonso o denominou de “inspetor de alunos dentro da Educação Física”⁴². Alcides Rocha foi citado em todos os depoimentos; os ex-alunos se lembram de sua presença nos jogos dos quais a escola participava, nas excursões, nos intercâmbios esportivos, e relataram que ele estava sempre envolvido nas atividades da Educação Física. Os ex-professores ainda acrescentaram que ele era o responsável por ajudar na organização dos espaços e dos materiais das aulas. Segundo os depoimentos, Alcides Rocha arrumava as quadras, com os gols, as redes, os mastros, tabelas, etc. Além disso, colaborava com a administração da Praça de Esportes e fiscalizava o comportamento dos alunos. Como afirmou Wilson Camelier em seu relato, o funcionário Alcides Rocha era o responsável por “pegar material, ir aos jogos. Ajudava ali, com os professores; assim, tudo o que precisasse. Ele era uma pessoa, para nós, *útil* e *muito* querida entre os professores.” (grifos do depoente). Reforçando essa ideia, Roberto Martins o denominou de “gerente” daquele espaço.⁴³

Alcides Rocha nasceu em 1926 e começou a trabalhar no Colégio Estadual antes da transferência para a sede projetada por Oscar Niemeyer. Seu pai e seu cunhado também trabalharam nesta instituição, porém com outros cargos. Alcides iniciou seu trabalho na escola

⁴⁰ OLIVEIRA, Guilherme de Souza Lima. Concursos Públicos para Provimento de Cadeira de Educação Física em escolas estaduais mineiras (1961-1974): O lugar da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Projeto de Mestrado em andamento. Faculdade de Educação, UFMG, 2012.

⁴¹ Depoimento de Arminto Machado, em 13/08/2012.

⁴² Depoimento Luiz Afonso Teixeira, 15/05.2013.

⁴³ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

como inspetor de alunos e, com a construção da Praça de Esportes, passou a ser o administrador daquele espaço.⁴⁴

Ao falarem sobre esse funcionário, os ex-alunos e ex-professores têm boas lembranças e um grande carinho: “Alcides era muito querido por todos e muito dedicado ao Colégio Estadual. Ele era assim, amava o Colégio”⁴⁵. Pelos depoimentos, percebemos que Alcides Rocha estava próximo dos alunos e dos professores no cotidiano da Praça de Esportes e, conseqüentemente, da Educação Física. José Guilherme Papagaio relatou: “O Alcides foi uma figura que foi para lá como disciplinário, mas acabou se envolvendo tanto com a Educação Física... Ele era muito amigo do [Odilon] Barbosa, Barbosa gostava demais dele [...]”⁴⁶ Esse depoimento nos permite perceber que o Professor Odilon Barbosa tinha influências na escola e nas escolhas dos sujeitos envolvidos com a Educação Física.⁴⁷

Outra questão que ficou evidente foi certa confusão nos depoimentos dos ex-alunos, alguns questionando se Alcides Rocha era professor de Educação Física ou se ele possuía outra função na escola, o que demonstra o envolvimento próximo desse funcionário com as aulas de Educação Física. Segundo Roberto Martins, Alcides ensinava a jogar bola e era “metido a professor de Educação Física”⁴⁸. Dona Maria Auxiliadora Rocha relatou que Alcides Rocha “viveu intensamente o colégio e para o colégio”, e que substituía os professores de Educação Física caso algum não comparecesse para trabalhar. Além desse funcionário, Irineu de Carvalho foi citado no depoimento de Aleluia Teixeira (2011) como inspetor de alunos, sendo o responsável por assinar as cadernetas escolares todos os dias, no começo da aula. Entretanto, na reportagem “Manhã Esportiva no Colégio Estadual”⁴⁹, Irineu de Carvalho foi listado como um dos professores responsáveis pela organização da apresentação da parte masculina de ginástica, da qual o Colégio Estadual havia participado. Podemos supor que a proximidade dos inspetores de alunos com os professores de Educação Física permitiu que essas confusões acontecessem, o que possibilita afirmar que estes eram os

⁴⁴ Conversa com a esposa de Alcides Rocha, Dona Dodora (Maria Auxiliadora Rocha), em 14/05/2013.

⁴⁵ Depoimento cedido por Aleluia Teixeira (2011).

⁴⁶ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2013.

⁴⁷ Foi relatado por Roberto Martins e José Guilherme Papagaio que o Professor Odilon Barbosa, utilizando de suas influências, conseguiu que fosse construída uma casa, dentro da Praça de Esportes, para que Alcides Rocha vivesse com sua família. A esposa de Alcides Rocha e uma de suas filhas permanecem nesta casa até os dias atuais.

⁴⁸ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

⁴⁹ Essa notícia foi localizada no livro de recortes de jornais do Colégio Estadual de Minas Gerais, de 1952. A data, escrita à mão, indica 16/06/1952.

funcionários que acompanhavam os professores de Educação Física nas aulas, em momentos extraclasse e quando eles se ausentavam.

Eu acho que ele [Alcides Rocha] começou como “administrativo” e depois foi professor de Educação Física. Então, ele não era... A gente não via o Alcides como via o Barbosinha [Odilon Barbosa] ou o Lincoln [Raso]. Porque o Barbosinha e o Lincoln, para nós, eram professores de Educação Física e todos dois até muito reconhecidos fora do colégio. O Barbosinha, falava-se naquela época, que ele era o maior especialista em Futebol de Salão que tinha em Minas Gerais, e até no Brasil.⁵⁰

Este depoimento de Afonso Cozzi expressa elementos de diferenciação entre os professores de Educação Física e os inspetores de alunos/disciplinários. No acervo fotográfico da Escola Estadual Governador Milton Campos e no acervo pessoal disponibilizado por Maria Auxiliadora Rocha (Dodora), esposa do funcionário Alcides Rocha, algumas imagens indiciam a presença dos sujeitos no Estadual.



Figura 2: Alcides Rocha caminhando nas quadras da Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais.
Fonte: Fotografia do Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha, (data sugerida: meados da década de 1970).

⁵⁰ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

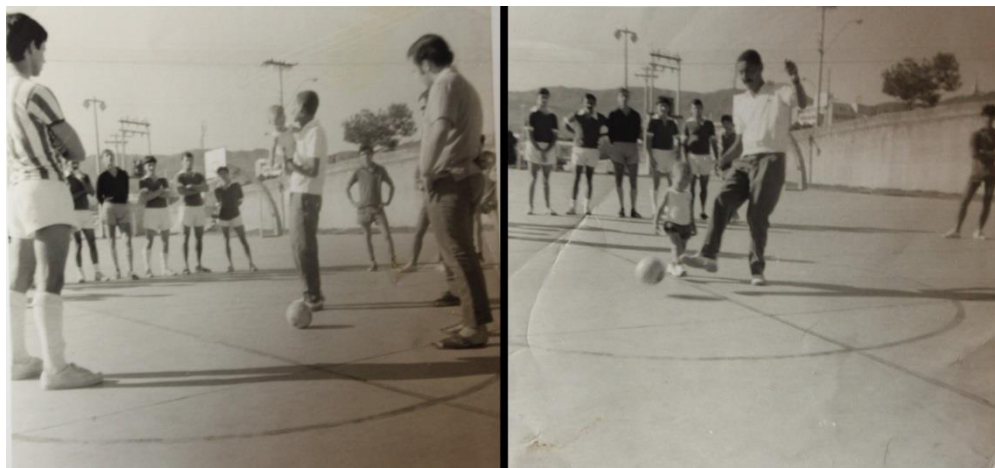


Figura 3: Alcides Rocha e alunos.

Fonte: Fotografia do Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha, (data sugerida: meados da década de 1960).

A Figura 2 mostra o funcionário Alcides Rocha caminhando pela Praça de Esportes do colégio. Sua esposa sugeriu que a ocasião era o ensaio para o desfile de 7 de setembro, do qual a escola participava. Na Figura 3, parece-nos que Alcides Rocha e seu filho estão realizando o “pontapé inicial” de uma partida de Futebol de Salão dos alunos. Em conversa com Maria Auxiliadora, ela afirmou que seu marido, Alcides Rocha, acompanhava as atividades da Educação Física, como os jogos de Futebol, os torneios entre as turmas, as competições em outras escolas, e outras modalidades esportivas. Já as Figuras 4 e 5 mostram os professores Odilon Barbosa e Lincoln Raso, com seus alunos.



Figura 4: Professor Odilon Barbosa e Alcides Rocha.

Fonte: Fotografia do Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha, (data sugerida – meados da década de 1960).



Figura 5: Professor Lincoln Raso e alunos.

Fonte: Fotografia do Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha, (data sugerida – meados da década de 1960).

A “cara” da Educação Física do Colégio Estadual: Professor Odilon Barbosa e Professor Lincoln Raso

Gostaríamos de ressaltar que a educação do Colégio Estadual se constituiu pela presença de todos os professores que por lá estiveram e pelas práticas desenvolvidas por eles, pelos funcionários e pelos alunos. No entanto, dois professores foram destacados nos depoimentos, sendo atribuída a eles a responsabilidade da organização, do planejamento e do desenvolvimento da disciplina. Lincoln Raso e Odilon Barbosa foram importantes no processo de escolarização da Educação Física do Estadual e, além disso, foram referências pedagógicas para muitos dos professores da própria escola, uma vez que haviam sido professores deles na EEF-MG. Isso ficou evidenciado no depoimento de Mérope Saliba: “Mesmo sendo colegas do Barbosinha [Odilon Barbosa] e do Lincoln [Raso], os professores tinham mais respeito por eles, pois tinham sido professores dos próprios professores do Estadual na Escola de Educação Física de Minas Gerais.”⁵¹

Foram citadas como características desses dois professores o rigor com o ensino e a exigência de disciplina durante as aulas e os jogos. Sobre Odilon Barbosa, houve comentários,

⁵¹ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

como: “era muito gozador”⁵², “o Barbosinha é inconfundível, porque ele era assim uma alegria. Então, as aulas dele eram muito alegres...” e “era muito brincalhão, o Barbosinha”⁵³. “Já o Lincoln era assim mais durão”⁵⁴. Essas falas ajudam a compreender um pouco quem eram esses sujeitos e, além disso, ficou ressaltado nos depoimentos o compromisso que tinham com a Educação Física. Nos diários de classe, esses professores não registraram todos os planejamentos, muitas vezes não anotaram as matérias lecionadas, as frequências dos alunos, os jogos, entre outras coisas. Entretanto, as fotografias, as reportagens e os depoimentos permitem afirmar a presença efetiva desses sujeitos nas atividades da escola e nas extraescolares. Afonso Cozzi relatou: “eles tinham compromisso, deixavam claro o que queriam fazer, qual era o objetivo que iam alcançar. O que eles iam fazer, o objetivo da Educação Física. O que nós iríamos aprimorar [...]”⁵⁵.

Foi destacada pelos depoimentos dos ex-alunos a proximidade dos professores de Educação Física com os estudantes, característica que os diferenciava dos professores de outras disciplinas. Ao rememorar os dois professores, Afonso Cozzi disse:

O que me vem a cabeça é a amizade. Nós sentíamos eles como se fossem da nossa idade. Era essa a sensação que a gente tinha na época, apesar deles serem muito mais velhos. O Barbosinha já tinha até cabelos grisalhos, o Lincoln já era até meio careca e tal. Tudo que me lembro mais é da amizade deles. Eles tinham uma proximidade com a gente, quase que uma... não é parceria [...] muito, muito amigos.⁵⁶

Esses sujeitos fazem parte e influenciaram no desenvolvimento dessa história.

⁵² Depoimento de Arminto Machado, em 13/08/2012.

⁵³ Depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2013.

⁵⁴ Depoimento de Arminto Machado, em 13/08/2012.

⁵⁵ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2013.

⁵⁶ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2013.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SECUNDÁRIO: ORIENTAÇÕES PRESENTES NOS ORDENAMENTOS LEGAIS

“[...] nós tínhamos três aulas semanais *dentro da grade curricular*. Não era *extra não*. Era dentro da grade curricular. Esse era o esquema que existia. Depois passaram para duas, depois voltou a ser três. Isso em termos de legislação nossa.” (Depoimento do Professor Luiz Afonso Teixeira)

Na década de 1950, no clima político de desenvolvimento do país, Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República com um jargão de transformação do Brasil – 5 anos de governo significariam 50 anos de progresso. Para efetivar essa afirmativa, Juscelino elaborou um programa de 30 metas, que se dividia em cinco grandes setores, a saber: energia, industrialização de base, alimentação, planejamento regional e urbano, valorização do trabalhador e educação (PINHEIRO, 2001).

No Brasil, o projeto de desenvolvimento partia de temas nacionais que já vinham sendo analisados desde a década de 1930, envolvendo questões voltadas para uma política de autonomia nacional e industrialização. Porém, na década de 1950, a retomada de antigas questões relacionadas ao desenvolvimento do país acabaria resultando na formulação de um conjunto de princípios que se materializariam em um amplo projeto nacional de desenvolvimento capitalista, definitivamente assumido e adotado como uma estratégia política de governo do então presidente Juscelino Kubitschek (1955-1959). (MENDONÇA; XAVIER; BREGLIA; CHAVES; OLIVEIRA; LIMAS; SANTOS; 2006, p.97)

As ações políticas tinham como ênfase a ampla circulação de projetos de “modernização” do Brasil, fundados em marcos distintos de compreensão do problema nacional, mas que visavam a um objetivo comum: romper com o passado de atraso, ou do “subdesenvolvimento brasileiro”, e afirmar a autonomia do país mediante a aceleração do processo de industrialização. Nesse contexto, é preciso pensar as ações que estavam sendo realizadas no sistema educacional nacional. Maria do Carmo Xavier (2004), em seu estudo sobre o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, órgão responsável por realizar pesquisas sobre as condições escolares e culturais das regiões brasileiras como forma de auxiliar o governo na elaboração de políticas educacionais, aponta o projeto de reconstrução educacional da nação como um caminho para elevar o país ao patamar das nações desenvolvidas. Para isso, várias ações seriam necessárias, como a elaboração de

políticas públicas e a adaptação desse setor ao processo das mudanças sociais, econômicas e culturais que ocorriam de forma acelerada.

Segundo Xavier (2004), nas pesquisas já realizadas foi apontada, como resultado, a preocupação constante em ajustar as escolas às novas exigências do progresso e da modernização da sociedade. É perceptível também, no discurso, a precariedade da escola pública, sendo necessária a reforma das instituições, tendo em vista o projeto maior do país. Dessa forma, foi desencadeada uma gama de práticas e ações para ajustar o setor educacional às exigências nacionais. Disseminou-se a “crença na escola como vetor de socialização e difusão de saberes e validou-se o processo de escolarização como um instrumento de promoção de mudanças sociais e culturais e da efetivação de projetos de homogeneização cultural e política da população” (Xavier, 2004, p.22).

Ao longo desses anos, foram elaboradas prescrições para o ensino nacional por meio de várias reformas, leis orgânicas, decretos-lei, entre outras. Vale lembrar que as leis dizem sobre os aspectos gerais da escola: as finalidades, os cursos, os tipos de estabelecimentos, a estrutura do ensino, as disciplinas e práticas educativas, entre outros. Nesses documentos são expressas também as diretrizes para o ensino da Educação Física, relacionadas com um projeto maior da educação brasileira. Escolhemos abordar aqui alguns desses ordenamentos orientadores da presença da Educação Física na escola.

Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942)

O conjunto de leis promulgadas entre 1942 e 1946 ficou conhecido como Reforma Gustavo Capanema. Essa reforma estruturou vários segmentos do ensino, como o Ensino Comercial e o Industrial, criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e anunciou mudanças para o Ensino Secundário, que foi regulamentado pela Lei Orgânica de 9 de abril de 1942, Decreto-Lei n. 4.244. O art. 1º expõe as finalidades desse nível de escolaridade:

Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes.
Acentuar a elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística.
Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial. (BRASIL, ...1942)

A Lei Orgânica de 1942 definiu também a organização do Ensino Secundário em dois ciclos, com duração total de 7 anos: um curso ginásial de 4 anos e um segundo segmento, com duas opções de curso: o clássico e o científico. O curso ginásial era destinado aos adolescentes e tinha como objetivo ensinar os elementos fundamentais desse nível de escolaridade. O segundo ciclo destinava-se ao aprofundamento e consolidação do que foi aprendido no curso ginásial. A aprovação no segundo ciclo era critério para ingressar em um curso de nível superior.

O curso ginásial abrangia o ensino das seguintes disciplinas: I Línguas: Português, Latim, Francês, Inglês; II Ciências: Matemática, Ciências naturais, História geral, História do Brasil, Geografia geral, Geografia do Brasil; III Artes: Trabalhos manuais, Desenho e Canto orfeônico. Nos cursos clássico e científico, as disciplinas propostas foram: I Línguas: Português, Latim, Grego, Francês, Inglês, Espanhol; II Ciências e Filosofia: Matemática, Física, Química, Biologia, História geral, História do Brasil, Geografia geral, Geografia do Brasil, Filosofia; III Artes: Desenho.

Percebe-se que a Educação Física não foi considerada pela legislação uma disciplina, mas uma prática educativa obrigatória para todos os alunos com idade inferior a 21 anos. As aulas de Educação Física são denominadas de sessões, enquanto nas outras disciplinas usa-se a palavra aula. Porém, ao tratar do programa que seria seguido por essa prática, a proposta é similar aos programas das outras disciplinas.

Ainda sobre a regulamentação da Educação Física, no art. 43 foi determinado que as sessões fossem para grupos homogêneos, organizados independentemente do critério da seriação escolar. Além disso, os alunos que fossem identificados como deficientes – assunto tratado na legislação como “defeito ou deficiência orgânica” – seriam submetidos a exames especiais. Era prevista também, assistência médica, acompanhando as práticas da Educação Física. Essa lei teceu regulamentações gerais e de âmbito nacional. No art.46 da mesma lei é estabelecido, ainda, que:

Os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons *sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo*, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições que tenham por objetivo despertar entre os escolares o interesse pelos problemas nacionais. (BRASIL...1942) (grifos nossos)

Percebemos na legislação de 1942 uma preocupação com o desenvolvimento esportivo e com valores que em alguns momentos são atribuídos ao esporte. Seria a Educação Física responsável por isso? Posteriormente, foram publicados, em 1943 e 1947, duas normatizações especificamente sobre a Educação Física: um Decreto sobre a habilitação para a direção da Educação Física em estabelecimentos de ensino secundário⁵⁷ e as Diretrizes para a Educação Física nesses estabelecimentos⁵⁸. Dessa forma, percebemos que na década de 1940 já havia um esforço para a regularização da ação dos professores de Educação Física. Vale lembrar que a Universidade do Brasil havia iniciado o primeiro curso superior de Educação Física em 1941, o que pode dizer da relação das normatizações com a formação de professores.

Na mesma década, também foram estabelecidas diretrizes estaduais quanto à presença da Educação Física nas escolas. Na Constituição do Estado de Minas Gerais, de 14 de julho de 1947, entre os artigos referentes à Educação e à Cultura, o artigo 131 se refere à fiscalização da prática da Educação Física e afirma que “são obrigatórios os exercícios ginásticos em todas as escolas públicas ou particulares”. Além disso, no artigo 132 o Estado se responsabilizou pela implantação e instalação de praças de esportes na sede dos municípios.⁵⁹ Assim, nos interessa relacionar os ordenamentos legais com o cotidiano da Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais.

Divisão de Educação Física – Difusão Nacional da Educação Física

A Divisão de Educação Física (D.E.F) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) foi criada em 1937 pela Lei n. 378, com a reorganização do Ministério da Educação e Saúde, e estava vinculada e subordinada ao Departamento Nacional de Educação. Inicialmente, foram os militares que ficaram responsáveis pela sua direção e organização; somente em 1955 os dirigentes militares deixaram a D.E.F., e um civil, Alfredo Colombo, assumiu a direção. Posteriormente, na década de 1960, foi devolvida aos militares. (HORTA, 1994).

⁵⁷ Esse Decreto dispõe sobre os diplomas expedidos pela Divisão de Educação Física, apenas direcionados para os estabelecimentos que adotam o plano de ensino do Decreto-Lei n. 1.212, de 17/04/1939. É uma regulamentação dos professores de Educação Física dos estabelecimentos de ensino secundário. (DECRETO-LEI n. 5.343 – de 25 de março de 1943)

⁵⁸ Essas diretrizes previam o aprimoramento e o ajuste da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário. Como finalidades da Educação Física estão a formação de sujeito sadios para contribuir com a nação, o desenvolvimento integral do organismo, o progresso dos alunos nos exercícios físicos, entre outras.

⁵⁹ Brasil [Leis e Decretos, etc.]. Diretrizes e Bases da Educação. Compilado pela Professora Helena Jorge.

A D.E.F perdurou com essa denominação até 1971, quando seu nome foi alterado para Departamento de Educação Física e Desportos (DED) (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003). Ao longo de sua existência, ela prescreveu maneiras para a organização do ensino da Educação Física nas escolas, assim como materiais e instalações necessárias, conteúdos, maneiras de planejar a aula, entre outras coisas. Além disso, foi um lugar responsável pelo ordenamento legal da Educação Física, publicou periódicos, que tinham o objetivo de difundir as ações e as políticas dessa instituição.

Este órgão, primeiro especializado no nível administrativo federal, seria o responsável por sistematizar e regulamentar todo o processo de formação profissional. Os cursos, em funcionamento ou que viessem a funcionar, deveriam primeiro solicitar a autorização para tal e depois o seu reconhecimento, além de serem periodicamente inspecionados. (MELO, 2007)

Essa Divisão tinha a “finalidade de administrar a Educação Física em todo o país”. Entre as suas ações estão a realização de cursos, campeonatos e demonstrações de Educação Física, a fiscalização dos estabelecimentos de Ensino de Grau Médio e a publicação de obras especializadas. Para essa instituição, o esporte possuía a função de reunir pessoas com o mesmo interesse, o que fortaleceria a sociedade.⁶⁰

Os inspetores de ensino eram os responsáveis pela fiscalização dos estabelecimentos. Eram suas atribuições: levar “a palavra orientadora dos novos processos e práticas de atividades educativas, que sejam o veículo da saúde, do bem-estar, desenvolvimento psicofísico equilibrado, aprimoramento moral e integração social da nossa mocidade”.⁶¹

A Divisão de Educação Física publicou durante sua existência os periódicos: Boletim de Educação Física (1941-1945/1955-1958), Boletim Técnico Informativo (1968/1969), Revista Brasileira de Educação Física e Desportiva (1970) e Revista Brasileira de Educação Física (1971/1974). Segundo Marcus Taborda de Oliveira, a vinculação do D.E.F (e posteriormente do D.E.D) com o MEC o caracterizou como “veículo governamental privilegiado na difusão de princípios e normas acerca da Educação Física” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003, p.78). Foi possível perceber essa característica de difusora da Educação

⁶⁰ Boletim de Educação Física, nº 15, de 1957, “20º aniversário da Divisão de Educação Física”, p.5-7. Neste texto percebemos uma preocupação em exaltar as atividades realizadas pela Divisão de Educação Física, aparentemente as experiências que foram bem sucedidas, e ressaltar a importância de sua existência. (13 de janeiro de 1957).

⁶¹ Boletim de Educação Física, 1957, p.6.

Física nas publicações a que tivemos acesso nessa pesquisa. A D.E.F. se preocupou em especificar como deveria ser o ensino da Educação Física, a formação de professores, o material e as instalações necessárias para a realização das aulas, além de dizer sobre a fiscalização da disciplina nos estabelecimentos.

Parece-nos que essa função esteve presente na maioria das publicações da D.E.F; porém, ressaltamos que para este trabalho vamos mobilizar apenas as que trazem elementos que ajudam a compreender a Educação Física no ensino secundário no âmbito nacional e entender o que foi apropriado pelos professores e pela Educação Física do Estadual.

O Boletim de Educação Física (1956 e 1957)

O Boletim de Educação circulou nas décadas de 1940 e 1950 e possui as mesmas características dos exemplares que circularam na década seguinte.⁶² O primeiro número começou a circular em junho de 1941 e a publicação perdurou até 1945, totalizando 12 números. Depois de um intervalo de dez anos, o Boletim voltou a circular em julho de 1955 e teve seu último exemplar em dezembro de 1958, com um total de mais quatro números.⁶³

Desde o primeiro Boletim, do mês de junho de 1941, foram publicados artigos sobre a normatização do Ensino Secundário, sobre a regulamentação e o registro dos professores de Educação Física, a inspeção dos estabelecimentos de ensino, as Portarias e os Decretos-Lei e assuntos específicos (método nacional de Educação Física, turmas homogêneas, aulas para alunos cegos, exames médicos biométricos, exames práticos de eficiência e suficiência, métodos ginásticos europeus, planos de aulas, esportes, entre outros). Tal constatação foi possível através dos títulos dos artigos. Também percebe-se que em todas as edições havia a preocupação em divulgar os eventos, as conferências, os cursos e concursos da área, realizados pela D.E.F. Para Alfredo Colombo, diretor da D.E.F., o Boletim tinha a função da “consolidação e atualização das disposições *sobre* a prática da Educação Física nos

⁶² Não tivemos acesso a todos os exemplares publicados; porém, no catálogo da Proteroria foi possível identificar os exemplares e os títulos dos artigos publicados em cada um deles. Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930/2000)/coordenador Amarílio Ferreira Neto – Vitória: Proteroria, 2002, 1.024p.

⁶³ A publicação de apenas um exemplar por ano é justificada por Alfredo Colombo. Segundo o Diretor da D.E.F., o número reduzido de pessoas trabalhando para a Divisão de Educação Física prejudica o Boletim, uma vez que todos se revezam entre funções administrativas e técnicas. Além disso, Colombo afirma que as atividades que precisam realizar são muitas e diversas. “O Boletim e as nossas atividades”, Alfredo Colombo. (Boletim de Educação Física, 1957)

estabelecimentos de ensino secundário fiscalizados por *êste* Ministério” (Boletim de 1956. p.4) (grifos nossos).

Merece destaque o Boletim de Educação Física, ano VI, n. 14, de julho de 1956, que é composto por anúncios de cursos, palestras, simpósios; notícias da Educação Física pelo Brasil, juntamente com a reapresentação dos textos de Decretos e Pareceres. Aparentemente segue a mesma organização dos números anteriores. Nesse Boletim de 1956, foi anunciado um simpósio e uma palestra sobre a Educação Física, assim como foram publicadas as cópias da Portaria Ministerial n.168, de 17 de abril de 1956, e do Parecer n. 106-06, do mesmo ano. Podemos dizer que o Boletim é dividido em duas partes – uma delas, composta por artigos de assuntos específicos: Sistema Sueco de Educação Física, Educação Física Generalizada, Jogos para os deficitários de visão e A Ciência e a Educação Física; a segunda parte possui a seção de noticiário e a legislação.

A primeira notícia dispôs sobre a palestra – ministrada pelo Diretor da Divisão de Educação Física⁶⁴, destinada aos diretores dos Ginásios e Colégios do país – intitulada “Educação Física nos Estabelecimentos de Ensino Secundário”. Entre os temas abordados, estavam a frequência obrigatória às sessões e as instalações e materiais para a prática. Notamos nesse documento a preocupação dos responsáveis pelo evento em distribuir um resumo que define o conceito de Educação Física, a sua finalidade e seus objetivos. Segundo esse artigo, por Educação Física, entende-se que é uma prática que não possui um saber a ensinar; trata-se de uma “fase integrante do processo educativo ligado à prática de atividades que determinam modificações no comportamento individual”⁶⁵. Foi apresentada como finalidade da Educação Física a formação da personalidade do educando, e como seu objetivo o desenvolvimento e aperfeiçoamento físico e da saúde.

As prescrições para a Educação Física guardam relação com os elementos do processo de escolarização proposto por Faria Filho (2002). São requisitos necessários para que ocorra a prática: o espaço, as instalações, um programa variado, atividades extraclasse (campeonatos, excursões e demonstrações) e um professorado licenciado em Educação Física e registrado na Divisão de Educação Física. Sobre a materialidade e as instalações para o desenvolvimento da disciplina, percebemos que estava prevista a prática de atividades e exercícios ginásticos, assim como o uso de bolas, mastros, cestas, entre outros itens, para a prática do Voleibol e do

⁶⁴ De acordo com o Professor Alfredo Colombo – Diretor da Divisão de Educação Física.

⁶⁵ Boletim de Educação Física, ano VI, n.14, julho/1956.

Basquetebol. No entanto, percebemos que a quantidade e a especificação dos materiais não relacionados aos esportes estão, relativamente, maiores, como foi possível constar neste documento.

Sobre o espaço livre:

Área livre mínima de 200 m² para cada turma de *cinquenta* alunos em trabalho físico na mesma hora. Essa área deverá ser plana, contínua, retangular e revestida de cimento, asfalto, alvenaria ou madeira e, se possível coberta, ou circundada de arborização. (grifos nossos)

Sobre as instalações variadas:

Um dispositivo para seis cordas verticais de 4 metros (para os estabelecimentos masculinos os mistos). 10 sessões de espaldares (para os estabelecimentos mistos ou masculinos). 5 metros de escadas horizontais (fixas ou ajustáveis). 5 metros de barras duplas horizontais. (fixas ou ajustáveis). 10 metros de barras simples para suspensão inclinada. Uma barra de ferro ajustável. Todos os aparelhos deverão ser instalados ao longo das linhas laterais ou finais da área. As escadas e as barras devem ser capazes de suportar um aluno por metro.

Sobre os materiais selecionados:

25 “medicine-balls”, de dois quilos, com 50 cm de diâmetro. 50 bastões ginásticos, de madeira, com um metro de comprimento. 50 pares de maçãs ou 50 pares de halteres de madeira. Uma corda de 15m, para tração. Um colchão de 5x1, 30x0.20 m. Um plinto desmontável. Quatro bolas de voleibol, quatro bolas de basquetebol. Um cronometro, uma rede para voleibol. Um par de tabelas para basquetebol, um aparelho de som, composto de toca-discos, amplificadores, alto falante e microfone.⁶⁶

Ao relatar sobre como deveria ser o programa da Educação Física, explica-se que ele deveria ser variado, com ginásticas, jogos, desportos e atividades rítmicas. Podemos dizer que os materiais e as instalações descritas e necessárias para a realização das aulas guardam relação com as atividades propostas para o planejamento. Além disso, podemos pensar que as prescrições direcionam para uma modelagem de Educação Física preocupada com um desenvolvimento integral, a saber, físico, moral e social:

⁶⁶ Boletim de Educação Física, ano VI, n. 14, de julho de 1956.

Programa- deve incluir atividades variadas e oferecer oportunidade para: o desenvolvimento de habilidades neuro-musculares, de **qualidades físicas** e vigor orgânico; para **formação de hábitos, atitudes e ideias de conduta e recreação** apropriadas a uma vida sadia; para o despertar do *interêsse* e de alegria por atividades físicas que possibilitem aos educandos a utilização futura das suas horas de lazer; **para formação de padrões de conduta desejáveis**, qualidades de caráter e desenvolvimento da capacidade de liderança.(MEC, 1956) (grifos nossos)

Percebemos a preocupação dos responsáveis pelo Boletim de Educação Física em mostrar o que estavam propondo para essa disciplina no país. Foi apresentado o que se entendia por Educação Física e o porquê da sua presença nos estabelecimentos de Ensino Secundário. Além disso, preocuparam-se em noticiar os eventos, as reuniões, demonstrações de Educação Física, revelando, dessa forma, as suas ações para efetivar suas propostas. Entre os cursos anunciados, estão: reunião de secretários de escolas de Educação Física, Simpósio de Educação Física⁶⁷, reunião conjunta da Divisão de Educação Física e dos Delegados Regionais do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, demonstração de Educação Física em Niterói, notícias esportivas, cópia da Portaria Ministerial nº. 104⁶⁸ e nº.168, entre outros anúncios.

Destacamos a Portaria Ministerial n.168, de 17 de abril de 1956, que dispõe sobre a prática da Educação Física nos estabelecimentos de Ensino Secundário e apresenta, também, novas prescrições para a disciplina. A Portaria reforça a questão da obrigatoriedade da prática educativa e da frequência de todos os alunos com menos de 21 anos, além de estabelecer a regularidade das sessões – três vezes por semana – e a sua duração – 50 minutos.⁶⁹ Os alunos que prestam serviço militar ficam dispensados, assim como os que não apresentam boas condições de saúde.

Também foi definido que os alunos que não possuísem a frequência em 75% das aulas de Educação Física não poderiam realizar os exames finais das outras disciplinas; assim.

⁶⁷ Os conteúdos desse simpósio foram: A Portaria Ministerial n. 168, de 17/04/1956, a utilização dos métodos de Educação Física, segundo as instalações, provas práticas, ginástica corretiva e Handball.

⁶⁸ Dispõe sobre a implantação, instalações e organização dos Centros de Educação Física. Os alunos que frequentassem Centros de Educação Física ficariam dispensados das aulas no estabelecimento de ensino que estão matriculados.

⁶⁹ Mínimo de duas sessões semanais.

os exames seriam realizados em outra época (na metade de fevereiro). No entanto, para os alunos concluintes da 4ª série Ginásial e 3ª série Colegial que não possuíam frequência mínima nas aulas de Educação Física, os exames de segunda época poderiam ser adiantados. Essa autorização de adiantamento dos exames, e até mesmo a prorrogação dos exames, demonstra que apesar da obrigatoriedade da presença nas aulas de Educação Física, isso não era determinante para a aprovação do aluno no ano escolar corrente, e nem mesmo prejudicaria os alunos que estavam concluindo seus cursos.

A assistência médica seria obrigatória, com a realização de dois exames médicos biométricos por ano: um em março, “para discriminação dos deficientes ou defeituosos”, e outro em outubro, “para verificação dos efeitos dos exercícios”.⁷⁰ Além disso, no planejamento da Educação Física deveria constar a aplicação de exames práticos de suficiência física, nos primeiros dias letivos, e de eficiência física ao final do ano.

As sessões deveriam acontecer preferencialmente nas primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde, com um máximo de 50 alunos. Era vetado qualquer exercício físico intenso desde uma hora antes até duas horas depois das refeições principais. Ficou estabelecido também que seria permitido suspender as atividades escolares em caso de participação dos alunos em competições esportivas e demonstrações de Educação Física. Esse consentimento da troca das aulas por outra atividade pode significar uma valorização da prática esportiva na Educação Física escolar naquele período.

A Portaria dispõe também sobre o aparelhamento e os materiais adequados para a prática. Deveria possuir uma área livre, vestiários e gabinete médico (balança, toesa para estatura e fichas médico- biométricas), assim como barra de ferro, escadas horizontais, seções de espaldares, “medicine-balls”, bastões ginásticos, pares de maçãs, corda, colchão, plinto desmontável, bolas de Voleibol e Basquetebol, cronômetro, aparelho de som e, para o gabinete médico, uma balança de precisão, como foi descrito na Reunião de Diretores de Ensino Secundário promovida pela D.E.F.

Estava previsto que todos esses elementos prescritos pela legislação seriam fiscalizados pela Diretoria do Ensino Secundário, que deveria inspecionar o estabelecimento, remover dificuldades e emitir relatórios. Sobre a normatização, era função da escola disponibilizar folhas de relatórios e enviar, até o dia 15 de março de cada ano letivo, uma

⁷⁰ Portaria Ministerial nº 168, III - Da Assistência Médica, art. 4º.

cópia do horário das sessões de exercícios físicos. Nessa cópia, deveria constar o nome dos professores responsáveis e o horário do médico assistente.

Nesta Portaria são descritas as funções do inspetor e as competências necessárias do professor:

- j) Ter sempre em mira a ideal *formação física, moral e social dos educandos*;
 - l) Conduzir os alunos não apenas à aquisição de conhecimentos, mas à maturidade de espírito pela *formação de hábitos sadios* e da capacidade de agir;
 - m) Colaborar com a direção do estabelecimento na organização e na execução dos trabalhos complementares de caráter cívico e recreativo.
 - n) *Pugnar pelo desenvolvimento das atividades esportivas* entre os alunos, fazendo-os *participar de competições* internas e externas;
 - o) Apresentar ao diretor um relatório anual de suas atividades até o dia 15 de dezembro;
- (MEC, 1956) (grifos nossos)

Além dessas, constam as funções administrativas, como os registros de frequência, a organização do horário dos exames práticos, o preenchimento e a entrega do diário de classe, a pontualidade e a assiduidade. No trecho acima, podemos notar a responsabilidades dos docentes com a formação do aluno, que deveria ser integral: física, moral e social. Não bastava ensinar os conhecimentos da Educação Física; eram responsáveis pelo amadurecimento do aluno. Outra característica que nos chamou atenção foi o incentivo à prática de atividades esportivas pelos alunos.

No ano seguinte, 1957, foi publicado o Boletim da Educação Física nº15, ano VI, com características muito similares ao anterior, e organizado pelos mesmos membros da D.E.F.. Essa edição comemorou o 20º aniversário da Divisão de Educação Física, com o propósito de contar as ações da Divisão e sua história, além de anunciar as mudanças e as realizações de eventos da Educação Física. O Boletim divulga, em sua primeira notícia, a palestra pronunciada no curso-estágio para inspetor da diretoria do Ensino Secundário, em 24 de abril de 1957, realizada por Ovídio Silveira Souza, o então inspetor chefe da seção de E.F.G.M.⁷¹

⁷¹ Esta sigla não foi identificada.

da Divisão de Educação Física. Nesse texto, são reforçados os conceitos e as finalidades da Educação Física e a sua legislação.⁷²

Outro texto apresentado foi o de Yesis Ilca Amoedo G. Passarinho, intitulado “Planejamento do Ensino”, o qual aborda os objetivos da Educação Física, o plano de curso e organização das unidades didáticas com base no programa oficial. Foram sugeridos como conteúdos das unidades a Ginástica Feminina Moderna, a Ginástica Acrobática, as danças regionais, o Voleibol, o Basquete, a Natação, entre outros. O texto apresenta uma forma de sistematizar a elaboração de uma aula e de um plano de ensino e utiliza exemplos de aulas para demonstrar a aplicação da teoria.⁷³

Além desses textos, foram anunciados e noticiados eventos como o Iº Estágio Internacional de Educação Física, que aconteceu no dia 14 de junho de 1957, com a presença de professores estrangeiros, e foram publicadas novamente as leis (Portarias e Decretos) que dizem sobre a estrutura da Educação Física, como a legislação sobre a prática da Educação Física em estabelecimentos de Ensino Secundário e de Grau Médio.

No mesmo ano, no âmbito de Belo Horizonte, foi publicada no Jornal “O Diário de Minas”, de 25 de junho de 1957 (p.8), a seguinte notícia: “Obrigatória a Educação Física – Portaria do Ministério da Educação regulando o assunto”. A Portaria n. 37, de 18/06/1957, publicada pelo “Diário Oficial”, estabeleceu que a Educação Física deveria ser obrigatória, no turno diurno, para alunos com idade até 21 anos. A Portaria instituiu, ainda, outros critérios: dispensa das aulas; feitura de exames médicos biométricos; verificação e registro das fichas; uso de uniforme; deveres dos professores e do médico; instruções para realização da prova de eficiência física; e os exercícios físicos a serem ministrados aos estudantes. Além disso, disponibiliza a Portaria completa na sede do Jornal, para acesso dos estabelecimentos de ensino.

Percebemos que na década de 1950 houve tentativas de legitimar a Educação Física como uma prática importante, que deveria estar presente na escola. Para tanto, ela é conceituada e suas finalidades e objetivos são prescritos; afinal, não era qualquer Educação Física. Além disso, todos os professores de Educação Física deveriam registrar-se na D. E. F.

⁷² Os artigos publicados tiveram os seguintes temas: Homenagem ao Major João Barbosa Leite; Retrospecto, objetivos e finalidades da Educação Física; o moderno sistema ginástico sueco; a doutrina austríaca de Educação Física; e o inspetor de Educação Física.

⁷³ Como não existe um plano de aula detalhado, não foi possível identificar semelhança com algum método ginástico.

É possível dizer que os Boletins de Educação Física de 1956 e 1957 constituem um lugar de ordenamento legal da Educação Física no Ensino Secundário. Para tanto, elaboram prescrições que dizem da constituição e de elementos da escolarização de uma disciplina. Para Faria Filho (2002), estudar uma disciplina escolar implica compreender vários elementos. No caso da Educação Física, implica compreender os *tempos escolares* da aula, dos jogos, dos desfiles, ou de outras atividades desenvolvidas pela disciplina; os *espaços* de ensino e aprendizagem; os espaços físicos; os locais onde ocorriam as aulas e a infraestrutura para isso, além de perceber o espaço como lugar de ocupação da prática em relação à outras disciplinas.

Incluem-se aqui, também, os *sujeitos* responsáveis pelo ensino, pela sua organização, as relações dos professores, alunos e funcionários, ou seja, os atores da escola. Implica entender suas funções e ações, suas posições e responsabilidades, pois, afinal essas pessoas “participam ativamente na constituição da escola e da cultura escolar e de si mesmos como sujeitos sociais” (FARIA FILHO, 2002, p.18). Também devem ser compreendidos os *conhecimentos*, as temáticas, a escolha, os significados e a forma como o saber escolar é produzido, transmitido e reinventado. Quais são as temáticas? Como são expostas? Quais são as permanências? Qual é a tendência? Por fim, também estão envolvidas as *práticas escolares* em si, o modo como são constituídas e se apresentam.

O desenho articulado desses elementos propicia a visualização de um cotidiano escolar e da sistematização da disciplina. O Boletim de Educação, as Portarias e os Decretos de Lei desenharam a Educação Física no âmbito normativo, dizem sobre como organizar os espaços, os tempos, os sujeitos, os conteúdos e as práticas da Educação Física.

O clima político e o ordenamento legal para a Educação Física: década de 1960

Na constituição de 1946, foi previsto que a União deveria fixar as “diretrizes e bases da educação nacional”; entretanto, somente em 1961 a lei de Diretrizes e Bases da Educação foi promulgada, um resultado de treze anos de debates sobre a Educação Brasileira. A LDB de 1961 foi a primeira legislação a regularizar o sistema de ensino do país e estabelecer suas finalidades. Os debates acerca do Projeto de Lei tinham como temas: autonomia estadual, descentralização ou centralização da política educacional, variedade de cursos e flexibilidades do currículo, e escola pública e privada (PINTO, 2008).

No período de 1946 a 1961, os debates sobre a concretização do Projeto de Lei e do modelo de sociedade estavam em torno dos interesses de dois grupos, um que primava pelo nacional desenvolvimentismo, e outro dos defensores da privatização (AMADOR, 2005). Para esse autor:

[...] as disputas ideológicas ocorridas durante o período de debates estarão diretamente vinculadas às relações econômicas e políticas em evidência na época. Nesta lógica, os dois grandes embates ideológicos que marcaram as disputas nesta fase foram a questão da centralização x descentralização e o confronto entre os defensores da escola pública x escola particular. (AMADOR,2005, p.3)

Para Amador (2005), a LDB de 1961 foi estabelecida por um acordo entre os dois grupos, com tendência para a privatização, seguindo, então, o princípio da “liberdade de ensino”; neste modelo, o Estado é o responsável por fiscalizar. A LDB “contemplou interesses privados e garantiu, de acordo com a representação política do Congresso, a escola pública possível para o povo naquele momento” (AMADOR, 2005, p.8). Para Nunes (2000, p.44), a LDB de 1961 propôs poucas mudanças; o Ensino Secundário “continua um curso de cultura geral e cultura humanística”, mantém a mesma forma de provas e exames e o acesso realizado pelos exames de admissão.

Nessa lei, a Educação Física permanece como prática obrigatória nos cursos Primário e Médio, até a idade de 18 anos. O grau Médio ao qual a Lei faz referência foi caracterizado como um prosseguimento da Escola Primária, destinado à formação dos adolescentes, composto pelo Ensino Secundário, pela formação de professores e pelo Ensino Técnico, sendo dividido, assim como na legislação anterior, em Curso Ginásial e Curso Colegial. A Lei de 1961 propôs uma organização flexível do ensino; apenas cinco disciplinas eram obrigatórias: Português, Matemática, Geografia, História e Ciências. As outras, de caráter optativo, eram estabelecidas pelos conselhos estaduais. Caberia ao estabelecimento de ensino, em seu regimento interno, dispor sobre a sua organização. As escolas poderiam organizar dois tipos de curso, o Secundário e o Magistério, ambos divididos em 4 anos (Ginásial) e 3 anos (Colegial), sendo que cada ciclo era composto por disciplinas e práticas educativas obrigatórias e optativas.

Sobre a formação dos professores para atuar nesse nível de escolaridade, foi criado nas Faculdades de Filosofia um curso especial para formação de orientadores de educação do Ensino Médio. Era permitido o acesso aos “licenciados em Pedagogia, Filosofia, Psicologia

ou Ciências Sociais, bem como os diplomados em Educação Física pelas Escolas Superiores de Educação Física” (BRASIL...1961).

Não encontramos disposições legais sobre a Educação Física no período entre a publicação da primeira LDB e a do Decreto nº 58.130, de 31 de março de 1966. Vale lembrar que no contexto político nacional, a transição das décadas de 1950 e 1960 foi caracterizada pelas mudanças de governo (Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart, regime militar). A década de 1960 foi marcada pelo regime militar, que teve início em 1964, com a intenção de “livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia, mas o novo regime começou a mudar as instituições do país através de decretos, chamados de Atos Institucionais” (FAUSTO, 2012, p.397). Essa nova configuração política não alcançou a almejada reestruturação democrática. Pelo contrário, os atos institucionais colocaram em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, e, assim, representaram a falta de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar.

Segundo Clarice Nunes (NUNES, 2000, p.56), o regime militar significou

“fortalecimento do poder executivo em contraposição ao poder legislativo; centralização e modernização da administração pública; reorientação das relações entre as classes sociais, através de uma política salarial e trabalhista, com o objetivo de acelerar a acumulação de capital e conter o protesto social; redefinição da política educacional, em todos os níveis de ensino” (NUNE, 2000, p.56).

Predominava a preocupação com o desenvolvimento econômico, utilizando de importação de tecnologia sofisticada e ajuda externa; este plano de governo propiciou novas propostas para o ensino secundário. (NUNES, 2000).

Somente alguns estudos abordaram os desdobramentos da organização da disciplina escolar Educação Física e a política nacional durante o período do governo militar. Taborda de Oliveira (2003) mostrou, em seu estudo sobre o período entre 1968 e 1984, algumas relações e especificidades da Educação Física. O autor aponta a Educação Física e a Educação como partes do projeto político nacional que refletem na reorganização da Educação Física escolar e destaca, ainda, as mudanças quanto à sua finalidade na Escola.

Nesse contexto, a Educação Física ajudaria no desenvolvimento brasileiro. As aulas de Educação Física escolar, transformadas em treinos esportivos, e os pressupostos do

“cientificismo” passaram ser o referencial da área. Amparar a disciplina na ciência era uma forma de desvinculá-la de práticas desorganizadas e sem planejamento, e legitimar a Educação Física pelo conhecimento racional das práticas. O esporte foi sinalizado como o conteúdo da Educação Física, tendo sido desprezadas as outras práticas corporais. Assim, no discurso oficial, as aulas tinham como finalidade detectar o talento esportivo e ser o celeiro esportivo. Vale ressaltar que outros pressupostos quanto à definição dos conteúdos estavam em circulação, e apontam para o esporte como um dos conteúdos, mas não o exclusivo, como foi destacado por Tabora de Oliveira (2003).

Foi apresentada uma perspectiva utilitarista da Educação Física e do esporte, que deveriam “aperfeiçoar a saúde, preencher os momentos de lazer, desenvolver recursos humanos” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003, p.106). Tabora de Oliveira (2003) enfatiza essa característica de utilitária e aponta a responsabilidade da educação com o controle social; ela deveria dar conta de educar para os “bons hábitos e responsabilidades”. Nesse contexto, os professores teriam a responsabilidade de mediar e levar esses princípios para a escola, e, para tanto, os veículos de divulgação da Educação Física chamam os professores para o debate e para participarem desse “projeto de renovação da Educação Física” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003).

Havia naquele momento uma grande preocupação com o tempo livre, com o lazer, com a educação integral da criança, com os valores morais de um mundo em crise pela técnica e pela ciência. Em contrapartida, fazia-se a apologia da técnica e da ciência em nome de um desenvolvimento tido como indiscutível. A “modernização” – mote da ditadura militar – tinha chegado para ficar. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2003, p.13)

O autor confirma o que vinha sendo apontado na historiografia sobre uma redução da Educação Física à prática esportiva. Percebemos na legislação desse período algumas mudanças, discutidas por Tabora de Oliveira (2003). O Decreto nº 58.130, de 31 de março de 1966, regulamentou o art.22 (sobre a obrigatoriedade da Educação Física) da LDB de 1961 e fixou Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Foi indicado no texto desse decreto que a prática da Educação Física não vinha acontecendo: “não havendo continuidade na prática da Educação Física, os efeitos das suas atividades, da maneira como vêm sendo executadas, são nulos ou contraproducentes”. Além disso, foram apresentados problemas quanto à apuração da frequência às aulas ou sessões de Educação Física. Para tanto, foi reforçada a obrigatoriedade dessa prática educativa e afirmou-se que a Educação Física “tem por objetivo

aproveitar e dirigir as forças do indivíduo - físicas, morais, intelectuais e sociais – de maneira a utilizá-las na sua totalidade, e neutralizar, na medida do possível, as condições negativas do educando e do meio”.

É reforçada a responsabilidade das instituições de ensino em organizar o programa das atividades, devendo haver aulas semanais em quantidade e tempo que não prejudiquem os efeitos da prática. Foi previsto que as aulas e sessões de Educação Física, assim como as atividades físico-desportivas, deveriam ser sempre ministradas por professores qualificados acompanhadas por uma assistência médica. Além disso, é previsto o uso de fichas biométricas (modelo fornecido pela Divisão de Educação Física – Anexo 1) para registrar os resultados dos alunos ao longo do ano. Esse decreto de 1966 também reforçou a questão da frequência mínima de 75% das aulas de Educação Física, critério necessário para realizar as provas finais das outras disciplinas. Percebe-se nessa legislação um esforço em definir o que é a Educação Física e a sua importância. Em alguns artigos desse decreto, a Divisão de Educação Física se responsabiliza pelo incentivo à prática ginástico-desportiva e recreativa, escolar e extraescolar.

Em 1967, com a Portaria n. 148 do MEC, houve outra conceituação sobre a Educação Física, estabelecida naquele momento como um “conjunto de ginásticas, jogos, desportos, danças e recreação”. Em 1969, o Decreto-Lei nº.705 introduziu a Educação Física em todos os níveis de ensino e isso ainda foi reforçado por outro, o Decreto-Lei n. 69.450, de 1º de novembro de 1971, que normatizou a Educação Física no sistema escolar. A mesma possuía como orientação a aptidão física, que “constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino”. O Decreto define: “a educação física, atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora - forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional”. Percebe-se que era função da Educação Física o aprimoramento físico dos educandos. Posteriormente, na Lei 5.692/1971⁷⁴, é reforçada a obrigatoriedade dessa disciplina.

Pelo ordenamento legal da Educação Física da década de 1960, é possível dizer que houve uma afirmação dessa prática pedagógica na escola. A legislação apresentou maneiras

⁷⁴ LEI Nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971 – Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

de ensinar e alguns rituais da disciplina, como a realização de exames práticos e biométricos, lista de frequência dos alunos, etc. Além disso, percebemos o incentivo à prática esportiva, sendo responsabilidade da Educação Física e de seus professores “pugnar pelo desenvolvimento das atividades esportivas entre os alunos”. O desenvolvimento da aptidão física dos educandos é um assunto que se destaca em praticamente todas as legislações do período entre as décadas de 1940 e 1970.

No entanto, essas normativas estão no âmbito prescritivo e nacional e nos interessa perceber como elas adentraram a escola. Quais foram os elementos que a Educação Física utilizou? Como se deu essa prática e organização no cotidiano escolar, neste caso no pátio e na Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais?

Formação de professores de Educação Física

Nas legislações das décadas de 1950, 1960 e 1970, a presença do professor de Educação Física para ministrar as aulas de Educação Física no Ensino Secundário é recomendada e obrigatória. Esses professores deveriam possuir curso de Graduação em Educação Física e registro na Divisão de Educação Física.

Os estudos de Melo (1996), José Grunennvaldt (1998) e Ferreira Neto (1999) abordam a história da formação de professores de Educação Física e tiveram como objeto de análise as Escolas Superiores de Educação Física: a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e a Escola de Educação Física do Exército. Amarílio Ferreira Neto (1999) discute o projeto político-pedagógico e de formação de professores produzido pela instituição militar, contemplando o período de 1920 a 1945. O autor destaca as primeiras iniciativas de sistematização do ensino de Educação Física, a criação do Centro Militar de Educação Física (C.M.E.F.) e a instituição da Escola de Educação Física do Exército. Já Victor Andrade Melo (1996) e José Grunennvaldt (1998) tiveram como objeto de suas análises a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), criada em 1939, na Universidade do Brasil, durante o Estado Novo. Esses autores dão centralidade à presença de médicos, de militares, de desportistas e de intelectuais no corpo docente. A tentativa era a afirmação da ENEFD como escola padrão, “responsável por desenvolver, direcionar e organizar a formação na educação física no Brasil” (MELO, 1996, p.49).

Em Minas Gerais, somente na década de 1950 surgiram os primeiros cursos superiores de Educação Física, com a criação de duas escolas de Ensino Superior no ano de 1952. Até então, a formação de professores (as) para a Educação Física infantil era responsabilidade do Instituto de Educação, sendo parte do curso de formação de professoras para o Ensino Primário, por meio da disciplina Ginástica. Além dessa formação, o Departamento de Instrução da Polícia Militar (D.I.) também ofertou cursos destinados à formação de instrutor para a formação de tropas, denominado Centro de Educação Física do Departamento de Instrução da Força Pública (ALMEIDA CAMPOS, 2007). O corpo docente do Centro Mineiro era composto, basicamente, por médicos e militares que deveriam ser formados pela Escola de Educação Física do Exército. O curso, que tinha a função de especializar os militares, era destinado à formação de monitores e instrutores de Educação Física. Esse curso habilitava os concluintes a trabalhar com o ensino de modalidades esportivas em clubes e praças de esportes (KANITZ, 2012). Roberto Kanitz (2012, p.3) ainda aponta a possibilidade de alguns instrutores ministrarem aulas de Educação Física em escolas, “nas turmas do segundo grau, inclusive em escolas religiosas”. Essa observação foi possível, por meio de um artigo publicado em um informativo da Escola de Educação Física, de 1957:

[...] Eventualmente, porém, o D.I., pelo seu antigo centro de Educação Física, pôde contribuir, em larga escala, para a difusão da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário e para o aprimoramento técnico dos desportistas que procuram as praças de esporte do Estado, preparando professores e técnicos militares para exercerem as funções educativas também no meio civil. [...].⁷⁵

Em 1952, começaram a funcionar duas escolas na capital mineira, uma do estado (Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais), vinculada à Diretoria de Esportes, e outra das Faculdades Católicas (Escola de Educação Física das Faculdades Católicas), mantida pela Sociedade Mineira de Cultura. Nessas escolas funcionavam cinco cursos: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Técnica Esportiva, Medicina Especializada e Massagem Especializada.

As duas escolas realizavam suas atividades práticas nas dependências do Minas Tênis Clube, em horários alternados, ou em outros espaços da cidade, como no D.I. Possuíam

⁷⁵ "Escola de Educação Física – Velho Sonho de Educadores Mineiros", do professor de Metodologia de treinamento Esportivo da EEFMG, Major Geraldo Pinto de Sousa. Informativo oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais, nº 1. Ano 1957 (KANITZ, 2012, p.3).

currículos semelhantes, baseados na organização da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, como foi prescrito no Decreto-Lei nº. 1.212, de 17 de abril de 1939. Esse Decreto-Lei estabeleceu que a ENEFD tivesse, entre suas funções, a de servir de base para outras escolas, o que possibilitaria a unidade teórica e prática ao ensino de Educação Física no país.

Um ano depois, possivelmente devido à pouca demanda de candidatos nos vestibulares e a problemas financeiros em ambas instituições, as escolas se fundiram. Em 1953, o resultado da fusão das duas passou a denominar-se Escola de Educação Física de Minas Gerais. A oficialização da união, com o reconhecimento federal da instituição, foi homologada em 13 de abril de 1955. O currículo da Escola de Educação Física de Minas Gerais manteve estrutura similar àquele que vigorava na escola do estado, com a inclusão da disciplina Cultura Religiosa. Os cursos oferecidos também foram os mesmos previstos pelo Decreto-Lei nº. 1.212 (NASCIMENTO et. al., 2013).

Essa instituição foi responsável pela formação dos primeiros professores de Educação Física na capital mineira. Na reportagem do Jornal “O Diário de Minas”⁷⁶, foi apresentada uma lista dos alunos que concluíram diversos cursos naquele ano na Escola de Educação Física. Os cursos formavam: técnicos desportivos, massagistas especializados, médicos especializados em Educação Física, professores de Educação Física Infantil, instrutores de Educação Física para a Polícia Militar e professores de Educação Física Superior. Percebemos que muitos desses novos profissionais atuaram como professores de Educação Física no Colégio Estadual.

Entre os 54 formandos estavam presentes os seguintes professores: Cid Pedro Timponi, Joel Duque e Luiz Afonso Teixeira Vasconcelos Almeida, graduados em Curso Superior de Educação Física, e o Professor Lincoln Raso em curso de técnica desportiva. Como apresentamos anteriormente, esses formandos foram professores no Colégio Estadual, a partir de 1956. Nos anos seguintes, outros alunos que se formaram na Escola de Educação Física se tornaram professores do Estadual. Acreditamos que a formação em Curso Superior colaborou com a constituição do desenho da Educação Física nessa escola.

A presença de professores de Educação Física recém-formados pela Escola de Educação Física é relatada em uma reportagem de alguns anos mais tarde, em 04 de dezembro de 1958, no Jornal “O Diário”. Nessa reportagem, foi feita uma relação dos professores que se

⁷⁶ Jornal O Diário de Minas, 21/12/1955.

formaram na Escola de Educação Física e dos seus locais de atuação profissional na época. Como professores do Colégio Estadual de Minas Gerais, aparecem Odilon Barbosa e Lincoln Raso. O nome do Professor Arminto Machado Coelho aparece na relação de professores do Colégio Marconi; posteriormente, na década de 1960, ele ministrou aulas no Colégio Estadual – Departamento Central e Departamento da Serra.⁷⁷

Assim, ordenamentos legais também modelaram a forma e o exercício profissional dos professores de Educação Física. Goodson (2001) afirma que os processos de formação profissional também fazem parte da configuração e constituição de uma disciplina escolar. As metodologias ensinadas e adotadas nos cursos superiores, os conteúdos aos quais os docentes tiveram acesso, as experiências de cada sujeito durante o período de formação guardam relação com a sua atuação nas escolas. Dessa maneira, percebemos um conjunto de múltiplas influências (sujeito, escola, formação docente, matérias acadêmicas, práticas sociais de referências, etc.) responsáveis pelo processo de conformação da disciplina escolar.

O Regimento do Colégio Estadual: presença da Educação Física

A Portaria nº. 360, do Departamento do Ensino Secundário e Superior, determinou o Regimento do Colégio Estadual de Minas Gerais no dia 1º de agosto de 1953⁷⁸. Na reportagem do jornal “Minas Gerais”⁷⁹, o Secretário da Educação definiu que esse regimento deveria ser seguido por outros estabelecimentos de ensino, pois o mesmo era sugerido como padrão.⁸⁰

Nesse regimento, que diz sobre a organização administrativa e as atribuições de cargos, foi determinado que as aulas do Colégio Estadual deveriam ser programadas em dois turnos (período da manhã e da tarde) e, se necessário, poderia funcionar no período noturno. No turno noturno, só poderiam se matricular os alunos que cumpriam no horário diurno as suas ocupações. Na distribuição dos turnos e das classes, foi determinado que nenhum aluno

⁷⁷ Jornal O Diário, p.2, 04/12/1958, “Professores levam a Educação Física a setores importantes do Estado”.

⁷⁸ Não foram encontrados outros regimentos do Colégio Estadual de Minas Gerais entre o de 1953 e os da década de 1970.

⁷⁹ Reportagem do Livro de recortes do Colégio Estadual de Minas Gerais – Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

⁸⁰ “O Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais, tendo em vista o trabalho apresentado pela comissão designada para elaborar o regimento do colégio Estadual de Minas Gerais, resolve aprová-lo, tornando-o extensivo, no que lhes for aplicável, aos demais estabelecimentos de ensino de grau médio mantidos pelo Estado.” Assinado pela Secretaria da Educação, em Belo Horizonte, no dia 1 de agosto de 1953.

tivesse aulas em dois turnos, sendo o turno da manhã destinado às séries superiores. Cada turma poderia ter no máximo 36 alunos nas aulas teóricas, e no máximo 18 nas aulas práticas. Foi determinado também que, em cada turno, uma hora da semana seria destinada às atividades sociais e esportivas dos alunos.

A contratação dos professores era feita mediante concursos de provimento de cadeiras vagas e provas de suficiência para exercício interino ou regência de aulas suplementares. As inscrições para os concursos eram abertas pelo Diretor da Instituição.⁸¹ No jornal “O Diário”, não encontramos nenhuma notícia sobre os exames de suficiência para professor de Educação Física, apenas para professores de regência, em aulas suplementares, das cadeiras de Matemática, Latim, Português, Francês, Inglês, Filosofia, Iniciação às Ciências e Ciências Físicas e Biológicas, Biologia, Física, Química, Geografia Geral e do Brasil, História Geral e do Brasil, e Desenho. Nos depoimentos, nos pareceu que as contratações dos professores de Educação Física estavam relacionadas com as indicações dos professores que já atuavam na Escola; muitas vezes, os professores solicitavam transferência dos cargos que ocupavam em cidades do interior para o Colégio Estadual da Capital.

Além disso, foi determinado que no Colégio Estadual o corpo docente fosse composto por professores catedráticos, professores interinos, professores substitutos e professores contratados para ministrar as aulas suplementares.⁸² Cada um desses cargos possuía atribuições e um modo específico de entrada no colégio, seja por concurso, exame de suficiência ou contatos pessoais.

No capítulo VII desse regimento, sobre os deveres dos alunos, fez-se referência à preservação do patrimônio, à disciplina e à obediência às regras, entre outras. Chamou-nos atenção, no art.36, letra h, o seguinte trecho: deverão os alunos “participar das atividades sociais, literárias e esportivas do Colégio, comparecendo às solenidades comemorativas e sessões de trabalho extracurriculares”. Quais atividades esportivas seriam essas? Seria uma referência às aulas de Educação Física?

Ficou determinado pelo art.38 que os alunos deveriam organizar um Conselho de Estudantes, destinado a centralizar as atividades culturais e esportivas dos alunos, assim como promover a socialização entre os turnos e classes e, também, colaborar com a assistência à

⁸¹ Portaria Nº. 369 – Regimento do Colégio Estadual de Minas Gerais, 01/08/1953. Capítulo III – Atribuições do Diretor, art. 8º.

⁸² Portaria Nº. 369 – Regimento do Colégio Estadual de Minas Gerais, 01/08/1953. Capítulo V – Corpo Docente, art. 16.

disciplina do estabelecimento.⁸³ O Conselho de Estudantes também era responsável por eleger o Grêmio, de caráter cultural, que tinha como atribuição desenvolver as atividades culturais extracurriculares, sociais e esportivas dos alunos (Art 39). Acreditamos que esse órgão foi criado no colégio sob o nome de ACERCE (Associação Cultural, Esportiva e Recreativa do Colégio Estadual), como foi dito no depoimento de Humberto Werneck⁸⁴. Segundo este ex-aluno, a organização tinha a responsabilidade de organizar o jornal do colégio, denominado “A Inúbia”. Humberto Werneck também relata que essa organização era responsável pela promoção de festas – por exemplo, a festa junina – e de alguns jogos.

Essas recordações também estão presentes em outros depoimentos. Um entrevistado afirmou que essa associação já estava instalada no Colégio Estadual mesmo antes de sua entrada, que foi no ano de 1959, e possuía como finalidade “desenvolver as atividades descritas em sua própria denominação”⁸⁵. Outro ex-aluno que participou do Diretório Estudantil do Colégio Estadual, em 1963-1964, relatou que a ACERCE tinha, além de tudo, a função de representar os alunos. Posteriormente, na década de 1960, essa organização foi substituída pelo Diretório Estudantil. Segundo o ex-aluno, a nova organização deveria:

[...] representar o corpo discente do Colégio Estadual; manter a cordialidade entre estudantes e professores; promover a elevação e o aprimoramento do nível intelectual, artístico, social e esportivo dos alunos; cooperar com a direção do colégio no aprimoramento do ensino e da educação; incentivar a aproximação e o intercâmbio com outros institutos de ensino.⁸⁶

Não sabemos se de fato essas organizações estudantis foram responsáveis por realizar os eventos esportivos. Parece-nos, pelos depoimentos de ex-professores, que essas iniciativas estavam vinculadas às atribuições dos próprios professores. Podemos supor que os estudantes colaboravam na organização, mas não eram os únicos responsáveis⁸⁷. De todo modo, merece ressalva o fato das atividades esportivas sempre aparecerem vinculadas às de caráter cultural e social.

⁸³ Portaria Nº. 369, do Colégio Estadual de Minas Gerais, 01/08/1953. Capítulo VII – os alunos, seus deveres, art. 38.

⁸⁴ Depoimento de Humberto Werneck, em 24/08/2012.

⁸⁵ Depoimento cedido por Aleluia Teixeira (2011).

⁸⁶ Depoimento cedido por Aleluia Teixeira (2011).

⁸⁷ Segundo o depoimento de Humberto Werneck, o ex-aluno se recorda de participar de uma “expedição multiesportiva” a Ubá, Minas Gerais, organizada pela ACERCE (Entrevista feita por Aleluia Teixeira em 2008 e depoimento de Humberto Werneck, em 24/08/2012).

No Regimento de 1953, não foram feitas referências diretas às aulas de Educação Física, tais como: prescrições de horários, divisão de turmas, contratação dos professores, etc. Porém, foi prevista a participação em atividades esportivas. Ao analisar os depoimentos dos ex-alunos e ex-professores, percebemos que aqueles momentos esportivos estavam presentes, ora na quadra de Futebol de Salão, de terra, que ficava perto da cantina, ora no campo de Futebol do outro quarteirão; além disso, havia os eventos esportivos na cidade, como a “manhã esportiva”⁸⁸, outros jogos, e excursões esportivas.

Vale ressaltar que ordenamentos legais são prescrições, e, portanto, não podemos afirmar que foram apropriadas pelos estabelecimentos de ensino e pelos sujeitos. Esse argumento se relaciona à distinção feita por Faria filho (1998) entre o momento de produção e o momento de realização da lei. No momento de produção da lei, ocorrem lutas de poderes; ali é o lugar de expressão e de lutas sociais. A realização da lei está relacionada à apropriação, “a ação do sujeito supostamente inspirada pela legislação” (FARIA FILHO, 1998, p.109). A realidade pode proporcionar a criação ou a modificação de uma lei e esta lei pode alterar a realidade. Para o autor, a legislação escolar é um ordenamento jurídico específico atrelado a outros ordenamentos. Já segundo Taborda de Oliveira (2007), a legislação é uma normativa responsável por prescrever um modo de organização da cultura. Entre as décadas de 1950 e 1970, várias foram as normativas (Leis, Decretos, Pareceres, Regulamentos, Boletins) que constituíram as diretrizes que regulamentaram a Educação Física e a Educação Brasileira.

No próximo capítulo, serão tratadas as rotinas da disciplina Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais, em diálogo com os ordenamentos legais. Para tanto, foi preciso olhar para o “chão da escola” e, mais especificamente, para a Educação Física, entendendo, assim, a sua organização, seus horários e conteúdos, e as atribuições dos professores, além das maneiras pelas quais a Educação Física se fez presente, ou ausente.

⁸⁸ Essa notícia foi localizada no livro de recortes de jornais do Colégio Estadual de Minas Gerais, de 1952. A data, escrita à mão, indica 16/06/1952.

CAPÍTULO III

O DESENHO DE UMA DISCIPLINA: A EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO ESTADUAL DE MINAS GERAIS

“Na quadra de esportes. Nós tínhamos lá uma, duas, três, quatro quadras de esportes, depois teve uma lá em baixo, cinco, e a piscina. Então, aquilo fervia, como se fosse... Era uma coisa louca a Educação Física. Cada um com a sua turma em um setor, dando aula.” (Depoimento do Professor Wilson Camelier)

O processo de constituição de cada disciplina escolar é singular e formado por diversos elementos, que são muito próprios, como as características dos sujeitos, os conhecimentos (a seleção, organização e o planejamento de conteúdos), os tempos e espaços que ela ocupa na escola, as práticas escolares, a formação docente, entre outros. O enraizamento de uma disciplina se dá por meio de desdobramentos, de maneiras como, pouco a pouco, ela se insere e se consolida em uma determinada cultura escolar, por vezes influenciada pelas matérias acadêmicas ou pelas práticas sociais de referência.

Estamos operando com a hipótese de que a Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais estava em desenvolvimento, e foi se consolidando como uma prática escolar. As fontes encontradas nesta pesquisa pareciam dizer que a disciplina Educação Física não esteve presente na escola até meados da década de 1960. Os depoimentos orais e a falta de documentação no arquivo da Escola Estadual Milton Campos confirmavam essa afirmativa. Porém, com o aprofundamento da pesquisa, percebemos as formas pelas quais a Educação Física se fez presente naquele espaço. Inclusive, o fato de muitos depoimentos afirmarem a ausência de aulas de Educação Física é indicativo de um lugar (ou um não lugar) dessa disciplina na cultura escolar.

Em seu depoimento, Roberto Martins⁸⁹ utilizou a caracterização de uma disciplina “avacalhada”, sem sistematização, “sem plano pedagógico”. Segundo ele, não existia controle de frequência e horário definido. Esse relato é similar ao de Humberto Werneck⁹⁰, que diz não se lembrar das aulas de Educação Física, apenas de momentos em que os alunos participavam de jogos e competições organizadas pelos professores de Educação Física, ou com a ajuda de professores de outras instituições.

⁸⁹ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

⁹⁰ Depoimento de Humberto Werneck, em 24/08/2012.

Já Afonso Cozzi⁹¹, em seu relato, diz sobre dois momentos: um “formal” e outro dito “informal”. Para Cozzi, o “formal” estava relacionado com as aulas de Educação Física regulares, as quais contavam com a presença de professores de Educação Física, responsáveis por sua organização. Neste horário “formal”, estariam incluídos os exercícios e os torneios organizados pelos professores dentro da própria escola. O dito “informal” foi descrito pelo depoente como o momento em que praticavam atividades esportivas sem supervisão; as famosas “peladas” citadas especificamente por Afonso Cozzi eram as de Futebol e Futebol de Salão. No entanto, em outros depoimentos foram mencionados os jogos e “peladas” de outros esportes, como Basquete, Voleibol e Handebol.

Vale ressaltar que nesses momentos “informais” aconteciam outras práticas esportivas. Roberto Martins⁹² relatou que em um período anterior à construção da Praça de Esportes as “peladas” se restringiam ao Futebol, devido ao espaço disponível. Com a construção da Praça de Esportes, outros esportes começaram a ser praticados:

Depois, quando foi feita a Praça de Esportes, virou a maior festa. A gente passava, por exemplo, quando eu estudava de manhã, de tarde eu ia pra Praça de Esportes e ficava a tarde inteira na Praça de Esportes, e a gente ficava jogando... jogando Basquete, nadando. Era uma coisa livre.⁹³

Em seu depoimento, Roberto Martins ainda aponta as “peladas” como local de sociabilidade dos alunos; para ele, era o momento de encontrar com os amigos para jogar e assistir os colegas praticando esportes. Ele relata que, inicialmente, frequentavam esses jogos os que gostavam de Futebol e alguns amigos, não existia a presença feminina. Ainda segundo Roberto Martins, a Praça de Esportes possibilitou a maior presença das mulheres nas atividades esportivas da escola – “elas jogavam Voleibol, nadavam [...]”⁹⁴.

Foi possível perceber a presença/ausência da Educação Física nos depoimentos. Os ex-professores, afirmando a presença, e alguns ex-alunos dizendo de momentos livres, sem sistematização e sem Educação Física. São sujeitos que estiveram na escola e possuem visões e versões diferentes, uma vez que o lugar que cada um ocupa na escola influencia no modo de dizer sobre a disciplina escolar. O professor, como um sujeito que constitui a disciplina

⁹¹ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

⁹² Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

⁹³ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

⁹⁴ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

escolar é o responsável pelo seu planejamento, pela mediação do ensino, pela escolha dos conteúdos e, também, por proporcionar outras experiências (como a participação em campeonatos, festas). Dessa maneira, ao relatar sobre as experiências com as aulas do Colégio Estadual, os professores tendem a afirmar a presença, a importância do trabalho desenvolvido pela Educação Física, as rotinas sistematizadas, entre outras questões. Já os ex-alunos entrevistados, em sua maioria, estavam envolvidos com os esportes, com os campeonatos realizados fora da escola. É possível pensar que esses momentos foram mais significativos para esses sujeitos, e que provavelmente aconteceram com maior intensidade e frequência (na escola, nas ruas e nos clubes).

Além disso, os relatos das ausências nos permite supor que, ou as aulas não eram obrigatórias, ou aconteciam em horários e dias da semana em que nem todos os alunos estavam na escola. Ou, ainda, que apenas os alunos “esportistas” participavam regularmente das aulas de Educação Física. Vale observar que, ao falar sobre as aulas de Educação Física, os ex-alunos relembram os nomes dos professores, a presença de prática esportiva, os locais, como a quadra de terra em frente à cantina, o campo de Futebol da Praça de Esportes, que estava em construção, entre outras coisas. Então, como dizer da ausência da disciplina? Podemos operar com a hipótese de que ela não estava configurada como uma disciplina, da maneira que entendemos hoje, mas não podemos afirmar que ela estava ausente. Até porque percebemos nas fontes as rotinas da Educação Física, a presença de conteúdos, de professores e de horário para a prática. Dessa forma, nos interessa narrar as formas por meio das quais a Educação Física esteve presente no Colégio Estadual de Minas Gerais.

Vestígios de uma Disciplina

Encontramos vestígios de práticas da disciplina Educação Física nos anos anteriores à inauguração da nova sede da escola. Em uma reportagem denominada “Manhã Esportiva no Colégio Estadual”⁹⁵, é relatado que esse evento foi uma homenagem ao secretário de educação e contou com a apresentação de séries de ginástica masculina e feminina. Os professores responsáveis pela organização da parte masculina foram Antenor Horta e Irineu de Carvalho, e a parte feminina ficou a cargo da professora Diná Paschoal. Podemos afirmar

⁹⁵ Essa notícia foi localizada no livro de recortes de jornais do Colégio Estadual de Minas Gerais, de 1952. A data, escrita à mão, indica 16/06/1952. Dessa maneira, a identificação de qual jornal a publicou não foi possível.

que esses professores atuaram no Colégio Estadual até o final da década de 1950, segundo registros e assinaturas do livro de ponto⁹⁶.

Além disso, a competição esportiva denominada Maresta, entre o Colégio Estadual e o Colégio Marconi, teve sua primeira edição em outubro de 1955, o que indica a presença de prática esportiva nessas duas instituições, mesmo que, aparentemente, em um período extraclasse, em meados da década de 1950. Em reportagem de “O Diário”, de outubro de 1955, é anunciada a presença dos sujeitos envolvidos: “alunos de ambos os estabelecimentos, bem como seus *professores de Educação Física*, têm trabalhado ativamente para que a olimpíada [Maresta] tenha grande brilhantismo” (grifos nossos).⁹⁷

Esses rastros da presença da Educação Física permitem dizer que ela vinha acontecendo na instituição. Para narrar sobre essas rotinas, dividimos a disciplina em dois momentos: um, de 1956 a 1964 e o outro, de 1964 a 1973. Estamos nos apoiando na hipótese de Teixeira (2011), operando com a existência de duas fases de organização da escola, demarcadas pela mudança do governo e construção dos anexos em 1964. Podemos supor que a maneira do Colégio Estadual se organizar influenciou a disciplina escolar. Pareceu-nos que a disciplina foi se constituindo nessa escola ao longo dos anos, e ganhou uma forma diferente em cada período. Percebemos um momento inicial de sistematização e organização (1956-1964), caracterizada pelos depoentes como a Educação Física “avacalhada” e, posteriormente, um enraizamento da disciplina na escola, com seu lugar e suas rotinas cada vez mais definidos (1964-1973).

É importante observar que as fontes encontradas condicionam a versão histórica construída sobre a Educação Física em cada período. De 1956 a 1964, a narrativa está baseada em alguns registros dos jornais, nos depoimentos do Professor Arminto Machado⁹⁸ e do Professor Luiz Afonso Teixeira⁹⁹, assim como nos relatos dos ex-alunos. Já no período posterior, além dos depoimentos (a maioria de professores), constituíram-se como fontes as fotografias do acervo do Estadual, fotografias do acervo de Alcides Rocha e os diários de

⁹⁶ Livro de Ponto do Colégio Estadual de Minas Gerais, 17/10/1959.

⁹⁷ “A Maresta empolga”. O Diário, 16 de outubro de 1955, p.12.

⁹⁸ O Professor Arminto Machado atuou no Colégio Estadual – Departamento Central e da Serra – de 1960 até se aposentar.

⁹⁹ O Professor Luiz Afonso Teixeira atuou no Colégio Estadual – Departamento Central e da Serra – de 1962 a 1965.

classe¹⁰⁰. Observa-se, como já mencionado, que o lugar de onde cada sujeito fala influencia na versão produzida por ele, do mesmo modo como as fontes mobilizadas, em sua totalidade e nas suas confrontações, permitem a construção de uma história.

Não é mero acaso que estas diferenciações coincidam também com os marcos políticos do país. Todavia, não nos interessa afirmar que as mudanças são reflexo ou efeito do macro sobre o micro. Nesses termos, um olhar apurado sobre as práticas constitui-se como possibilidade de verificar como os sujeitos fizeram suas apropriações e como reagiram em relação às normativas e “imposições” de um plano político, ou de programas de ensino, entre outros.

A Educação Física: em processo de constituição

Os professores Arminto Machado e Luiz Afonso atuaram no Colégio Estadual de Minas Gerais e no Anexo da Serra na década de 1960, e afirmam a presença da Educação Física no Colégio Estadual, com duas aulas semanais e duração de 50 minutos cada. Quando relataram sobre as rotinas da Educação Física, percebemos semelhanças, continuidades e descontinuidades em relação às práticas do período posterior, que estamos denominando de “afirmação da disciplina”.

Já os ex-alunos do Colégio Estadual que frequentaram a escola entre os anos de 1956 e meados da década de 1960 lembram-se apenas de algumas práticas da Educação Física dita “formal”. Podemos supor, já que a memória é seletiva e armazena aqueles episódios que foram considerados importantes para cada indivíduo, que a Educação Física não representou muito para aqueles sujeitos, especificamente. Entretanto, percebemos que as práticas rememoradas também tiveram continuidades e constituíram maneiras de representação da Educação Física na escola, o que confirma nossa hipótese de um processo de constituição da Educação Física ao longo dos anos.

Desse período pouco sabemos a respeito das rotinas diárias da escola e das disciplinas; as fontes consultadas dizem mais da organização administrativa, das atas de reuniões de congregação e fichas de alunos, mas pouco do dia a dia escolar. O livro de ponto dos

¹⁰⁰ No arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos, foram encontrados 23 diários de classe de Educação Física, sendo que 4 deles não pertenciam ao Colégio Estadual. Ainda não sabemos porque esses outros diários de classe foram guardados naquele local.

professores, do mês de outubro de 1959, foi um dos poucos registros escritos encontrados. Nesse livro, constam as anotações de ponto de professores de Educação Física da 1^a, 2^a e 3^a série ginasiais. Pelos registros, percebemos que as aulas, em 1959, aconteciam aos sábados, com duração de 45 minutos, no turno da manhã e da tarde. O fato de as aulas acontecerem aos sábados pode justificar a ausência de muitos alunos na Educação Física, já que não estava incluída durante a semana, em horários similares aos de outras disciplinas. Não podemos afirmar que essa foi uma prática recorrente durante os outros anos; parece-nos, pelas fontes consultadas, que as aulas de Educação Física na década de 1960 foram inseridas nos horários regulares, durante a semana, e no mesmo turno que as outras disciplinas.

Sobre a presença dos alunos nas aulas de Educação Física, possuímos algumas pistas, as quais afirmam que nem todos os alunos estavam envolvidos nas atividades das aulas. Afonso Cozzi, em seu relato sobre a obrigatoriedade da frequência nas aulas de Educação Física, afirma: “Acho que muita gente dava desculpa, levava atestado médico. Eu chutaria aqui, talvez 50% da turma era frequente. E os outros 50% eram frequentes também, porque era obrigatória a frequência, porque senão perdia o ano”. Ainda completa “talvez uns 50% participavam pouco, ficavam brincando com bola de Basquete”. Nos seus depoimentos, os ex-alunos afirmam que a frequência às aulas era obrigatória; no entanto, não era uma disciplina que reprovava nenhum aluno¹⁰¹.

Embora exista uma primeira afirmação da ausência da Educação Física, com os depoimentos percebemos elementos próprios de uma disciplina escolar. Os entrevistados foram se lembrando dos professores, dos espaços, de alguns conteúdos, de eventos e de competições. Em seus depoimentos, eles relacionam as atividades da Educação Física com a finalização da construção da Praça de Esportes. Para esses sujeitos, é como se antes desse período não houvesse aulas regulares, como se as práticas da Educação Física se reduzissem às participações em campeonatos. Roberto Martins justifica diversas vezes a não existência da aula de Educação Física devido à falta de espaço físico. Segundo esse entrevistado, a Praça de Esportes só foi construída na década de 1960 e, antes disso, os locais para a prática esportiva se resumiam ao campo de Futebol e à quadra de Futebol de Salão, ambos de terra.

Cada sujeito teve uma participação singular na história; os olhares sobre uma mesma prática são por vezes contraditórios. Em outros depoimentos, a presença da atividade esportiva e das aulas de Educação Física não aparece vinculada à existência de um espaço

¹⁰¹ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

próprio. Foi relatado que o pátio da Escola era enorme, e que no mesmo quarteirão do prédio das salas de aulas havia alguns espaços possíveis para a realização de atividades esportivas, como a quadra de Futebol de Salão, de terra, em um espaço atrás do auditório. Também foi mencionada a existência de um campo de Futebol, de terra, desde meados da década de 1950, no quarteirão que estava destinado à construção da Praça de Esportes.¹⁰²

Na reportagem do dia 10 de março de 1963, do jornal “O Diário”, é anunciado o andamento das obras da Praça de Esportes. Nesse ano, metade das instalações estavam concluídas e contavam com: “três campos de voleibol-basquetebol, futebol de salão, uma piscina e um vestiário, com quatro chuveiros”¹⁰³. É possível questionar se o espaço físico foi realmente limitante quanto à realização das aulas e à variedade de conteúdos utilizados. Em um dos depoimentos para a pesquisa de Aleluia Teixeira (2011), um dos sujeitos afirma que a prática de atividades esportivas, nos anos iniciais da nova sede do Colégio Estadual, estava pouco integrada ao currículo; o depoente se recorda apenas do Futebol, de campo e de salão. “[Fazíamos as práticas esportivas] lá em cima, atrás do auditório, tinha uma quadra, uma coisa qualquer, mas era naquela parte lá de cima mesmo.”¹⁰⁴

¹⁰² Depoimentos cedidos por Aleluia Teixeira (2011).

¹⁰³ Jornal O Diário, p.3, 10/03/1963. Obras do Colégio Estadual em fase de conclusão: alunos já aproveitam instalação. Essa Praça de Esportes foi construída com incentivo financeiro da Diretoria de Esportes de Minas Gerais e destinada aos funcionários, professores e servidores da Diretoria de Esportes. Também deveria estar disponível para os colégios secundaristas, universidades e federações. Podemos pensar que esse era mais um lugar de circulação de sujeitos; pelo menos, era prevista a utilização do espaço para a prática esportiva, não apenas pelos alunos da instituição, como também por outros sujeitos.

¹⁰⁴ Depoimentos cedidos por Aleluia Teixeira (2011).

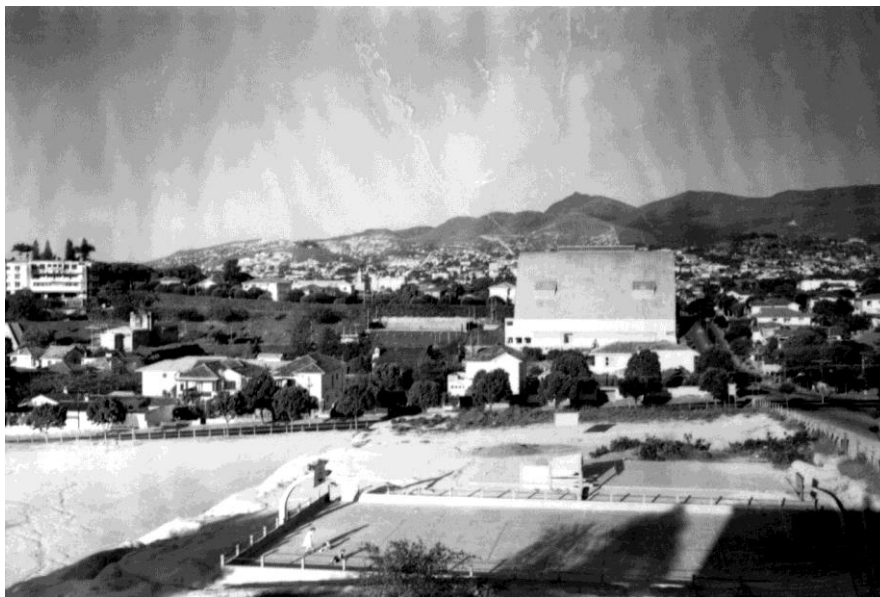


Figura 6: Praça de Esportes em construção.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos. (Data sugerida – início da década de 1960)

Afonso Cozzi, ao relatar sobre os conteúdos e o local da prática de Educação Física, diz que a Praça de Esportes “era só de esportes, era um centro esportivo. Mas, quando nós entramos [1958], ele era um centro esportivo em construção, mas ainda tinha um campo de Futebol, esse já funcionava. Um campo de Futebol enorme”. Nos relatos de Roberto Martins e Afonso Cozzi, foi indicado que as aulas de Educação Física aconteciam somente no “quarteirão de baixo”, como se essa fosse a sala da Educação Física. Cozzi, sobre a organização das salas de aula no Estadual, diz: “[Os alunos] trocavam as salas. Quem tinha sala era o professor, não éramos nós que tínhamos salas”. Ainda em seu relato, ele enfatiza que as aulas de Educação Física possuíam mais de uma turma em um mesmo horário e, assim, “na aula de Educação Física você tinha uma integração interessante, mais que nas outras...” E ainda completa:

[as aulas de Educação Física eram] no mesmo turno e *tinha até uniforme de Educação Física*. A gente tinha que trocar a roupa para fazer Educação Física. Um calção e uma camisa, e levava tênis... E se não tivesse tênis fazia com o sapato que tivesse, fazia descalço [...] Muita gente ia de quedes para a aula e depois fazia Educação Física com aquilo mesmo. *Era no mesmo turno*. Eles tentavam colocar, assim, *ou no início do expediente, da aula, ou mais no final*. Mas, nem sempre dava certo, não. Às vezes era no meio da aula mesmo. A gente saía suado da aula de Educação Física e voltava para a

sala de aula. Isso às vezes acontecia. Mas eles sempre procuravam colocar ou no início ou no final do turno. (grifos nossos)¹⁰⁵

Nesse trecho, três elementos nos chamam a atenção: o turno em que ocorriam as aulas, o momento que se encaixa na rotina das disciplinas escolares e a questão do uniforme de Educação Física. Podemos dizer que o turno e o horário da Educação Física na grade escolar estavam de acordo com as recomendações da Divisão de Educação Física, Portaria Ministerial nº.168. Essa portaria sugere que as aulas de Educação Física ocorram nas primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde, sendo que a prática de exercícios próxima às refeições principais era proibida. Além disso, em uma normatização específica do Colégio Estadual, o Regimento Interno de 1953, foi determinado que nenhum aluno frequentasse aulas em dois turnos.

Sobre o uniforme para as aulas, encontramos uma propaganda de uma rede de lojas denominada Guanabara, anunciando os uniformes de ginástica do Estadual. Essa loja anunciou, em uma página inteira, os modelos de uniformes de vários colégios e ginásios de Belo Horizonte. Em uma nota pequena, com o título “Uniformes de Ginástica”, foi redigido o seguinte anúncio:

Camisetas tipo regata, blusas olímpicas, calções para rapazes e moças, tênis quedes. Modelos Especiais do Santo Maria, São Paulo, Sion, Sagrado Coração, Sacré Couer de Marie, Sacré Couer de Jesus, São Pascoal, Izabela, Doze de Dezembro, N. S. da Piedade, Anchieta, **Estadual**, Afonso Arinos, N. S. das Dores, Marconi Ginásial, Santa Marcelina. (grifos nossos)¹⁰⁶

Vale ressaltar que os termos “ginástica”, “esporte” e “Educação Física” foram citados nos depoimentos e estão presentes também nas outras fontes, em alguns momentos como sinônimos, e em outras vezes com sentidos distintos. Nos depoimentos, ginástica e esporte são tratados como conteúdos das aulas da disciplina Educação Física; entretanto, foi dada uma ênfase ao esporte. Notamos que ao se referirem aos uniformes da aula, o citam como uniformes de ginástica, assim como está na propaganda. Porém, o anunciante trata a Educação Física como ginástica e os alunos a tratam como esporte. Podemos pensar que a Educação Física se constitui nessa luta de representações sobre o seu fazer – ginástica ou esporte.

¹⁰⁵ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

¹⁰⁶ Jornal O Diário, 06/03/1955, p.6.

O uso de uniformes é mais um indício da constituição da disciplina e de seus rituais. Segundo Aleluia Teixeira (2011), os uniformes do Estadual eram inovadores, e não seguiam os padrões das outras escolas, de tecido caqui: “uma calça cinza clara e uma camiseta branca de manga comprida [...] No bolso da camisa, o escudo triangular com um desenho inspirado na arquitetura do colégio e com as iniciais do colégio superpostas” (TEIXEIRA, 2011, p.158)”. Também foi enfatizada pela autora a diferença no estilo das saias do Estadual e as dos colégios de freiras.

Podemos dizer que os uniformes da Educação Física também eram diferenciados. Em seu depoimento, Roberto Martins, ao relatar sobre os jogos femininos do Colégio Estadual contra os colégios católicos, diz que era um “escândalo”, uma vez que as meninas do Estadual usavam shorts, ao invés de saias¹⁰⁷. Em uma reportagem de outubro de 1969 do jornal O Diário, foi notificada uma autorização das meninas do Estadual a usarem minissaias para ir à aula. Segundo o Professor Mário de Oliveira, as garotas poderiam “acompanhar a moda”, assim como os rapazes acompanharam a moda dos “cabeludos”.¹⁰⁸

Além dos uniformes, entre os rituais da Educação Física foram citados a lista de presença e os exames médico-biométricos. Afonso Cozzi e Roberto Martins afirmam que essas práticas não eram regulares, e se recordam de uma vez ou outra responderem à “chamada de Educação Física”, e de fazerem alguns exames no início do ano letivo.¹⁰⁹ “Eu me lembro de ter feito, uma ou duas vezes, uns exames de medir, pesar. Tinha, eu me lembro, mas não era uma coisa assim sistemática, que fazia todo ano, toda hora não”¹¹⁰.

Apenas Roberto Martins disse se lembrar da presença de um médico e de uma sala para exames médicos no Estadual. Segundo o seu depoimento, os médicos eram os responsáveis por dizer sobre a condição física para a prática esportiva, e os próprios professores de Educação Física realizavam esses exames. Eles eram formados em Educação Física, “eles também tinham condições de fazer esses testes. Eram testes simples. Mas eu lembro que de vez em quando tinha uns, além de pesar e medir, tinha um negócio de tirar pressão, de vez em quando a gente fazia”¹¹¹.

¹⁰⁷ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

¹⁰⁸ Jornal O Diário, outubro de 1969.

¹⁰⁹ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012 e depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

¹¹⁰ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

¹¹¹ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

Os professores de Educação Física foram citados por todos os depoentes, em especial o Professor Lincoln Raso, o Professor Odilon Barbosa e o funcionário Alcides Rocha. Como ressaltamos anteriormente, acreditamos que esses sujeitos tiveram grande influência na constituição da disciplina no Estadual. O fato de os depoentes serem todos homens pode ter influenciado no apontamento mais constante dos nomes dos professores; entretanto, as professoras Licene França e Leonilda Pongelupe foram também citadas. Sobre os professores, vale ressaltar que os homens eram responsáveis por ministrar aulas para os meninos e as professoras para as meninas. As salas mistas ainda não eram comuns na época, nem para as outras disciplinas. Segundo os depoimentos, o Colégio Estadual foi vanguarda na organização de turmas mistas e no uso de um uniforme moderno (TEIXEIRA, 2010).

O Colégio Estadual inovava ao adotar como critério de composição das turmas a associação do sexo com a ordem alfabética. Esse sistema favorecia a formação de turmas mistas. Iniciava-se a enturmação pelo sexo até chegar à letra W. Quando terminava, iniciava pela letra A do outro sexo e assim sucessivamente. Dessa forma, muitas “Sônias ou Solanges” eram da sala dos “Antônios e Abelardos” (TEIXEIRA, 2011, p. 97)

Percebemos que as turmas possuíam cerca de 30 alunos, eram organizadas por sexo e por ordem alfabética, e na Educação Física as aulas eram separadas. Nos depoimentos, notamos que nem todas as turmas de todas as séries eram mistas. Segundo Humberto Werneck, “as três primeiras séries do Ginásio, que você fazia de tarde, as turmas eram ou de meninas ou de meninos, mas a partir da quarta série já mesclava. Turma mista!”¹¹².

Afonso Cozzi, Roberto Martins e Humberto Werneck, ao lembrarem os nomes dos professores, fizeram referências às suas qualidades. Cozzi diz que “os professores de Educação Física eram até muito conhecidos. Eles eram muito conhecidos dentro do Colégio Estadual, e conhecidos até fora”¹¹³. É justamente por causa dessa presença de professores e dos relatos de que eles ensinavam os esportes, faziam treinamentos para competições e organizavam e participavam de jogos, que podemos dizer que o ensino da Educação Física ganhou espaço na escola. Nos depoimentos sobre as atribuições dos professores no Estadual, suas características marcantes e como organizavam uma aula, cada professor foi associado como responsável por um esporte. Como se o ensino de determinados conteúdos estivesse vinculado aos sujeitos.

¹¹² Depoimento de Humberto Werneck, em 24/08/2012

¹¹³ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

O professor Odilon Barbosa, conhecido como Barbosinha, foi citado na maioria das entrevistas. Em um depoimento da pesquisa de Aleluia Teixeira (2011), foi atribuída a esse professor a responsabilidade de ter trazido o Futebol de Salão para Belo Horizonte. “É, ele era conhecido, mas na minha época já era o Barbosinha, que era um baixinho. Era um professor de Educação Física, profissional da área, era um precursor. E dizem que foi ele quem criou, trouxe o Futebol de Salão, pra Minas Gerais, não sei se é verdade”¹¹⁴.

Pelos depoimentos, percebemos um carinho e um respeito com relação aos professores. Em vários momentos, foram citados como bons profissionais, responsáveis, sujeitos expressivos – “eram professores muito bem formados e dedicados ao trabalho, e faziam de tudo para formar e atender da melhor forma possível os seus alunos”¹¹⁵. Segundo o relato de Afonso Cozzi, “as aulas de Educação Física eram muito boas, [os alunos gostavam] muito das aulas de Educação Física. Tinha exercícios e tinha muito Futebol de Salão, tinha Futebol de campo”¹¹⁶.

Tanto nos depoimentos dos ex-alunos como nos dos ex-professores, o conteúdo esportes foi citado como o mais recorrente das aulas. Destacamos os seguintes esportes: Natação, Basquete, Futebol, Futebol de Salão, Voleibol e Handebol. Além disso, foram mencionados alguns exercícios ginásticos, competições e torneios entre as turmas. Com os depoimentos, pareceu-nos que alguns exercícios ginásticos aconteciam como forma de preparação, em um momento anterior aos esportes. Sobre esse tema, Afonso Cozzi relatou:

Dança não [tinha], ginástica, sim. Ginástica, tinha, e brincadeiras também. Mas, eu te diria... Eu posso estar com meu viés de quem gostava muito das outras coisas, mas para mim eram 80% de esportes mesmo, conhecidos, esses quatro [Basquete, Futebol de Salão, futebol de campo e Vôlei]. E ginástica e brincadeiras eram, talvez, 20%.¹¹⁷

Sobre os conteúdos para as meninas, percebemos algumas diferenças. Roberto Martins relatou que as meninas jogavam Queimada e Afonso Cozzi disse que os conteúdos das meninas eram invertidos, mais brincadeiras e ginásticas, e menos esportes. Segundo os entrevistados, as meninas não jogavam Futebol naquela época, e poucas jogavam Basquete; as atividades principais delas eram o Voleibol e os exercícios físicos.

¹¹⁴ Depoimento cedido por Aleluia Teixeira (2011).

¹¹⁵ Depoimento cedido por Aleluia Teixeira (2011).

¹¹⁶ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

¹¹⁷ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

As meninas que invertiam isso. Porque elas não jogavam Futebol de campo, não jogavam Futebol de Salão... Vôlei era um jogo que elas faziam principal, a gente até gostava de ver o jogo das meninas. Então, enquanto nós tínhamos... Acho que isso mudou hoje, acho não, certamente mudou, e as meninas jogam Futebol, jogam Basquete... Na minha época elas só jogavam Vôlei e faziam exercícios físicos, brincadeiras ou exercícios físicos.¹¹⁸

O único entrevistado que fez referência à aula foi Humberto Werneck, ao dizer que se lembra de exercício de pular, saltar, exercícios para os membros, entre outros, e caracterizou esses movimentos como ginástica sueca¹¹⁹. Não encontramos correspondência direta com esse método ginástico nas práticas da Educação Física no Estadual nesse período. Em uma das entrevistas da pesquisa de Aleluia Teixeira (2011) a depoente confirma o fato das aulas serem separadas por sexo e destaca a diferença de objetivos entre a Educação Física feminina e masculina. A ex-aluna relata:

Prá gente era aquela ideia de fazer moças com corpos flexíveis, fortes, saudáveis. [...] tinha as duas coisas [esportes e ginástica]. Tinha uma parte de ginástica e o esporte entrava quase igual recreio no fim da aula, mas era uma aula ou duas por semana, um negócio assim, ineficaz, mas muito gostoso.¹²⁰

Temos indícios de que os esportes para meninos e meninas eram diferentes. O Futebol de Salão e o Basquetebol eram praticados, na maioria das vezes, pelos garotos, e as garotas praticavam esportes como Voleibol e Handebol. Essa distinção guarda relação com as práticas esportivas da Capital e conformou a Educação Física no Colégio Estadual, que parece ter se constituído como “esportivizada”. Assim sendo, os códigos esportivos externos adentraram a escola. A regularidade dos campeonatos e o predomínio da prática esportiva masculina, principalmente a presença do Futebol, em suas diferentes manifestações, são elementos que nos permitem afirmar essa hipótese. Ao retomar a distinção feita pela ex-aluna sobre a finalidade da Educação Física, para cada gênero, podemos perceber outros vestígios, como o que se esperava dos corpos femininos e masculinos. Nesse sentido, é possível afirmar que a Educação Física toma para si valores e códigos externos à escola para constituir seus objetivos e conformar suas práticas.

Além disso, estamos considerando as competições e os torneios (entre as turmas e entre colégios) como desdobramentos da Educação Física, uma vez que, de acordo com as

¹¹⁸ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

¹¹⁹ Depoimento de Humberto Werneck, em 24/08/2012.

¹²⁰ Depoimentos cedidos por Aleluia Teixeira (2011).

fontes, esses momentos estavam muito conectados e, de alguma maneira, faziam parte das rotinas da Educação Física. São exemplos os torneios entre as turmas, citados por Humberto Werneck, e os temáticos, como o Torneio da Marmelada, citado por Roberto Martins.¹²¹ Segundo Afonso Cozzi, os professores “criavam no grupo uma motivação muito grande, porque não tinham só os exercícios, como tinha os torneios, que eles organizavam, sendo essa a parte formal da Educação Física”¹²². Os depoentes também mencionaram que era responsabilidade da Educação Física e, conseqüentemente, dos seus professores, a organização de equipes esportivas para participar da “MarEsta”.

Com a identificação de todos esses elementos da Educação Física no Estadual, podemos supor que até 1964 a disciplina estava se constituindo. Aos poucos ganhou espaço, horário definido na grade escolar, maior número de professores, ganhou outra forma, outros conteúdos... Afirmamos, segundo os argumentos de Goodson (1990), que uma disciplina escolar é uma construção e um produto social e histórico, não é algo dado. Ela é influenciada pelas “ciências de referências”, pela cultura, pelos acontecimentos e rotinas da cidade, pelos agentes sociais internos e externos, como professores, família, coordenação e direção.

A Educação Física do Estadual recebeu influências dos sujeitos e do contexto da cidade, o que a compôs, alterando sua forma e moldando-a como disciplina. A década de 1950, em Belo Horizonte, é marcada por um “clima esportivo”¹²³, percebido pela prática recente de alguns esportes, como Handebol e o Futebol de Salão, pelos jovens. Essas modalidades esportivas foram difundidas por professores de Educação Física, por esportistas estrangeiros, entre outros sujeitos que, de alguma forma, tiveram contato com o esporte e foram responsáveis por ensiná-lo nos lugares que frequentavam, seja nas escolas, nos clubes ou nos locais de trabalho, como as fábricas. Além disso, a realização de campeonatos escolares e de clubes, organizados pelos professores, pelas federações, pelos próprios clubes e pela Federação Universitária de Esportes (FUME), assim como demonstrações esportivas promovidas pela Associação Cristã de Moços (ACM), foram iniciativas que contribuíram para difundir os esportes. (ARANTES, 2010 e ARANTES; PINTO, 2011).

O Colégio Estadual de Minas Gerais foi um dos locais onde esses esportes estiveram presentes, por meio de sujeitos responsáveis por ensinar, professores e alunos, os novos conhecimentos sobre essas práticas esportivas. O professor Odilon Barbosa e o Professor

¹²¹ Depoimento de Humberto Werneck, em 24/08/2012 e depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

¹²² Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

¹²³ Expressão utilizada no jornal “O Diário”, durante a década de 1950.

Lincoln Raso foram referências para o Futebol de Salão e para o Handebol em Belo Horizonte. Em alguns relatos, foi atribuída a eles a responsabilidade pelo ensino e difusão desses esportes nas décadas de 1950 e 1960. Possivelmente, a associação desses professores com os esportes guarda relação com a circulação deles por muitos lugares, como a Escola de Educação Física de Minas Gerais, o Colégio Estadual de Minas Gerais, a Associação Cristã de Moços, e outros clubes esportivos da cidade.

Além disso, temos referências de que ministravam cursos de capacitação de professores no interior de Minas Gerais, levando esses saberes para outras cidades do estado. Vale ainda ressaltar que muitos alunos do Estadual participavam da “vida esportiva” da cidade, frequentavam clubes – como o Minas Tênis, geograficamente localizado nas proximidades do Estadual –, ou participavam das equipes dos clubes e do colégio. (ARANTES, 2010 e ARANTES; PINTO, 2011). Devido a esse “clima esportivo”, e pelo envolvimento de alunos e professores do Estadual nessas práticas, podemos afirmar que elas podem ter conformado a Educação Física do Colégio Estadual e a escolha de seus conteúdos.

E ainda, como já citado, foi nesse período que se iniciou a formação em Nível Superior de professores de Educação Física na capital mineira, sendo que muitos dos recém-formados e dos professores da Escola de Educação Física de Minas Gerais atuaram no Colégio Estadual de Minas Gerais. A partir da análise das fontes, estamos supondo que esses elementos influenciaram o modo de organização da Educação Física no Colégio Estadual, influência percebida com maior ênfase na década de 1960. É possível dizer sobre mudanças da disciplina, com relação à sua economia interna e sua presença na escola.

A afirmação de uma disciplina?

Na década de 1960, com a ampliação das vagas do Ensino Secundário e a criação das Escolas Anexas¹²⁴ ao Colégio Estadual, o número de professores de Educação Física também aumentou. Essas novas conformações parecem mostrar uma Educação Física estruturada, com horários e conteúdos definidos. Para tanto, é necessário dizer que as fontes utilizadas para

¹²⁴ As Escolas Anexas foram inauguradas em fevereiro de 1963 e disponibilizaram mais 4.500 vagas para o Ensino secundário. Os Anexos estavam localizados nos bairros Sagrada Família, Horto, Gameleira e Serra. Foram disponibilizadas vagas para o Ensino Ginásial e o Colegial. Esse foi um investimento que fez parte do programa educacional do Governo Magalhães Pinto. O Diário, 05/02/1963, p.3, “Inaugurados quatro anexos do Colégio Estadual: mais 4500 vagas no ensino médio na capital”.

narrar cada período podem ter contribuído com essa análise. No período que estamos denominando de constituição da disciplina, foi dada ênfase à utilização de fontes orais. Para o período posterior a 1964, outras fontes, além dos depoimentos, foram utilizadas, como os diários de classe dos professores (1966-1973), o quadro de distribuição das disciplinas e suas respectivas cargas horárias, fotografias e reportagens do jornal “O Diário”. Todas as fontes contribuíram para desenhar as rotinas da Educação Física no Estadual.

Os diários de classe foram fontes que nos permitiram entender de forma mais aprofundada as rotinas da Educação Física. No entanto, sabemos que, como toda fonte, a sua veracidade deve ser questionada. Qualquer documento, seja oficial ou particular, pode expressar intenções de um grupo que não foram efetivadas ou apresentar relatos que não expressam de fato a realidade. Dessa maneira, as fontes devem ser questionadas quanto à sua intencionalidade, ao seu contexto de produção e à versão da história que apresentam. Para tal, é necessária a sua confrontação com outros documentos.

Os diários de classe são documentos das formalidades oficiais. Os professores registravam em seus diários os seus conteúdos e a frequência dos alunos e, no final do ano, esses diários eram encaminhados para a secretaria do colégio. É possível que alguns professores tenham realizado aulas (e até conteúdos) que não foram registrados, assim como o inverso pode ter acontecido.

Os diários de classe são organizados da seguinte maneira: na primeira página, consta a relação dos alunos, listados em sequência alfabética. Nessa listagem dos nomes, também foi feita uma separação dos alunos por turma. A parte principal, maior área, é para a anotação da frequência dos alunos, em cada aula do mês; existe também um espaço destinado à anotação das aulas previstas e das aulas dadas. Essa mesma folha possui um espaço denominado “matéria lecionada”, destinado às anotações dos professores para todas as aulas do mês. As cinco últimas páginas de todos os diários foram destinadas aos registros dos exames, sendo duas páginas para os Exames Práticos – o primeiro denominado de Suficiência Física e o segundo de Eficiência Física –, duas páginas para exames médico-biométricos e a última página destinada às observações. Esses exames estavam previstos na legislação.

Além dessa fonte, a análise da grade curricular de 1964 a 1973 do Colégio Estadual de Minas Gerais possibilita afirmar a presença da Educação Física em todos os anos (Ginasial e Colegial), em todas as turmas e em todos os cursos, com duas aulas semanais e duração de 50 minutos cada aula. As aulas continuavam separadas por sexo, com professoras responsáveis

pelas moças e professores responsáveis pelos rapazes, e eram realizadas no mesmo turno das outras disciplinas. Cada turma tinha em média 30 alunos. Segundo os ex-professores, no horário da Educação Física as quadras ficavam cheias, cada professor em sua quadra, com seus alunos, ou seja, com mais de duas turmas em um mesmo horário.

Além disso, o aluno José Guilherme Papagaio confirma que as aulas aconteciam, de preferência, nos dois últimos horários; “quando eu comecei, nos dois últimos horários, era o quarto e quinto horário da manhã e quarto e quinto horário da tarde”¹²⁵. Vale ressaltar que os diários possuem anotações dos meses de março a junho e de agosto a novembro, o que sugere um período de férias escolares nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro. Além disso, com a análise dos diários de classe e dos depoimentos de Mérope Saliba, Wilson Camelier, Arminto Mineiro e José Guilherme Papagaio, nos parece que nas aulas de Educação Física, em um mesmo horário, cada professor ficava responsável por mais de uma turma, como está visível no diário de classe do professor Odilon Barbosa (Anexo 2). Nesse Diário, consta a relação dos alunos de mais de uma turma (B e C). Além disso, os depoimentos dos ex-professores também confirmam que as aulas de Educação Física eram ministradas para mais de uma turma em um mesmo horário. Ressaltamos que a Praça de Esportes do Colégio Estadual era espaçosa e possuía várias quadras; assim, vários professores ministravam aulas ao mesmo tempo.

Os diários de classe que possuem relação de alunos de duas salas diferentes estão organizados da seguinte maneira: lista da turma 1º Colegial B e, separadamente, lista do 1º Colegial C. As listas de alunos de duas turmas não foram mescladas em nenhum diário. Na lista de presença, os professores anotavam as datas das aulas, que, na maioria das vezes, coincidiam para as duas turmas. Tal detalhe confirma nossa hipótese de que essas turmas tinham rotineiramente aulas juntas. Entretanto, apesar de dois diários apresentarem a relação de duas turmas, eles registram datas de aulas em dias diferentes para cada uma delas. Essa constatação permite dizer da possibilidade de utilização de um mesmo diário para duas turmas, mesmo que elas fizessem aulas separadamente.

Ressaltamos que cada professor realizou suas anotações de maneira singular, alguns detalhando e separando as turmas (aproximadamente com 15 alunos), e outros fazendo uma lista única (com aproximadamente 30 alunos). As anotações das matérias lecionadas também

¹²⁵ Depoimento de José Guilherme, em 31/08/2012. O entrevistado foi ex-aluno e ex-professor da escola; neste relato, está se referindo aos anos iniciais como aluno do Colégio Estadual, por volta de 1962.

variam entre os que a detalham por dia, os que listam os conteúdos e os que não fizeram nenhum tipo de descrição. Alguns escrevem o motivo das dispensas dos alunos, os dias que não houve aula e os motivos, os feriados, etc. Em um mesmo diário, a constância e o tipo de anotação feita também variam. É importante dizer que o fato de não haver registros em alguns diários de classe não significa que o professor não ministrou a aula, ou não possuía um planejamento como, do mesmo modo, o fato de haver registros não necessariamente significa que as aulas aconteceram e, se aconteceram, podem ou não ter seguido os conteúdos relacionados.

No entanto, os diários nos permitem pensar sobre conteúdos que estavam circulando e que refletem conhecimentos das formações docentes de cada sujeito. Esses registros, além de mostrar uma tentativa de regularização das rotinas da Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais, em consonância com as prescrições normativas nacionais para a disciplina, também permitem conhecer a maneira que cada sujeito utilizou para descrever as aulas, para preencher a lista de frequência, entre outras singularidades da rotina de registros de cada indivíduo.

Dessa forma, retomando a questão da realização das aulas, podemos dizer que, em alguns casos, duas turmas tinham aulas de Educação Física com o mesmo professor em um mesmo horário. Em outros casos, as turmas não se misturavam. É importante observar que no Diário da Professora Leonilda Pongelupe, do ano de 1966, da 2ª série Colegial, constam as turmas A e B, porém as aulas não aconteceram no mesmo dia. Tomando como referência o mês de agosto daquele ano, segundo as anotações da professora, as aulas da turma A aconteceram nos dias 1, 5, 8, 12, 19, 22, 26, 29 (segundas-feiras e sextas-feiras) e as da turma B, nos dias 4, 6, 11, 13, 18, 20, 25, 27 (quintas-feiras e sábados). O fato de algumas aulas acontecerem aos sábados sustenta a nossa hipótese de que muitas alunas eram dispensadas, ou manipulavam uma maneira de não participar das aulas, o que pode ter implicado na baixa frequência e no alto número de dispensas. Retomando as descontinuidades dos professores ao registrar o cotidiano escolar, a Professora Leonilda Pongelupe¹²⁶, no ano de 1967, anotou em um mesmo diário a relação de duas turmas com aulas nos mesmos dias (segundas-feiras e quartas-feiras).

¹²⁶Diário de classe da Professora Leonilda Pongelupe, 1967, turma feminina da 2ª série Colegial, turno da manhã.

Além desses detalhes, os diários nos proporcionam a leitura de outros desdobramentos da disciplina. É possível perceber nesses diários a quantidade de alunos, de turmas, a separação por gênero, os conteúdos, as dispensas e presenças das alunas, assim como a frequência semanal das aulas: duas vezes. Segundo os relatos dos ex-professores, as aulas tinham duração de 50 minutos cada, com duas sessões semanais, durante a década de 1960. Já no final da década 1960 e início da década de 1970, a frequência se tornou três sessões semanais, como previsto nas legislações.¹²⁷ Além disso, no curso noturno a disciplina Educação Física não era obrigatória e passou a ser. Todavia, nos diários de classe de 1966 a 1973 que foram utilizados para esta pesquisa, percebemos que essa informação não se confirma. Pelo recorte feito do diário de classe da Professora Célia, turma feminina, 3ª série, II Grau, do turno manhã, turmas 23 e 25, de abril de 1973, podemos notar que as aulas aconteceram nos dias 2, 5, 9, 12, 16, 26 (segundas-feiras e quintas-feiras) daquele mês (Anexo 4). Pelas anotações dos dias de aula, podemos concluir que elas permaneceram com apenas duas vezes semanais, e não três¹²⁸.

Os diários de classe de todas as disciplinas possuem características semelhantes, a divisão dos espaços é a mesma – a relação de alunos, as anotações de frequência e o local para as matérias lecionadas. Na parte superior do diário de classe eram anotadas as datas de cada aula; essa característica se mantém em todos os outros meses do ano. Pela análise dos diários de classe podemos afirmar que, pelo menos até o ano de 1973, a quantidade de aulas semanais de Educação Física não aumentou no Colégio Estadual. Possivelmente, por ser essa uma questão levantada por ex-professores que trabalharam na instituição até meados da década de 1980, essa alteração pode ter ocorrido em um período posterior ao que esta pesquisa abrange.

Uma disciplina obrigatória: a presença dos alunos

Na LDB de 1961, foi reforçada a questão da frequência obrigatória nas aulas de Educação Física. Caso o aluno não cumprisse 75% de presença, ficaria impedido de realizar os exames finais das outras disciplinas. Parece-nos, pelos depoimentos dos ex-professores e ex-alunos, que essa prática não ocorria no Colégio Estadual. Ao mesmo tempo em que José Guilherme, Mérope Saliba, Luiz Afonso Vasconcelos, Arminto Machado e Wilson Camelier,

¹²⁷O diário de classe de Mérope Saliba, única professora entrevistada, nos mostra essas informações (Anexo 3).

¹²⁸É possível notar no recorte do diário de classe de 1973, da Professora Célia Ribeiro de Oliveira, a quantidade de aulas semanais de Educação Física. (Anexo 4)

todos ex-professores, confirmam que a presença era obrigatória, não dizem como essa exigência era aplicada ou, até mesmo, se havia punição para aqueles que não a cumprissem.

Ao relatarem sobre a frequência dos alunos sempre dizem que havia grande interesse por parte dos alunos nas aulas de Educação Física, sendo que apenas os alunos com deficiência física ou algum outro impedimento médico eram dispensados das aulas. Nos diários de classe, estão registradas as dispensas dos alunos e o período que estariam em tais condições. José Guilherme Papagaio afirma que aqueles alunos que participavam de equipes esportivas em clubes, nas décadas de 1960 e 1970, também eram dispensados das aulas.¹²⁹ Outro motivo de dispensa era o caso dos alunos maiores de 18 anos; eles não eram obrigados a participar das atividades da Educação Física, como registrado nos diários e expresso na legislação.

Analisando os diários de classe, foi possível perceber que a presença dos rapazes nas aulas de Educação Física era maior, mais constante e, além disso, que a quantidade de dispensas das meninas aparece em um número maior de vezes. De acordo com as informações contidas no diário da professora Leonilda Pongelupe, de 1966, da 1ª série Colegial feminina, turno da manhã, o número de alunas dispensadas foi uma média de 7 alunas em uma turma com 16 e de 6 alunas em uma turma com 15.¹³⁰ Essas aulas aconteceram às quintas-feiras e aos sábados. Já o Diário do Professor Lincoln Raso, daquele mesmo ano, da 2ª série Colegial, turno da manhã, nos mostra que as aulas aconteceram nas terças-feiras e nas quintas-feiras, e o número de alunos dispensados aparece em uma proporção menor, em média 9 alunos em uma turma de um total de 32.¹³¹ Como as anotações são descontínuas, não sabemos por que alguns alunos são dispensados; em alguns casos está anotado “atestado médico”, em outros apenas a letra “d” ou um risco por sobre o nome do aluno. Também observamos que alguns alunos estão dispensados apenas de uma ou duas aulas, e outros do mês inteiro. Além disso, na página destinada aos exames médicos biométricos, foi anotado quando o aluno era maior de 18 anos e, portanto, dispensado das aulas.

Ainda é necessário explorar os motivos reais da não participação de alguns alunos nas aulas de Educação Física. Como mencionado, será que a participação em campeonatos e em jogos aumentou o número de dispensas? Os atletas eram isentados da participação nas aulas?

¹²⁹ Depoimento de José Guilherme, em 31/08/2012.

¹³⁰ Diário de classe da Professora Leonilda Pongelupe, 1966, turma feminina da 2ª série Colegial, turno da manhã.

¹³¹ Diário de classe do Professor Lincoln Raso, 1966, 2ª série Colegial masculina, turno da manhã.

José Guilherme Papagaio afirma em seu depoimento que os alunos eram dispensados da Educação Física, caso participassem de jogos; assim como estava prevista pela legislação a dispensa caso o aluno estivesse participando de atividades esportivas.¹³²

Provavelmente, a participação da escola em atividades esportivas colaborou para que códigos esportivos adentrassem no Colégio Estadual, até mesmo refletindo na maior participação masculina nas aulas. Além disso, o dia da semana e o horário em que as aulas aconteciam podem ter influenciado a participação dos alunos.

Os Exames: Práticos e Médicos Biométricos

Nas análises dos diários de classe e da legislação, encontramos dois tipos de exames previstos, os exames práticos e os exames médicos biométricos. Os diários de classe possuem uma parte para os registros dos exames. Em muitos deles, as anotações são confusas, preenchidas até certa parte da folha e em alguns casos não existem registros. Aparentemente, nem todos os professores cumpriam com essas obrigações.

A parte destinada aos Exames Práticos foi dividida em Exame de Suficiência Física, que acontecia no primeiro semestre (geralmente, em maio) e Exame de Eficiência Física, realizado no segundo semestre (geralmente, em outubro e novembro). Nos Exames de Suficiência e Eficiência Física foi mostrada uma legenda “V – Vezes, P- Pontos, . – Presença, F – Faltas, D – Dispensa Médica”. Estavam divididos em 7 etapas, com espaços reservados para o total de pontos, índice final e classificação. Na maioria dos diários de classe, os únicos campos preenchidos foram o das “vezes” e a “dispensa médica”. Em alguns diários, além da parte quantitativa e número de vezes, foi anotado um conceito quanto à performance dos alunos. Os conceitos variam entre *excelente*, *ótimo*, *regular* e *fraco*.

Em três diários da década de 1970 (de 1970, 1972 e 1973), dos professores Lincoln Raso, Olavo Leal Arnaut Júnior e da Professora Célia Ribeiro, o exame prático foi denominado de Teste de *Cooper*¹³³. Nos outros diários de classe, da década de 1960, a

¹³²Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

¹³³ O Teste de *Cooper* foi idealizado nos Estados Unidos, pelo Doutor Kenneth H. Cooper, em 1968, para ser usado pelas forças armadas e verificar o condicionamento físico. Consiste em correr, em 12 minutos, a maior distância possível.

Diário de classe do Professor Lincoln Raso, 1970, 1ª série Colegial, turno da tarde. Diário de classe do Professor Olavo Leal, 1972, 6ª série (I Grau), turma masculina, turno noturno. Diário de classe da professora Célia Oliveira, 3º colegial (II grau), turma feminina, turno manhã.

nominação não é alterada; dessa maneira, não foi possível perceber os detalhes de qual exame era feito. No campo destinado à anotação do tipo do exame, quando havia algum registro, estava escrito “suficiência física” e “eficiência física”. Apenas nos diários da década de 1970 é que foi especificado que tipo de exame seria esse, o Teste de *Cooper*. Nos diários de classe, a classificação dos alunos variava entre *boa*, *aceitável*, *fraca* e *muito fraca*. A avaliação e a distribuição dos pontos correspondem ao total de voltas realizadas por cada aluno.

Supomos que a utilização do Teste de *Cooper* – assim como a inserção de outros conteúdos que não eram até então conhecidos (por exemplo, o Futebol de Salão e o Handebol) nas aulas de Educação Física – guarda relação com o momento histórico de constituição da disciplina escolar, da formação docente e da prática esportiva na Capital mineira. Naquele período, o processo de construção dos conhecimentos, das finalidades e teorias da Educação Física, estava em fase de afirmação e constituição, o que pode justificar a utilização das “novidades”, tanto referentes aos esportes, como à técnica e aos testes pelos professores nas escolas.

De certa forma, podemos considerar que parecia acontecer uma aplicação técnica dos conhecimentos “mais modernos”. Isso está relacionado com os argumentos de Taborda de Oliveira (2003) sobre os pressupostos do “cientificismo” como base teórica da Educação Física durante a década de 1970.¹³⁴ Além disso, vale ressaltar que a Educação Física foi referida nas prescrições legais como uma atividade curricular responsável pelo aprimoramento físico dos educandos. O teste pode ter sido utilizado como um dispositivo para verificação do desenvolvimento dos alunos.

Ao ser questionado sobre a realização de provas de Educação Física, ou algum tipo de exame realizado no Estadual, o ex-professor Wilson Camelier¹³⁵ comenta que faziam, sim, uma prova, com exercícios abdominais, uso de barra, flexões de braço, e contou, ainda, que eram realizados no “princípio do ano e fim do ano. E isso não dava bomba, nem nada não. A frequência é que era importante”. O professor Wilson Camelier reforça a finalidade posta para a Educação Física naquele momento: desenvolver a aptidão física, com exercícios para o aprimoramento da força.

¹³⁴ Vale ressaltar que, desde o final do século XIX e início do século XX, a Educação Física buscou sua legitimidade científica amparada nas Ciências Biológicas (Higiene, Fisiologia, Eugenia, Evolucionismo, Biometria e Psicologia). Diferentes concepções influenciaram as prescrições de atividades físicas e proposições pedagógicas para a Educação Física, em vários países. Ver: CEMEF – UFMG - 2012/1013.

¹³⁵ Depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012.

Os exames médicos biométrico, na legislação, foram separados em duas etapas, uma para ser realizada no início e outra no final do ano, na maioria das vezes nos meses de março e novembro, como foi sugerido na Portaria nº. 168, de 1956. Segundo os entrevistados, eram os próprios professores que realizavam os exames, que consistiam em medir a altura do corpo e pesá-lo. Nos diários de classe, existe uma parte reservada para os registros dos exames biométricos, o que nos permite supor que o diário da Educação Física era muito próprio da disciplina, com suas especificidades.¹³⁶ Os diários de classe foram confeccionados pela “Gráfica Editôra Sion S. A.”, sessão especializada de impressos escolares, e possuem uma parte impressa pela gráfica com os dados da escola e o nome da disciplina Educação Física, e outra parte, com campos para serem preenchidos pelo professor, como Disciplina (no caso da Educação Física, os professores anotavam se a turma era feminina ou masculina), curso, série, turno, turma(s), número da sala e nome do professor, o que confirma a singularidade dos diários da Educação Física.

Notamos que há um espaço reservado para o nome do médico, que seria o possível responsável pelo exame, e os seguintes campos para preencher: data do exame, idade (data de nascimento), peso, estatura e laudo médico. Podemos supor que não foram registradas nos diários de classe as informações sobre esses exames, já que, segundo a Portaria nº.168, os alunos deveriam possuir fichas individuais, com os registros dos exames. As fichas deveriam seguir os padrões propostos pela Divisão de Educação Física, como foi mostrado anteriormente. Em seus depoimentos os ex-professores confirmam a realização do preenchimento dessas fichas individuais no Colégio Estadual. Mérope Saliba¹³⁷ diz que os professores tinham uma folha especial para anotar as características dos alunos, e estamos supondo que eram as fichas propostas pela D.E.F.

Não encontramos o nome de nenhum médico responsável pela aplicação dos exames. Os ex-professores comentaram sobre a presença dos médicos na escola, mas essa presença não estava relacionada apenas à realização de exames médicos; os médicos foram associados a uma assistência para a Educação Física, e para escola em geral.

Ao falar sobre o exame biométrico, José Guilherme Papagaio o caracteriza como “incipiente”, diz que não avaliava muito o aluno, uma vez que os alunos do Ginásio estavam

¹³⁶ Capa do diário do Professor Odilon Barbosa, do ano de 1966 (Anexo 5). Diário de classe da professora Leonilda Pongelupe, 1966, 2ª série Colegial A e B, turno da manhã. Folha de anotações dos Exames Médicos Biométricos (Anexo 6).

¹³⁷ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

em fase de crescimento e as mudanças eram compatíveis com a idade deles, e não resultado da atividade física. Segundo José Guilherme, “você acompanhava mais ou menos. Principalmente na fase de Ginásio, isso era comum demais [...]. E aquilo tudo era anotado nos diários.”.¹³⁸

No depoimento de Luiz Afonso, o ex-professor registra que:

Todos os alunos passavam [pelo exame biométrico]. No primeiro dia, na primeira semana de aula, eram exames biométricos. E a gente fazia ficha de cada um, peso e altura, só isso também. O ruim é que ele não tinha, vamos dizer assim, um acompanhamento direto, devia ter um serviço médico pra poder fazer aquilo mais minuciosamente, pra acompanhar o menino. Acabava que tinha as fichas dos meninos, mas a ficha de um ano para o outro a gente transportava, então dava pra fazer uma comparação, mas não era aprofundado não.

Então, qual era a função desses exames? Eram feitos apenas para cumprir o que estava previsto na legislação? O ex-aluno e ex-professor José Guilherme Papagaio e o ex-professor Luiz Afonso comentaram que não havia um acompanhamento do aluno, e que esses dados se perdiam. Dessa maneira, supomos que esses exames foram mesmo realizados para cumprir as exigências legais. Já a ex-professora Mérope Saliba diz que os exames funcionavam como diagnóstico do tipo de cada aluno e do seu estado físico em cada ano escolar. Era do resultado dos exames que dependia o planejamento das aulas, pois ele visava saber sobre as capacidades físicas dos alunos, como coordenação e força.

Fazia no início porque a gente fazia esses exames para medir a força [do aluno], para a gente poder *fazer o planejamento* das aulas [...] que se os meninos não tinham coordenação, não tinham força muscular, não tinha jeito de você aplicar algumas aulas, determinados exercícios, determinadas atividades. E era ali também que *ajudava a gente a selecionar os atletas*, os futuros atletas. (grifos nossos)¹³⁹

Outra questão destacada pela professora Mérope está relacionada com a seleção de atletas. Não encontramos outros registros quanto à relação dos exames médicos biométricos com a seleção desses alunos/atletas; no entanto, na maioria dos depoimentos foram relatadas práticas de seleção dos destaques e dos talentos, como a realização de campeonatos para

¹³⁸ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

¹³⁹ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

descobri-los. Essa é uma forma de representação de Educação Física do Colégio Estadual e, também, de uma época. Retomando o conceito de Roger Chartier (1991), as representações são práticas sociais historicamente construídas que produziram realidades e identidades. Podemos dizer que a seleção de atletas nas aulas de Educação Física representou um modo de estruturação de uma disciplina, além de dizer sobre suas finalidades.

Espaço Físico – Instalações e materiais disponíveis

As normativas publicadas sobre a Educação Física nos anos finais da década de 1950 prescrevem instalações e materiais necessários para a realização das aulas. Parece-nos que, na década de 1960 e nos anos posteriores, a Praça de Esportes foi o local para as aulas de Educação Física, com boa estrutura física (quantidade de quadras e vestiários adequados) e com uma diversidade de materiais (bolas, plintos, colchões, arcos, etc). Essa estrutura física, planejada desde o projeto de construção da nova sede, foi criada com a ajuda da Diretoria de Esportes do Estado de Minas Gerais, e foi tida como lugar destinado à prática esportiva, ginástica e Educação Física, como mostra descrita na reportagem do dia 18 de março de 1956, no *Jornal Estado de Minas*”:

No quarteirão fronteiro ao colégio Estadual, já está sendo construída a majestosa praça de esportes destinada ao uso dos alunos e professores do estabelecimento. A Praça contará com locais apropriados à prática de todos os esportes, inclusive com aparelhamento especializado para a ginástica e educação física.¹⁴⁰

Nos depoimentos e nas fontes iconográficas, percebemos uma ênfase na boa estrutura para a Educação Física: 5 quadras esportivas, piscina e vestiários, assim como materiais suficientes (bolas, rede, cestas, mastros, apito, autofalante, dardos, pesos para atletismo, bastões, plinto, trampolim, colchão, cavalo, arcos, entre outros)¹⁴¹.

De acordo com os depoimentos dos professores, as aulas eram, na maioria das vezes, realizadas na Praça de Esportes. José Guilherme Papagaio relatou que a parte externa do quarteirão (calçada) era utilizada, em algumas ocasiões, para o treinamento do atletismo, ou

¹⁴⁰ *Jornal Estado de Minas*, de 18 de março de 1956.

¹⁴¹ Depoimentos dos ex-professores, e acervo iconográfico da década de 1960 da Escola Estadual Governador Milton Campos.

para preparação física de algum outro esporte. José Guilherme Papagaio afirmou em seu depoimento que , além dessas ocasiões, o Professor Odilon Barbosa utilizava as calçadas para a realização de uma aula inaugural, caracterizada como uma corrida ao redor da escola, com os alunos do ginásio¹⁴².



Figura 7: Professor Odilon Barbosa e alunos: volta no quarteirão.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos (Data sugerida: 1964)

Acreditamos que a fotografia da Figura 7 remete a essa volta ao redor do prédio do Estadual. Apesar da baixa qualidade da imagem, foi a única que encontramos desse suposto momento. A fotografia seguinte (figura 8) mostra a Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais com alguns alunos, provavelmente durante as aulas de Educação Física. Esta foto foi tirada para o concurso de fotografias de 1971 e entregue de presente para o funcionário Alcides Rocha. No verso da fotografia, está escrito a seguinte dedicatória: “Ao Alcides, uma das fotos do concurso de fotografias do Colégio. Reynaldo Caplum. 12/05/1971.”

¹⁴² Acervo Iconográfico (Escola Estadual Governador Milton Campos); depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.



Figura 8: Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais.

Fonte: Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha.(1971)

Conteúdos: planejamento e seleção de saberes

A organização e o planejamento das aulas eram responsabilidades dos próprios professores. Segundo Mérope Saliba¹⁴³, apesar da liberdade para planejar, existia uma coordenação pedagógica – composta pelos professores mais antigos, como Odilon Barbosa, Lincoln Raso e Leonilda Pongelupe – que fazia uma divisão dos conteúdos que deveriam ser trabalhados e determinava a sequência. Além disso, ao final de cada etapa, ou temporada, como é denominada pelos professores, realizava-se um torneio. Segundo os depoimentos dos ex-professores, os conteúdos eram organizados como temporadas. Luiz Afonso diz que:

[...] geralmente fazíamos seções de ginástica mesmo, a própria ginástica, que era trabalho físico, localizado. E tinha as *temporadas de esporte*. Nós fazíamos *vários esportes*, Handebol, Basquete, Vôlei, dentro das turmas. Mas era por período, por exemplo, a gente fazia geralmente quatro esportes dentro do ano. Dois no primeiro semestre e dois no segundo. Com aqueles que sobressaíam, a gente fazia os campeonatinhos daquela modalidade, dentro do próprio período. (grifos nossos)

Essa divisão por temporadas também é percebida nos diários de classe, sendo que, em alguns meses, todas as aulas eram de apenas uma modalidade. O único conteúdo que não foi

¹⁴³ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012

dado de forma consecutiva e sequencial foi a Natação, que era praticada em dias alternados. Dessa forma, a Natação era intercalada, ou com outro esporte, ou com as ginásticas. Wilson Camelier faz uma simulação de como seriam as temporadas:

A gente fazia assim: temporada. As aulas começavam em fevereiro. Fevereiro, março e abril, digamos, era Basquete; maio, junho, era Voleibol; agosto e setembro, era Handebol; e depois havia os torneios. Porque a gente fazia torneio de cada... Mas cada temporada tinha o seu torneio...¹⁴⁴

A organização do ensino por temporadas já foi uma questão problematizada em outros trabalhos. Marcus Taborda de Oliveira (2003), ao analisar o Programa de Educação Física, de 1972, de Curitiba, destaca a necessidade da criação de um planejamento para que se evitassem os improvisos das aulas; para tanto, o ensino seria organizado por temporadas. Para o autor, essa forma de organização do ensino reduz os conteúdos a apenas alguns esportes e técnicas esportivas. Entretanto, vale lembrar que essa proposta no Estado do Paraná foi formulada no início da década de 1970.

Através dos depoimentos dos ex-professores do Colégio Estadual de Minas Gerais, e dos diários classe, notamos que, já na década de 1960, as aulas eram organizadas de tal maneira. Apoiado nos argumentos de Goodson (1990;1995b), Taborda de Oliveira (2003, p.290) evidencia que as normativas legais e institucionais podem ser resultado do que já acontece no cotidiano: “[...] é resultado de pressões oriundas da própria corporação de especialistas de cada área”. Possivelmente, é o que já estava acontecendo no Colégio Estadual, ou seja, os professores organizavam suas aulas por temporadas.

Retomando a questão do planejamento geral da Educação Física, cabe-nos perguntar se os professores não possuíam autonomia em suas aulas. O professor Luiz Afonso afirma em seu depoimento que os professores tinham liberdade na organização da aula, mas não no planejamento das temporadas, e complementa com informações sobre a organização dos professores:

[...] todo mundo fazia o mesmo conteúdo... era uma direção só. Nós nos reuníamos, programávamos... É lógico, não programava a aula, mas programava os assuntos. Então, cada um dava um tipo. Mas as temporadas eram iguais: é Handebol, é Handebol; é Basquetebol, é Basquetebol; é Voleibol, é Voleibol. Então, todos trabalhavam nesse sentido. Mesmo

¹⁴⁴ Depoimento de Wilson Camelier, 01/06/2012.

fazendo Futebol de Salão; também entravam, geralmente, essas temporadas de Futebol de Salão [...] Então, o conteúdo era sempre unificado, não era cada um por si, não.¹⁴⁵

A professora Mérope Saliba afirma que organizava suas aulas com uma parte inicial de exercícios de ginástica e, depois, começava o treino do esporte referente à temporada da época. Em seu depoimento, ela nos contou do seu envolvimento e gosto pela ginástica, e dos aprendizados sobre metodologias e métodos ginásticos diferentes, durante sua Graduação e, depois, como professora. Enquanto fazia o curso de Educação Física, teve a oportunidade de participar das jornadas internacionais de Educação Física em Belo Horizonte, e de uma jornada em Buenos Aires. Segundo a professora Mérope Saliba, esses eventos contribuíram no aprimoramento e no conhecimento das ginásticas. Como a parte inicial da aula era um pouco mais livre, ela aproveitava para passar os conteúdos com que tinha mais afinidade.¹⁴⁶

Wilson Camelier, ao dizer do formato de uma aula, fez referência a três momentos: “primeiro, a gente fazia aquecimento, depois do aquecimento, era a aula propriamente dita, e o final era uma ‘volta à calma’, que poderia ser uma brincadeira, um relaxamento. Era assim a aula.”. Parece-nos que esse depoimento guarda relação com o Método Francês de Ginástica. Ao descrever esse método, Inezil Penna Marinho (s/d, p.98) apresenta os grupos de exercícios, as variações conforme a faixa etária, o método de trabalho, entre outras várias especificidades. Sobre a constituição da aula:

A lição de Educação Física é a reunião, em uma sessão, de exercícios variados e combinados para interessar sucessiva ou simultaneamente todos os órgãos e as grandes funções, com fim de melhorá-las e aperfeiçoá-las.

Plano

A lição de Educação Física se divide em três partes de importância e duração desiguais:

- a sessão preparatória;
- a sessão propriamente dita;
- a volta à calma.

(MARINHO,S/A)

Nos depoimentos, vimos também maneiras de organização de uma aula que se aproximam de métodos como o da Ginástica Feminina Moderna e o da Ginástica Desportiva

¹⁴⁵ Depoimento de Luiz Afonso Teixeira, em 15/05/2012.

¹⁴⁶ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

Generalizada. Alfredo Gomes de Faria Junior (1972), em seu livro denominado “Introdução à didática da Educação Física”, apresenta os esquemas de organização de aulas dos métodos ginásticos, além de propostas de planejamento e planos de aulas, entre outros assuntos. O esquema da aula de Ginástica Feminina Moderna é dividido em quatro partes: introdução, ou aquecimento; formação corporal, educação e movimento; aplicação; volta à calma. A aula do Método Natural Austríaco também é dividida em: introdução, formação corporal e educação do movimento; habilidade e aplicação esportiva; volta à calma. Já o esquema da aula de Educação Física Desportiva Generalizada a divide em: aquecimento, exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular; exercícios de agilidade e energia (CRAN); aplicações desportivas.

Podemos dizer que o esquema relatado pelo professor Wilson Camelier também se aproxima dos métodos ginásticos descritos por Alfredo Gomes e Inezil Penna Marinho. Foi possível, pelos depoimentos, conhecer as rotinas das aulas, mas com poucos detalhes; nos diários de classe não encontramos minúcias da organização de uma aula.

Luiz Afonso comenta sobre a variedade de conteúdos e a qualidade das aulas:

A gente trabalhava bastante também com a parte iniciante, inicial de Ginástica Olímpica. Tipo Ginástica Olímpica, que era aproveitando os aparelhos que a gente tinha. Nós tínhamos os plintos todos lá, nós tínhamos vários plintos. Com trampolim... Então, a gente dava muito iniciação. Isso a gente não fazia disputa, mas sempre nas nossas aulas tinha um período que trabalhava Ginástica Olímpica, a parte de flexibilidade, a mobilidade... E isso sempre teve nos nossos programas de aula. Eram bem “ricazinhas”, nossas aulas não eram muito miseráveis, não. [riso]

Notamos que os professores tinham uma preocupação em variar os conteúdos e fazer com que os alunos praticassem as atividades. Como disse o professor José Guilherme, era função do bom professor de Educação Física despertar o gosto esportivo dos alunos. Isso guarda relação com as publicações da década de 1950 (Boletim de Educação Física), que afirmam ser função do professor de Educação Física desenvolver o físico e o “gosto pelas atividades físicas e desportivas”¹⁴⁷.

Também observamos nos diários uma preocupação com o planejamento, com a disciplina, e com a utilização de uniformes. Na maioria dos diários, está registrado que as

¹⁴⁷ Boletim de Educação Física, 1956.

primeiras aulas eram destinadas aos avisos sobre horário, disciplina (ordem), uniforme, comportamento e frequência. Além desses direcionamentos, era feita a organização administrativa da disciplina.

Nos depoimentos da professora Mérope Saliba e do professor Luiz Afonso, foi possível perceber a presença de torneios entre as turmas, ao final de cada temporada esportiva.¹⁴⁸ Isso se repete nos registros dos diários de classe, como está evidente no diário da professora Licene França, do ano de 1968, da 1ª série Colegial, turno da tarde. No mês de agosto, todas as aulas, um total de 10, foram destinadas ao conteúdo Voleibol. Os títulos das aulas foram: iniciação ao Voleibol, passe-saque, passe-saque-ação na rede, passe-saque e esquema de jogo, ou, simplesmente, Voleibol. Observa-se que algumas aulas possuem o mesmo título. No mês seguinte, setembro, as 8 aulas foram destinadas ao jogo de Voleibol e ao campeonato dessa modalidade, o que confirma que o campeonato era a meta da Educação Física, a razão de ser das aulas que o precediam. Observa-se uma sequência de ensino dos fundamentos e a “prova”, que seria o campeonato.

Além desses campeonatos, em 9 diários de classe – nos meses de setembro e outubro – a descrição da matéria lecionada está apenas como “Torneio da Primavera” ou “Jogos da primavera”. Supomos que as atividades da Educação Física eram suspensas para os alunos participarem dos jogos. Pelos diários de classe, não é possível afirmar se era feito algum tipo de treinamento ou seleção dos alunos. Todavia, nos relatos dos professores foi confirmado que os jogos e os treinamentos aconteciam, apenas com os interessados e selecionados, em horários extraclasse. Dessa forma, supomos que as aulas eram suspensas para a participação de poucos alunos nos campeonatos.

Nos depoimentos, foram relacionados alguns conteúdos ministrados nas aulas, assim como eles estavam listados nos diários de classe, na parte destinada à matéria lecionada, divididos por mês. Parece-nos que cada professor tinha liberdade de escolha dos conteúdos, pois não havia muitas similaridades entre eles. Encontramos algumas diferenças entre os conteúdos lecionados pelos professores e pelas professoras, o que caracterizou alguns conteúdos das aulas femininas e das masculinas, como podemos ver no quadro de conteúdos construído a partir da análise dos diários de classe. Este quadro foi construído com a intenção de relacionar os conteúdos presentes e constantes nas aulas, além de possibilitar a visualização da diferença entre as aulas femininas e as masculinas.

¹⁴⁸ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012 e depoimento de Luiz Afonso Teixeira, em 15/05/2012.

Quadro 2: Relação dos Conteúdos das aulas de Educação Física*

Conteúdos – Aulas Femininas e masculinas	Conteúdos – Aulas Femininas	Conteúdos – Aulas Masculinas
<ul style="list-style-type: none"> - Exames Biométricos ou Tomada de peso e altura - Eficiência Física - Natação - Voleibol - Torneio da Primavera (treinos das equipes) -Hand-ball - Ginástica - Desfile no 12º RI - Ginástica de Solo - Teste de Cooper (só em 1973 aparece nas aulas femininas) -Basquete (só em 1973 aparece nas aulas femininas) - Campeonatos 	<ul style="list-style-type: none"> - Danças Regionais - Ensaio de Páscoa - Ginástica Feminina Moderna (arcos, massas, bolas) - Dança Folclórica - Método Sueco ou Ginástica Sueca - Método Natural - Aquisição de correção da boa postura - Exercícios de formação corporal - Exercícios de coordenação, habilidade, cooperação - Jogos relacionados com o Voleibol - Desportiva Generalizada - Marchas - Ginástica Balanceada - Calistenia - Brinquedos Cantados - Pequenos Jogos (Queimada) - Campeonato de Voleibol. - Ginástica: flexibilidade, agilidade - Corridas livres: saltitos, joguinhos - Exercícios de tronco - Jogo - Recreação - Ginástica Rítmica - Atletismo: corrida e saltos - Exercício de força - Circuito training – formação corporal 	<ul style="list-style-type: none"> - Circuito 1 - Iniciação ao Futebol de Salão - Piscina (teste de Natação/treinamento de resistência/treinamento de transporte de O2) - Teste e treinamento de Cooper - aplicado na piscina - Treinamento de Cooper - Processo psicomotor - Natação Recreativa - Campeonato de Futebol de Salão - Sessão Cívico-Religiosa - Treinamento para o desfile de 7 de setembro. - Treinamento físico: circuito

* Relação dos conteúdos das aulas de Educação Física do Colégio Estadual de Minas Gerais. A distribuição dos conteúdos foi feita de acordo com o gênero.

Wilson Camelier comentou em seu depoimento que a Educação Física era muito diferente entre os meninos e as meninas, mas não sabe dizer em quê, pois estava sempre ocupado com as aulas masculinas. Porém, pelos depoimentos e pelos diários de classe, conseguimos identificar alguns elementos de diferenciação das aulas. Alguns conteúdos eram

exclusivamente masculinos, como o Futebol de Salão e outros relacionamentos com o treinamento físico e a realização de testes. Parece-nos que os conteúdos das aulas femininas estavam mais direcionados para as ginásticas, os métodos ginásticos, as danças, alguns esportes (principalmente o Voleibol) e pequenos jogos.

Notamos também, de forma geral, que os depoentes citam alguns conteúdos presentes nas aulas do período anterior (1956 – 1966), como Voleibol, Handebol, Futebol de Salão, Futebol de campo, Basquete e Natação. Resumiam-se aos esportes e aos campeonatos, tanto os campeonatos internos como os externos. Com os diários, foi possível perceber uma diversidade maior de conteúdos.

Nos depoimentos, os conteúdos citados foram: Ginástica de Solo, Ginástica Olímpica, Ginástica Localizada, Voleibol, Basquete, Handebol, Futebol de Salão, Exercícios de resistência, Corrida, Iniciação aos esportes, Natação, Atletismo. José Guilherme Papagaio afirmou que no “no Segundo Grau – no Científico e no Clássico –, as aulas todas eram voltadas para a atividade esportiva. *Todas!* (grifos do depoente)”¹⁴⁹.

Méropé Saliba, José Guilherme Papagaio e Luiz Afonso deram um destaque para o Futebol de salão e para o Handebol. Segundo esses depoimentos, tais modalidades foram a “novidade”, os alunos e os professores estavam ainda apreendendo sobre elas.¹⁵⁰ A esse respeito, Méropé Saliba e Roberto Martins comentam a presença de um sueco, chamado Erland Gustafson¹⁵¹, que frequentou as dependências do Estadual e ensinou o handebol para os professores e alunos.¹⁵² Esse sujeito ganhou destaque na pesquisa sobre o handebol em Minas Gerais (ARANTES, 2010), que apontou o Colégio Estadual como local de circulação e divulgação desse esporte.

[...] foi possível perceber a importância do Sr. Erland Gustafson para o Handebol mineiro, sendo ele um dos principais sujeitos para a divulgação do Handebol em Belo Horizonte, tendo atuado em diferentes locais e com diferentes pessoas. [Jornal Estado de Minas...] Isabel Montandon, José Atayde e Ivany Bonfim confirmam a presença do técnico Erland Gustafson

¹⁴⁹ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

¹⁵⁰ Depoimento de Méropé Saliba, em 31/08/2012; depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012 e depoimento de Luiz Afonso Teixeira, em 15/05/2012.

¹⁵¹ Erland Gustafson era funcionário da ESAB e ocupava o cargo de gerente administrativo dessa empresa. Foi jogador de Handebol da equipe sueca, sempre praticou e treinou equipes de Handebol. Na ESAB treinou a equipe de handebol dos funcionários da fábrica nas décadas de 1950 e 1960. Além disso, treinou equipes da EEF-MG, do Minas Tênis Clube e frequentou e colaborou com os treinos das equipes do Colégio Estadual de Minas Gerais.

¹⁵² Depoimento de Méropé Saliba, em 31/08/2012. E depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

no Colégio Estadual Central, ajudando o Professor Lincoln Raso nos treinamentos e trocando conhecimentos; foi um dos responsáveis pela introdução do Handebol nessa escola, tanto feminino como masculino. Sendo essa uma ação importante para divulgação do esporte entre os professores de Educação Física e os técnicos da modalidade. (ARANTES, 2012, p. 29-30)

A presença do sueco, Erland Gustafson, foi notada também em uma carta escrita pelos alunos do Colégio Estadual destinada à federação sueca de handebol. Neste documento percebemos que os alunos eram gratos ao Sr. Erland, o agradecendo pelo ensino do handebol e pelos resultados alcançados no Estado. Além disso, podemos afirmar a presença deste “professor”, como denominado pelos alunos, nos treinamentos de handebol da escola. Como podemos notar no documento:

DIRETÓRIO ESTUDANTIL DO COLÉGIO ESTADUAL
BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 13 de maio de 1966.

A
Federação Sueca de Hand-Ball
Stocolmo - Suécia

Prezados Senhores:

O Diretório Estudantil do Colégio Estadual de Minas Gerais, órgão representativo de todos os alunos deste estabelecimento de ensino, vem por meio deste, atestar a capacidade de trabalho de um homem, sua força de vontade inquebrantável, sua fé indiscutível no esporte, sua dedicação sem par, a um esporte, o "HAND BALL.

Trata-se do Sr. ERLAND GUSTAFSON.

Enfretando todos os obstáculos, êle lançou o Hand-Ball no Estado de Minas Gerais, e nós, deste estabelecimento de ensino, temos observado de perto os progressos conseguidos por este ilustre desportista.

Aqui, o Hand-Ball se firmou definitivamente. o seu espírito jovial cativou-nos e hoje tornou-se um dos maiores amigos do Colégio e não há aluno que não conheça o "Professor Gustafson".

O Sr. Erland Gustafson, dedica todos os seus momentos de folga ao treinamento de equipes do Colégio e tem conseguido resultados e títulos significativos, suficientes para comprovar a sua capacidade e dedicação.

Merecedor de todo o aprêço e amizade por partes dos 7.000 alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais, O Diretório Estudantil, através de seu representante legal, solicita a essa Federação, registrar em seu livro próprio, um voto de louvor como reconhecimento a uma pessoa que tantos serviços tem prestado ao esporte em nosso Estado, em sua especialidade.

Aceitem nossas

Cordiais Saudações

Pedro M. Machado

— Pedro Moreira Machado —
Presidente do Diretório Estudantil do Colégio Estadual de Minas Gerais

-BRASIL-

Figura 9: Carta dos alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais à Federação Sueca de Hand-ball.
Fonte: CEMEF/UFMG. Acervo Pessoal de Isabel Montandon, em processo de organização.

Além dos torneios internos, foi registrada nos diários a participação de equipes do Colégio Estadual no Campeonato da Primavera, uma competição com a presença de diversas Escolas da cidade e com jogos de várias modalidades esportivas. O Colégio Estadual também participou de outros eventos que utilizaram a aula de Educação Física como seu momento de ensaio, apresentação, treino ou jogo. Isso ficou evidente nos diários de classe do professor Lincoln Raso, de 1966, e da professora Licene França, de 1967. Ali estavam relacionados como “matérias lecionadas” um jogo comemorativo e um desfile do dia do soldado realizado no 12º R.I.¹⁵³ Os campeonatos também foram incluídos nos diários de classe como conteúdos.

Nas fotografias do acervo pessoal de Alcides Rocha, vimos que também faziam parte dos conteúdos da Educação Física os ensaios para o desfile de 7 de setembro e a prática da ginástica. Os entrevistados pouco citaram a ginástica com um dos conteúdos da Educação Física; enfatizaram a presença do esporte e os exercícios ginásticos e suas demonstrações foram citados apenas como atividades preparatórias, ou que ocorriam em ocasiões esporádicas, como algo menos importante. Entretanto, pelas fotografias notamos que os ensaios e participações no desfile de 7 de setembro foram constantes, a partir de meados da década de 1960 até a década seguinte. Sobre a segunda metade da década de 1960, encontramos fotografias de apresentações de ginástica, feminina e masculina, nos anos de 1965, 1966 e 1967, o que mostra que a ginástica era conteúdo para homens e mulheres e estava, sim, presente nas aulas de Educação Física.

As fotografias seguintes, figuras 9, 10 e 11 mostram uma apresentação de ginástica, feminina e masculina, realizada na Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais. Na parte posterior das fotografias está escrita a data de 1965 e a assinatura da Professora Leonilda Pongelupe.

¹⁵³ Diário de classe do Professor Lincoln Raso, 1966, 2ª série Colegial, turma masculina, turno da manhã e diário de classe da Professora Licene França, 1968, 1ª série Colegial, turma feminina, turno da tarde.



Figura 10: Apresentação de Ginástica – parte feminina.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha. (1965)



Figura 11: Apresentação de Ginástica – parte masculina.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha. (1965)

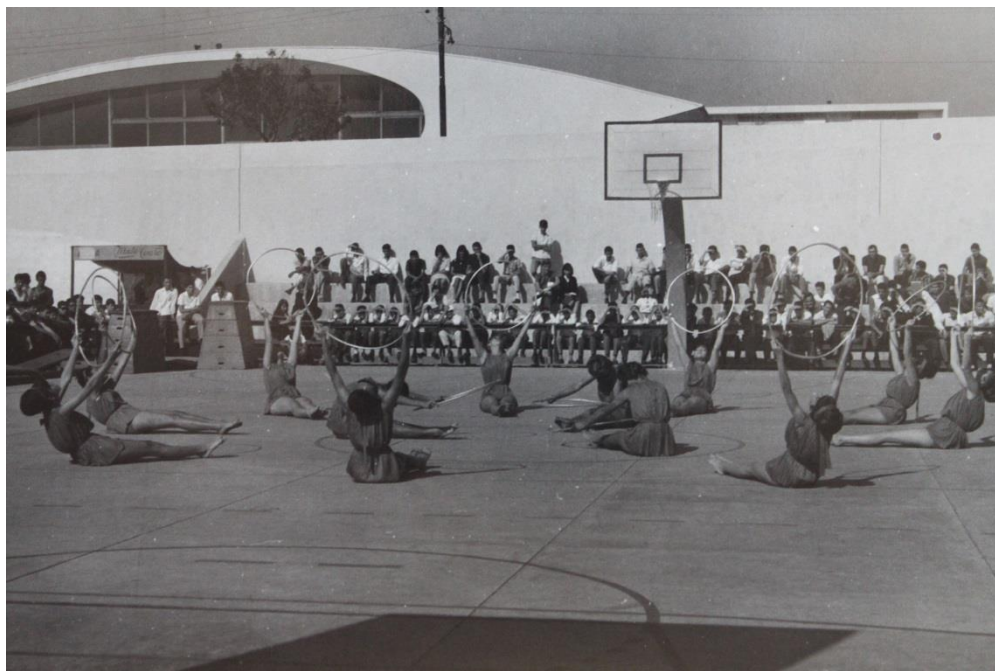


Figura 12: Apresentação de Ginástica na Praça de Esportes do Colégio Estadual de Minas Gerais.
Fonte: Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha. (1965)

As aulas de Educação Física: por que não ter?

Nos diários de classe, observamos que em alguns dias as aulas de Educação Física eram suspensas. Um dos motivos era a chuva, pois a quadra estaria molhada e, sem o espaço, não seria possível realizar as atividades. As descrições encontradas para o dia de chuva foram: “não houve aula – chuva”; “chuva”; “não houve aula – campo molhado”; “aula cancelada: chuva”. Vale ressaltar também que a escola autorizava essa não ocorrência de aula nos dias de chuva, evidente pelos registros nos diários. Parece-nos que o fato de não haver aula de Educação Física nesses dias é algo que acompanha a constituição da disciplina. O professor Fernando Campos Furtando, na tentativa de apresentar alternativas para não cancelar as aulas por motivo de chuva, publicou na década de 1970, em Belo Horizonte, o livro “Está chovendo, professor de Educação Física?”. Podemos supor que essa iniciativa fez parte do processo de legitimação da Educação Física para além da prática esportiva, exclusivamente, e mostrou que a chuva era um motivo para cancelar a aula, o que acontecia com frequência.

Outros motivos para cancelamento das aulas eram reuniões, encontros, preparação para algum evento, participação em concursos, greve, luto, Praça de Esportes fechada, etc. Em junho de 1966, no diário do professor Odilon Barbosa, 1ª série Colegial, foi registrado um Curso do MEC. No diário de classe da professora Leonilda Pongelupe, 2ª série Colegial, em

maio de 1967, foi anotado o motivo para não ter aula: encontro de professores de Educação Física. Em junho de 1968, no diário de Leda Toffolo, 2ª série Colegial, o motivo para cancelamento das aulas foi um curso de aperfeiçoamento em Educação Física. Leonilda Pongelupe registrou a sua ausência nas aulas do Estadual, em 26 de abril de 1970, devido ao concurso da Escola de Educação Física. Outras vezes, o motivo para a aula não ter acontecido foi o não comparecimento dos alunos.

Departamento Central: um modelo pedagógico para os Anexos?

Os professores Luiz Afonso, Wilson Camelier e Arminto Machado, e a professora Mérope Saliba, além de atuarem no Colégio Estadual – Departamento Central, trabalharam, também, nas Escolas Anexas. Em seus depoimentos, esses profissionais expressaram a proximidade entre o Departamento Central e os Anexos. Apontaram relações entre o Departamento Central e os Anexos, e um modelo de Educação Física em comum. Dizem que utilizavam as mesmas metodologias, e a mesma maneira de dividir os conteúdos ao longo dos anos e de fazer o planejamento das aulas. O que ia se desenhando para o Central era tomado como referência para as Escolas Anexas, confirmando que havia uma Educação Física configurada e estabelecida.

Contudo, esses modelos causaram tensões, como afirmou Arminto Machado em seu depoimento; nem todas as escolas possuíam a mesma estrutura física, as mesmas instalações e os mesmos materiais que o Departamento Central. O ex-professor relata, ainda, que no Anexo da Serra a quadra só foi construída depois de muitos anos de funcionamento da escola. Assim, os professores precisavam ministrar as aulas na rua, ou em outros lugares improvisados. Essa organização, muitas vezes, impedia que o planejamento do Departamento Central fosse aplicado nas Escolas Anexas.¹⁵⁴

Vale ressaltar que alguns professores atuavam no Departamento Central e nas Escolas Anexas, e muitos atuavam em até três escolas durante o mesmo período. Possivelmente, essa circulação e a proximidade com os outros professores de outros Anexos e do Departamento Central contribuiu na conformação de um modelo pedagógico de Educação Física do Colégio Estadual. Mesmo que as aulas não fossem ministradas da mesma maneira, nos mesmos espaços, elas possuíam algumas características que permeiam todas as escolas, como a

¹⁵⁴ Depoimento do Professor Arminto Mineiro, em 13/08/2012.

distribuição das turmas e dos tempos da Educação Física, a participação em campeonatos, a finalização das “temporadas esportivas” com jogos, entre outras. Por mais que a proposta pedagógica do Estadual fosse um modelo a ser seguido, e que alguns sujeitos fossem os mesmos, em diferentes lugares, cada Escola Anexa possuía uma cultura escolar própria, marcada pelo lugar onde ela estava localizada, pelas relações e disputa de forças dos sujeitos que trabalhavam na instituição, entre outras coisas. Essas características marcaram as disciplinas escolares, e não foi diferente com a Educação Física.

No próximo capítulo, a ênfase será dada ao conteúdo esporte e à participação dos alunos do Colégio Estadual nos campeonatos que aconteceram em Belo Horizonte, compreendendo sentidos agregados às aulas de Educação Física. Percebemos que o esporte praticado no Estadual constituiu-se como um fator de agregação dos jovens na cidade.

CAPÍTULO IV

EVENTOS ESPORTIVOS: CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO ESTADUAL

Eu gosto muito de esportes e pratico esportes desde antes de entrar no Estadual. Jogava Futebol, praticava Judô. E quando eu entrei no Estadual, encontrei um clima de esportes muito forte! (Depoimento de Afonso Cozzi)

Nos diários de classe dos professores e nos depoimentos de ex-alunos e ex-professores, ficou evidente a predominância do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física. O que ressaltou não foi a simples presença de um conteúdo, mas os usos que foram feitos dele e a identificação do Colégio Estadual de Minas Gerais como referência esportiva em Belo Horizonte. Ficou claro que o esporte guardava relação com as aulas de Educação Física, com os momentos de sociabilidade dos alunos, com os treinamentos, com os intercâmbios e as viagens esportivas, com a participação em campeonatos e jogos no extraturno escolar. O esporte transborda os domínios das aulas e se relaciona com a cidade e seus espaços, com os clubes, com alunos e atletas de outras escolas.

Vale ressaltar que as experiências esportivas externas à escola influenciam nas rotinas da Educação Física, adentram a escola e carregam os valores e elementos do código esportivo. Meily Assbú Linhales (2008), ao dizer da “forma escolar para o esporte”, traz elementos de um duplo movimento: “a escolarização do esporte e a esportivização da escola”. No Colégio Estadual, o esporte foi ganhando cada vez mais espaço nas aulas de Educação Física, principalmente para as turmas do Ensino Colegial e masculinas. O professor e aluno José Guilherme Papagaio¹⁵⁵ é enfático ao dizer que todas as aulas eram voltadas para a atividade esportiva: “Só esporte. E os esportes praticados eram a Natação, o Atletismo, o Vôlei, o Basquete, o Futsal e o Handebol. Esses eram os esportes praticados nas aulas regularmente, durante todo o ano.” Esse relato demonstra o movimento de esportivização das aulas de Educação Física.

Os códigos esportivos de fora da escola colaboraram na tessitura das formas com as quais os esportes foram sendo abordados nas aulas. Nesse sentido, percebemos aproximações e distanciamentos entre a Educação Física e os esportes. Considerando as ações no âmbito externo às aulas de Educação Física, características como a participação dos alunos em

¹⁵⁵ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

campeonatos e jogos fora da escola são evidentes. A aula guarda relação com o esporte quando tem como finalidade selecionar os destaques das turmas, com a intenção do agrupamento para a realização do treinamento esportivo em horário posterior ao turno escolar. No diário de classe de Lincoln Raso, de 1970, turmas masculinas, o professor destacou, na parte destinada às observações: “atleta para o handebol: aluno Osvaldo Mendes”.¹⁵⁶

Além disso, os alunos e professores organizavam torneios dentro da própria escola, mas com certo distanciamento do planejamento das aulas de Educação Física, como o “torneio de despedida”, realizado entre os alunos da 3ª série Colegial. Já interno à Educação Física, havia a organização de aulas com um mesmo tema, ao longo de um ou dois meses, sendo que o resultado dessas aulas foi a realização de campeonatos entre as turmas, e até mesmo entre os alunos de uma mesma turma.

A Educação Física escolar não se produziu apenas nos tempos e espaços das aulas. Destacamos que a Educação Física vai além da própria aula e, também, ultrapassa os limites da escola. Nesse movimento entre o não escolar e o escolar, o que sai da escola carrega seus códigos e, também, aquilo que adentra a escola com seus próprios valores modifica o modo como a Educação Física se conforma. As competições e os jogos demonstram essa troca de experiências de dentro para fora da escola e vice-versa.

Os Torneios Esportivos: a participação do Colégio Estadual

Os depoentes citaram alguns torneios e participações esportivas dos alunos do Colégio Estadual e suas “seleções”. Dentre eles, dois torneios ganharam destaque nos depoimentos e nos diários de classe: a MarEsta e os Jogos da Primavera. A MarEsta foi realizada desde os anos finais da década de 1950 até meados da década de 1960, e os Jogos da Primavera, entre meados da década de 1960 e a década de 1970. Esses campeonatos foram realizados entre as escolas de Ensino Secundário de Belo Horizonte. Além desses, outros campeonatos isolados, que aconteceram uma ou duas vezes, também contaram com a participação dos estudantes do Ensino Secundário.

¹⁵⁶ Diário de Classe do Professor Lincoln Raso, 1970, turma masculina, 1ª série Colegial.

A MarEsta

A MarEsta foi uma competição realizada entre os Colégios Estadual e o Colégio Marconi, nas décadas de 1950 e 1960. Parece ter sido essa uma competição que proporcionou a socialização dos alunos desses dois colégios de Ensino Secundário, e também proporcionou a interação com outros jovens da Capital, em outros espaços, como no Minas Tênis Clube e no Departamento de Instrução da Polícia.

Pouco sabemos sobre a história do Colégio Marconi em Belo Horizonte. Os estudos a respeito da instituição, suas práticas educativas e sua história são escassos. Segundo Santos (2010), o Colégio Marconi era uma instituição constituída por estrangeiros da colônia de imigrantes italianos em Belo Horizonte, o Instituto Ítalo-mineiro Guglielmo Marconi (IGM). A escola foi mantida pela comunidade italiana, envolvida nas atividades da *Casa D'Itália*. Essa comunidade foi desfeita durante a Segunda Guerra Mundial, após a adesão do governo Vargas aos Países Aliados. Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, a atividade do Colégio Marconi em Belo Horizonte sofreu alguns desgastes e foi prejudicada. “Em Belo Horizonte, uma extensa pendência judicial se arrastou para a retomada do imóvel do Colégio pela Prefeitura de Belo Horizonte, que aforara o terreno para a construção do estabelecimento, desde a época de sua fundação, em 21 de abril de 1936” (SANTOS, 2010, p.18).

Dessa maneira, no prédio do antigo colégio Marconi começou a funcionar a atual Rede Municipal da Capital. As atividades foram iniciadas em 1948, “com a criação e a organização da primeira escola pública municipal” (Santos, 2012, p.18 apud GENTILINO, Sônia, 2003). A sede do Colégio Municipal foi então transferida para o prédio do ex-colégio Marconi e passou a se chamar Colégio Municipal Marconi.

A MarEsta era organizada por professores de Educação Física das duas instituições. As competições iniciaram-se antes mesmo da transferência do Colégio Estadual para a sede projetada por Niemeyer, na qual desenvolveu suas atividades a partir de 1956. Em 13 de outubro de 1955, o jornal “O Diário” publicou uma reportagem, em uma parte destinada às notícias esportivas, sob o título “Estadual x Marconi”, anunciando a primeira edição do campeonato entre esses dois colégios. Na reportagem, percebe-se o clima da cidade e uma exaltação relacionada com a competição: “reina grande animação nos meios esportivos

estudantis pela realização de 23 a 30 da 'MARESTA', olimpíadas entre os colégios Estadual e Marconi”.¹⁵⁷

As disputas eram realizadas em vários espaços da cidade, como clubes, colégios, etc. A abertura e as provas de Atletismo aconteciam, na maioria das vezes, no Departamento de Instrução da Polícia Militar, o D.I., e as competições dos esportes coletivos, nas quadras e ginásios dos clubes da cidade, sendo que o Minas Tênis Clube aparece como local de realização de jogos em quase todas as edições da competição. O campo do Clube Atlético Mineiro foi o lugar das disputas de Futebol de campo e o baile de encerramento foi no salão do DCE.¹⁵⁸ A centralidade das competições pode ter relação com a localização dos clubes e das escolas, todos em uma região central da cidade. O clube era local frequentado pelos alunos do Estadual e do Marconi, e era considerado por alguns uma “extensão do Colégio Estadual”, ou o “quintal da escola”, como disse Roberto Martins em seu depoimento¹⁵⁹. Além disso, eram nesses dois espaços, Minas Tênis Clube e DI, que ocorreriam muitas aulas práticas do curso de Educação Física. A preferência por esses locais pode ser justificada pela presença de professores da Escola de Educação Física em ambas as escolas e pela circulação de graduandos em Educação Física, provavelmente também envolvidos na organização do evento.

Os responsáveis pela organização das competições variavam de acordo com o ano. Os professores de Educação Física, como o Professor Carlos Turner, do Colégio Marconi, e o Professor Antenor Horta, do Colégio Estadual, foram responsáveis pela organização da primeira edição dos jogos e pela formação das equipes dos colégios. Percebemos também a participação de outros professores, como a do Professor Beyjamim Martins, participando das atividades do Voleibol no Estadual, e do Professor Litz Tessarolo, do Colégio Marconi, que era responsável pelas equipes de Voleibol e Natação da sua escola.¹⁶⁰ Fizeram parte da competição disputas individuais e coletivas, distribuídas nas seguintes modalidades: Atletismo (corridas de 100 metros, 300 metros e 1.000 metros rasos; 83 metros com barreira, salto em distância, salto em altura e salto com vara; arremesso de peso, disco e dardo),

¹⁵⁷ Jornal O Diário, 13 de outubro de 1955. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

¹⁵⁸ O campo do Clube Atlético situava-se no Bairro de Lourdes. A sede social do DCE estava próxima à Praça da Liberdade, onde atualmente funciona o Usiminas Belas Artes Cinema.

¹⁵⁹ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

¹⁶⁰ Jornal O Diário, 13 de outubro de 1955. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

Futebol de Salão, *water-polo*, Voleibol, Natação, Xadrez e Basquete. Ainda contou com um desfile de abertura nas pistas do D.I. e uma festa de encerramento.¹⁶¹

Nessa reportagem, vê-se que a diversidade de modalidades esportivas é bem mais ampla do que a relatada pelos ex-alunos; supomos que os estudantes tinham acesso a esses conteúdos nas aulas de Educação Física de suas escolas, uma vez que são anunciadas pelo jornal as funções e responsabilidades dos professores de Educação Física de cada escola em “treinar” os seus alunos para participar da competição. Dessa forma, podemos afirmar que esses conteúdos estavam presentes na Educação Física do Colégio Estadual.

Além disso, o professor Arminto Mineiro comenta que da competição participavam os alunos do Ensino Ginásial e do Colegial, porém para os alunos do Colegial as competições eram esportivas, como relatado na reportagem de “O Diário”. E para os alunos mais novos, do Ensino Ginásial, as competições eram de jogos e brincadeiras. O Professor Arminto Machado citou o cabo de guerra, o arremesso de peso com bolas de pano e prática de acertar um alvo. Isso significa que havia diferenciação do conteúdo até mesmo na competição, o que ressalta representações de Educação Física para cada faixa etária. No entanto essa informação não foi confirmada em outras fontes; os jornais relatam somente as atividades esportivas e as competições. Podemos supor que o esporte era um assunto considerado mais importante nesse período.¹⁶² Conceber a Educação Física do Colégio Estadual como lugar de selecionar atletas e realizar competições e torneios internos e externos parece-nos uma representação construída a partir dessas experiências esportivas escolares.

Essa intenção das aulas de Educação Física podem estar relacionadas com a cidade e com os conhecimentos que estavam ali circulando. As reportagens sobre a MarEsta exaltam um clima de festa, com a iniciativa da realização dos jogos, aparente em expressões como “uma semana de sensações no ginásio” e “sensação no esporte estudantil”¹⁶³, ou “louvável iniciativa”¹⁶⁴. Assim como na reportagem do jornal “O Diário”, de 16 de outubro de 1955, intitulada “A MarEsta empolga”:

Faltando uma semana para seu início, a MARESTA já tomou conta da *cidade esportiva*. A *feliz iniciativa* de realizar uma grande olimpíada entre os colégios Estadual e Marconi encontrou a melhor receptividade nos meios

¹⁶¹ Jornal O Diário, p.8, 21 de outubro de 1955. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

¹⁶² Depoimento Professor Arminto Mineiro, 13/08/2012.

¹⁶³ Jornal O Diário, p.8, 21 de outubro de 1955. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

¹⁶⁴ Jornal O Diário, p.9, 26 de outubro de 1955. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

esportivos estudantis. Alunos de ambos os estabelecimentos, bem como seus professores de Educação Física, têm trabalhado ativamente para que a olimpíada tenha grande *brilhantismo*. O Ginásio do Minas e a pista do D.I. serão locais de *sensacionais duelos entre os atletas dos nossos grandes educandários*.¹⁶⁵ (Grifos nossos)

É importante ressaltar que não podemos afirmar que esse clima atingia toda a cidade e que esse sentimento de empolgação e de êxito era uma opinião de todos. A maioria das reportagens mobilizadas foram publicadas no jornal “O Diário”, que, na ocasião, apoiou a iniciativa, como evidenciado na reportagem “Maresta Sensacional”, que relata a visita dos estudantes do Marconi à sede do jornal, com o intuito de agradecer o apoio recebido.¹⁶⁶

Vale ressaltar o adjetivo “cidade esportiva”, mencionado pelo autor sobre o clima esportivo daquele período em Belo Horizonte. No entanto, não sabemos exatamente como essa manifestação atingiu toda a cidade. Parece-nos uma atividade direcionada para a elite belo-horizontina e localizada nos bairros mais nobres da cidade, ou em suas proximidades. Como já foi mencionado, as primeiras iniciativas de algumas práticas esportivas na cidade foram nas décadas de 1950 e 1960, com o Handebol, Futebol de Salão e a Peteca. Essas modalidades esportivas não atingiram a população de maneira geral, mas os sujeitos que frequentavam os clubes sociais, as escolas da região central (públicas, privadas e confessionais) e os estudantes da Escola de Educação Física. Em alguns casos, como no Handebol, a modalidade atingiu outras regiões, como a cidade industrial de Contagem (Região Metropolitana de Belo Horizonte). (ARANTES, 2010 ; CEMEF-UFMG, 2010/2011) Tal caracterização nos permite afirmar a participação das escolas na “vida” esportiva e social da cidade.

Em seu depoimento, o Professor Arminto Mineiro comenta sobre o envolvimento das pessoas em geral com a competição MarEsta, afirmando que os jogos tinham grande público.

E a gente fazia uma disputa do Marconi com o Estadual, fazia um *sucesso* em Belo Horizonte. Dava o nome de MarEsta, Marconi e Estadual. Então, eram turmas, que iam disputar. Disputavam os esportes todos. Então, aquele final do ano, hora de quase terminar os períodos todos, nós estávamos lá. Então, era um sucesso. Belo Horizonte ficava assim [entrevistado faz gesto com a mão indicando um lugar lotado]. Aquilo *espalhava* a notícia e todo

¹⁶⁵ Jornal O Diário, 16 de outubro de 1955, p.12. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

¹⁶⁶ Jornal O Diário, 21 de outubro de 1955, p.8. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

mundo ia assistir, mas o negócio ficou *sensacional*. [...] Porque ia todo mundo para lá, ficava assim. (grifos do depoente)¹⁶⁷

Acreditamos que o fato de as competições serem anunciadas no jornal, na parte destinada às notícias esportivas gerais, colaborou para que o público participasse da competição. Além disso, foi anunciado nos depoimentos que as competições aconteceram em vários lugares da cidade, como nos clubes Minas Tênis Clube e Esporte Clube Ginástico, e no Departamento de Instrução da Polícia Militar. Segundo os professores Arminto Mineiro, Luiz Afonso e Wilson Camelier, as dependências da escola eram utilizadas também, principalmente após a construção da Praça de Esportes. Já o Colégio Marconi possuía quadras e uma pista de Atletismo.¹⁶⁸ Entretanto, as partidas finais continuaram sendo realizadas no Ginásio do Minas Tênis Clube. Provavelmente, os frequentadores dos clubes e outras pessoas também acompanhavam os jogos, como evidencia a reportagem:

Viverá o Ginásio do Minas mais uma noite de grande vibração com a realização do prélio de voleibol correspondente à MarEsta.[...] Espera-se que mais uma vez um grande público compareça ao Ginásio do Minas para prestigiar essa louvável iniciativa que é esta olimpíada que está empolgando a cidade¹⁶⁹

Além disso, havia a participação dos alunos das escolas, o que foi afirmado em um depoimento na pesquisa de Aleluia Teixeira (2011): “Tinha torcida organizada, mas não era como essa americana, não. A gente ia pra torcer para os colegas da gente.”. Assim, essa ex-aluna aponta o envolvimento dos próprios alunos da escola com a competição; mesmo aqueles que não participavam dos jogos iam assistir.

O sucesso da competição é evidenciado pelas reportagens dos jornais e por todos os depoimentos dos ex-alunos e ex-professores; podemos afirmar, portanto, que a competição realmente foi algo marcante no Estadual e na cidade. Nas décadas de 1950 e 1960, eram poucas as escolas públicas e, até mesmo, escolas particulares na cidade; supomos que isso tenha colaborado para que alunos de outras instituições se interessassem em assistir os jogos, representando esse ato uma prática social dos jovens da Capital. Aleluia Teixeira (2011) diz sobre a participação dos jovens do Colégio Estadual e de outros estudantes secundaristas no

¹⁶⁷ Depoimento de Arminto Machado, em 13/08/2012.

¹⁶⁸ Depoimento de Arminto Machado, em 13/08/2012; depoimento de Luiz Afonso Almeida, em 15/05/2012; depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012.

¹⁶⁹ Hoje na “MARESTA”: Voleibol – contornando os incidentes de anteontem. O Diário, 26/10/1955, p.10.

universo cultural de Belo Horizonte. Os jovens integravam grupos da Juventude Católica (JEC), do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), de escoteiros, de esportistas (se reuniam para jogar “peladas”) e grupos políticos. A participação, mesmo que da plateia, em alguns jogos, se insere nessa dinâmica da vida social da juventude da década de 1950 e 1960.

Sobre a organização do evento, o envolvimento e o trabalho dos professores das escolas para realizá-lo foram ressaltados em vários documentos, afirmando que esses esforços seriam recompensados com o sucesso das disputas. No jornal “O Diário”, foi publicada a reportagem MARESTA – Sensação do Esporte Estudantil: “Alunos e professores de ambos os educandários trabalham com afinco na organização da disputa, que está fadada ao mais absoluto sucesso [...] a atração máxima é, sem dúvida, Lucas Machado, do Colégio Marconi, considerado um dos mais completos atletas de Minas.”¹⁷⁰

A expressão desse sucesso é apresentada de maneiras distintas, como no apontamento dos nomes considerados ilustres do meio esportivo, como atletas dos clubes da cidade e membros das federações e confederações esportivas. Foi o caso do atleta do Minas Tênis Clube, Lucas Machado, que estudava no Colégio Marconi¹⁷¹ e do Presidente da Federação Brasileira de Basquetebol, Almirante Paulo Meira, que esteve presente na disputa final do Basquetebol e na festa de encerramento.¹⁷²

No ano seguinte, em junho de 1956, o Colégio Estadual iniciou os preparativos para a MarEsta, realizando jogos amistosos com clubes da cidade.¹⁷³ No artigo do jornal, fez-se menção à competição como “tradicional competição entre o educandário padrão” ; no entanto, só encontramos indícios da realização dessa competição em um ano anterior. Para a preparação dos alunos, o Professor Ademar Castillo e seus alunos jogaram contra dois clubes, o Ginástico e o Esporte. Ficou também a cargo do Colégio Estadual organizar a competição daquele ano, para a competição que ocorreria entre 30 de setembro de 6 de outubro, com a presença de sete modalidades.

As disputas da MARESTA, este ano, ficaram a cargo dos dirigentes esportivos do Colégio Estadual. As comissões escolhidas entre os representantes deste estabelecimento de ensino deveriam ter se reunido este mês, mas posteriormente, em razão das provas parciais, ficou deliberado o

¹⁷⁰ O Diário, 22 de outubro de 1955, p.8.

¹⁷¹ Maresta - Sensação no Esporte Estudantil. O Diário, 22 de outubro de 1955, p.8.

¹⁷² Basquete na MARESTA. O Diário, outubro de 1955, p.10.

¹⁷³ Preparativos para a MARESTA. O Diário, 17 de junho de 1956, p.12.

seu adiamento. Assim, em agosto, as comissões designadas estarão reunidas e em condições, por isso mesmo, de fazer cumprir o *magnífico* programa da competição intercolegial.¹⁷⁴ (Grifos nossos)

Foram notificados nos jornais os treinamentos realizados pelas equipes, os jogos amistosos, os nomes dos professores responsáveis e dos alunos que tinham bom desempenho esportivo. São destacados os professores Irineu de Carvalho, responsável pelo Atletismo, e o Professor Odilon Barbosa pelo Futebol de Salão, e é anunciada a movimentação do treinamento do Basquete, do Xadrez e do Voleibol.

Iniciou-se há dias o treinamento dos atletas do Colégio Estadual que disputarão as sete modalidades de que constará a 2ª Maresta, a realizar-se de 30 de setembro a 6 de outubro. O Prof. Irineu de Carvalho, encarregado do setor de atletismo, vem treinando regularmente suas equipes, e dispendo embora de uma praça de esporte improvisada, tem registrado diversos resultados amadores. Assim por exemplo, no arremesso do dardo, Atila e Augusto já conseguiram as consideráveis distâncias de 72m e 70m, respectivamente, (teme-se que as proporções por ora acanhadas da praça venham a prejudicar os lançamentos muito longos); no arremesso do peso, Mastodonte alcançou ontem a estupenda marca de 17,30 m. No futebol de salão, esta semana, o técnico Odilon Barbosa reuniu seus alunos em animado treino, com vantagem dos titulares por 4x1; Também no voleibol, basquete, xadrez nota-se movimentação que tende a acentuar-se com a aproximação da Maresta.¹⁷⁵

Foi possível perceber nos depoimentos e em outras fontes que a rivalidade entre as duas escolas era grande. Uma reportagem do jornal “O Diário”, além de demonstrar os esforços para o treinamento dos alunos para o xadrez, diz que “os alunos do colégio Estadual esperam dar, no dia 3, uma verdadeira lição envadrística (*sic*) a seus colegas do Marconi”, o que demonstra esse clima de competitividade.¹⁷⁶ A preparação dos alunos do Estadual, foi a realização de um torneio interno, sob a organização do diretor de Xadrez da MarEsta, Julio Weinberg.

A organização do evento expressa uma opinião favorável à competição e rivalidade dentro da quadra, mas deixa claro, em seu argumento, que os estudantes daquelas escolas são educados e não perturbam a ordem nos ginásios. Tal justificativa é utilizada devido a um

¹⁷⁴ MARESTA. O Diário, 26 de junho de 1956, p.10.

¹⁷⁵ Cantinho da MarEsta – Bira. O Diário, 17 de agosto de 1956, p.10.

¹⁷⁶ II MARESTA. O Diário, 30 de setembro de 1956, p.12.

episódio de confusão que ocorreu em um dos jogos de Vôlei e Futebol, sobre o qual a comissão organizadora se expressou excluindo a responsabilidade dos alunos, uma vez que:

[...] reina, aliás, a mais completa harmonia e perfeita educação esportiva. [...] Em todos os jogos, os alunos de ambos os colégios têm demonstrado o maior zelo pela tradição esportiva de seus quadros, caracterizada, por sinal do mais elevado conceito de educação. Como, todavia o interesse pelas competições tem ultrapassado as nossas expectativas, em meio ao grande número de assistentes, ocorre vez ou outra, a perturbação da ordem provocada por alguns elementos exaltados. A fim de que não se repitam fatos dessa natureza, comprometendo o brilho e o ambiente festivo dos jogos programados, esta Comissão tomou junto às autoridades as providências necessárias. Certos de contar com a compreensão do distinto público, esperamos continuar merecendo o apoio com que nos tem distinguido.¹⁷⁷

Com isso, percebemos uma função educativa da organização, uma vez que era responsabilidade dos professores ensinar a competir e a se comportar fora da escola em eventos esportivos. Em seus depoimentos, os ex-alunos evidenciaram a participação de muitos alunos nas “seleções esportivas” do Estadual e uma atuação conjunta em algum clube da cidade – os mais citados foram o Minas Tênis Clube, o Esporte Clube Ginástico e o Olympico. O Minas Tênis, por estar situado nas proximidades da escola, foi considerado por Afonso Cozzi como importante local para a formação “esportiva” de alguns alunos, aqueles que eram seus associados e o frequentavam.

É porque o Minas teve um papel importante para a gente. Quase que o Minas era uma segunda Praça de Esportes. Então, saía um grupo de alunos para lá. Íamos nadar, praticar esportes... Então, o Minas teve um papel na minha vida de formação esportiva, *muito forte!* Agora isso não ia todo o colégio, naturalmente. Ia só quem gostava de esporte. [...] é uma particularidade, o Minas teve *um papel...* o Minas I teve um papel muito importante na nossa vida.(grifos do depoente)¹⁷⁸

Esse depoimento demonstra o envolvimento de alguns alunos com os clubes. Além disso, foi relatado que o fato de jogar com o colega no Estadual, e contra o colega no clube, contribuiu para diminuir um pouco da rivalidade entre os clubes. Nesse duplo movimento, a escola adere ao esporte e aos seus códigos, e também modifica o modo como o esporte é abordado na cidade, os valores escolares adentram os campeonatos. Em algumas fontes,

¹⁷⁷ II MARESTA. O Diário, 07 de outubro de 1956, p.12.

¹⁷⁸ Depoimento de Afonso Cozzi, em 30/05/2012.

percebe-se uma preocupação dos organizadores do evento, membros de uma comunidade escolar, em dizer para o público que aqueles jovens são “educados” para comportar-se esportivamente.¹⁷⁹ Parece que a preocupação com o bom comportamento dos estudantes no esporte era algo que vinha sendo discutido. Em reportagem do jornal “O Diário”, de 20 de julho de 1960, intitulada “Adolescentes devem ser educados para o esporte”, de D. Serafim Fernandes Araújo, foram apresentadas as conclusões sobre o assunto, proferidas na aula inaugural das Jornadas de Educação Física. “Precisamos fazer a Educação Física e o esporte atingirem o maior número possível de jovens [...] as ruas de recreio como incentivo ao esporte em toda cidade, incentivar os jovens dos colégios e incentivar os pequenos clubes, assim como o trabalho de abertura de praças de esportes”.

Nas competições e nos relatos, é notável a influência dessa educação esportiva, o que proporcionou para as competições a afirmação de alguns valores e normas, tais como respeitar o adversário, manter a calma e evitar confusões entre torcidas, etc. Ao relatar sobre sua experiência como atleta de Basquete do Ginástico, Roberto Martins teceu o seguinte comentário sobre a rivalidade dos clubes e a amizade com os colegas do Estadual:

Eu jogava contra o Minas, que era o grande adversário do Ginástico. Em geral, na minha época, a gente sempre perdia para o Minas, mas joguei um milhão de vezes contra [Marquinhos] Procópio, Surudi, [Paulinho] Simões, Zoiudo... Nossa Senhora! Eles eram do Minas, eram muito bons de bola. Então, a gente jogava no Estadual, éramos amigos. Isso também foi engraçado, porque isso dissolveu muito a inimizade que existia entre o Ginástico e o Minas. Porque a gente era amigo no Estadual, mas amigo assim de jogar junto, de brigar junto e tal, e depois você ia jogar contra o cara no ginásio do Minas ou no campo do América, aí como é que você não ia ser inimigo do cara, você não ia dar uma rasteira nele, não ia dar um soco nele? Então, isso daí ajudou a... contribuiu para dissolver a inimizade, eu não vou dizer inimizade, mas a competição entre Ginástico e Minas nos anos 1950 e 1960, início de 1960, era muito forte, todo jogo Ginástico e Minas tinha pancadaria. Esse negócio contribuiu pra diminuir essa [rivalidade]... [...] Essa rivalidade, porque você não pode ser amigo durante a semana inteira e no sábado você vira inimigo, isso não existia.¹⁸⁰

Alguns alunos que participavam de equipes dos clubes das cidades foram evidenciados nas notícias do campeonato:

¹⁷⁹ ARAÚJO, D. Serafim Fernandes. Adolescentes devem ser educados para o esporte. O Diário, 20 de julho de 1960.

¹⁸⁰ Depoimento de Roberto Martins, em 25/04/2012.

Leonardo, o grande às do Basquete; Chico Vitamina o recordista mineiro e grande baluarte de nossa Natação; Dinho, o notável *basket-player* mineiro; Rui Armado, o goleiro juvenil que é a sensação do momento em Futebol de campo e de Salão; são estes alguns dos grandes atletas recordistas mineiros que participaram dos jogos sensacionais da 2ª MarEsta.¹⁸¹

A competição estava tentando se afirmar como algo tradicional, mas ainda não possuía longa duração. A presença de atletas famosos em Belo Horizonte e de autoridades – como o presidente da CBD, Silvio Pacheco, o presidente da CND, Geraldo Starling, o presidente da CBB, Almirante Paulo Meira, entre outros esportivas, escritores e cronistas – nos indica que tais sujeitos incrementavam a competição, conferindo-lhe um bom status, relevância e maior importância.

O MarEsta perdurou até início da década de 1960, com um formato bastante similar durante toda a sua existência, percebida pelas reportagens dos jornais e pelos depoimentos. Os professores de Educação Física dos dois colégios e seus alunos organizavam a competição, estabeleciam os lugares dos jogos e as modalidades esportivas, entre outras coisas. As modalidades presentes em cada ano variavam um pouco, principalmente quanto à permanência do *water-polo* e de algumas provas de Atletismo, quanto à inserção de outros esportes, como o Handebol e o Futebol de Salão. Eram esses os conteúdos, os conhecimentos, que estavam circulando e se difundindo em Belo Horizonte. É possível detectar a intenção dos organizadores, no seguinte trecho da reportagem, do jornal “O Diário” do dia 25 de setembro de 1956:

Com a retirada da prova de polo-aquático, e a inclusão do futebol de campo para substituí-la esperam os alunos do Colégio Estadual, e que são os responsáveis pela organização da “2ª MARESTA”, atrair ainda mais a atenção dos desportivos de Minas, principalmente de Belo Horizonte.¹⁸²

A reportagem acima confirma a hipótese de tentativa de afirmação da competição, selecionando os esportes e os adaptando aos gostos dos alunos e das pessoas que a assistiam. Entretanto, cabe perguntar quem eram os alunos que participavam dessas competições. Era preciso agradar a quem? Os depoimentos se contradizem, os ex-alunos relatam que somente os melhores esportistas do colégio participavam e que nessa época não havia treinamento;

¹⁸¹ Basquetebol na Maresta. O Diário, 04 de outubro de 1956, p.8.

¹⁸² Domingo: início da II "MARESTA". O Diário, 25 de setembro de 1956, p. 12. Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

apenas se reuniam para participar da competição, sendo que todos os alunos podiam se inscrever. Porém, os professores, principalmente Luiz Afonso, ressaltam a existência de treinamentos, que aconteciam em um horário extraturno, sendo que eram os próprios professores que organizavam as equipes, selecionando os destaques em suas aulas de Educação Física para participar da MarEsta.

Jogos da Primavera e Taça Amizade: jogando contra outras escolas de Belo Horizonte

As equipes do Colégio Estadual de Minas Gerais também participaram de outros torneios, em Belo Horizonte e em outras cidades. Na década de 1960, depois de encerrada a MarEsta, outros campeonatos foram surgindo, outras escolas começaram a participar, e, conseqüentemente, aumentou a quantidade de torneios estudantis. O Estadual não participou de todos, muitos, inclusive, eram somente para as escolas particulares e confessionais e outros, para o ensino primário.

Os Jogos da Primavera e a Taça da Amizade são dois desses torneios e perduram por algumas décadas. Ao relatar sobre sua participação, José Guilherme evidencia essa longa duração: “a Taça Amizade durou muitos anos. Eu fui campeão nela muitas vezes, como aluno, no final, já formando quase. E como professor, posteriormente, como professor treinador. Muitas vezes eu fui. E eram realizados todos os anos e [isso] era muito bom.”¹⁸³

Segundo os depoimentos de Luiz Afonso e Wilson Camelier, a Taça da Amizade era disputada pelos colégios oficiais (públicos) – Colégio Militar, Colégio Municipal São Cristóvão, Escola Técnica Federal, Colégio Tiradentes, Marconi e Estadual.¹⁸⁴ Wilson Camelier declarou que o torneio foi realizado nos anos finais da década de 1960 e durante toda a década de 1970, e ainda fez referência ao Colégio Militar como incentivador e organizador desse torneio, por meio do Coronel Facó. Segundo a reportagem do jornal “O Diário”, a segunda edição da Taça Amizade recebeu o nome de “Coronel Facó”, em homenagem ao comandante do Colégio Militar de Belo Horizonte, “o grande idealizador e incentivador” do torneio.¹⁸⁵

¹⁸³ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

¹⁸⁴ Depoimento de Luiz Afonso, em 15/05/2012; e depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012.

¹⁸⁵ Jornal O Diário, 10/10/1969, p.2.

As modalidades esportivas presentes nesses campeonatos não variavam muito; as relatadas pelos ex-professores foram o Vôlei, o Handebol, o Futebol de Salão masculino, o Atletismo e o Basquete. Os Jogos da Primavera parecem ter sido um evento maior e com mais envolvimento da Educação Física e de seus professores. Ao falar da escolha dos conteúdos de sua aula, Mérope Saliba comentou que a ginástica era conteúdo apenas quando possuíam atividades para apresentação, como na “Festa da Primavera”. O mesmo comentário foi feito por José Guilherme Papagaio:

[a ginástica] só organizava quando ia ter que representar, pegava aquelas meninas que já faziam alguma coisa e juntava, por exemplo, lá nos Jogos da Primavera, tinha que fazer não sei o quê, aí elas treinavam um pouquinho com os professores. Mas não era compromisso dos conteúdos da atividade, não.

Pela afirmação dos professores e pela análise dos registros nos diários de classe, podemos dizer que os conteúdos das aulas de Educação Física guardam relação com os esportes escolhidos para um torneio. Em seis diários de classe, encontramos referências ao Torneio/Jogos da primavera. Nos diários da professora Licene França, de 1966 e 1967, o conteúdo dos meses de setembro e outubro está registrado como “torneio da primavera”, e o mesmo acontece nos diários de classe da professora Leonilda Pongeluppe, de 1966 e 1967, da professora Mérope Saliba, de 1967 e do professor Wilson Camelier, de 1967.

A professora Licene França ministrou, do início do ano de 1966 até a data do campeonato, os seguintes conteúdos: Natação, danças regionais e voleibol. Já no ano de 1967, os conteúdos foram: brinquedos cantados, Natação, pequenos jogos, iniciação à Ginástica Feminina Moderna, danças folclóricas e iniciação à Ginástica Sueca. No mês de setembro, o conteúdo foi descrito como Jogos da Primavera e treinamentos. Já no mês de outubro a professora só fez referência aos jogos. Com esses dados, confirmamos a nossa hipótese de que as aulas de Educação Física guardam relação com os torneios da cidade, em alguns meses do ano.

A professora Leonilda Pongeluppe não registrou as matérias lecionadas nos meses de março e abril. A partir de maio, conteúdos como Natação, Vôlei, método sueco, método natural, danças folclóricas, Ginástica Feminina Moderna e Handebol estiveram em seu planejamento. Observa-se que, já em maio, consta um registro da classificação de duas alunas para a Natação. Estamos supondo que essa seleção está ligada à escolha dos alunos destaques

para participar de competições. De acordo com o diário dessa professora, no ano posterior as matérias lecionadas foram: aquisição correta de boa postura, Natação, Vôlei, Ginástica Sueca, exercícios de formação corporal, Ginástica Feminina Moderna, Método Desportivo Generalizado, Atletismo, Handebol, marcha, e dois dias do mês de setembro foram dedicados para “treinos de equipes”; todas as aulas do mês de outubro foram descritas como “treinos das equipes dos jogos da primavera”. A professora Mérope Saliba abordou os seguintes conteúdos: ginástica balanceada, Voleibol, Handebol, Ginástica Feminina Moderna, Natação e Calistenia. Os diários dessas professoras não relatavam se as aulas eram suspensas ou se o horário de aula era destinado aos treinamentos.

Já no diário do professor Wilson Camelier não há registros nos meses de março e abril. Os conteúdos de maio a setembro foram: treinamento de Handebol, Natação, jogos de campeonatos, ginástica, Futebol de Salão, Basquete. No mês de setembro, duas aulas apareceram com as informações “turma dispensada para treinamento” e “turma dispensada por motivo dos treinos da primavera”. E no mês seguinte, “as aulas foram interrompidas no período de outubro por motivo dos jogos da primavera”.¹⁸⁶ Com isso, percebemos que os jogos e torneios escolares tinham relevância como constituintes da Educação Física do Estadual. Em seu depoimento o professor Wilson Camelier conta sobre sua função de treinar as equipes de Ginástica Olímpica, Voleibol, Basquetebol e Atletismo, associando, dessa forma, as aulas de Educação Física aos treinamentos preparatórios para os campeonatos.

As modalidades esportivas que compunham os jogos da primavera não são diferentes dos outros torneios. Basquete, Ginástica de Solo, Futebol de Salão, Handebol, Voleibol, Atletismo. O professor Wilson Camelier ainda comenta da presença do Xadrez, da Natação e do Tênis de mesa¹⁸⁷.

A participação nos Jogos da Primavera não estava restrita às escolas públicas, as escolas particulares também fizeram parte desse evento, que, segundo os depoimentos, envolvia um número elevado de escolas participantes, e até mesmo do interior do estado. “Esses jogos envolviam muitas escolas, cento e tantas”.¹⁸⁸ Sobre a organização, não foram encontradas referências quanto à participação das escolas. Entretanto, nos depoimentos de José Guilherme Papagaio e de Wilson Camelier, os jornais “Diário da Tarde”, “Diário de Minas” e “Estado de Minas”, em conjunto com a Diretoria de Esportes de Minas Gerais,

¹⁸⁶ Diário de classe do professor Wilson Camelier, 1967, 2ª série Ginásial, turno da tarde.

¹⁸⁷ Depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012.

¹⁸⁸ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

divulgaram o evento, o que demonstra uma iniciativa de vários órgãos para a realização de jogos secundaristas.



Figura 13: Desfile de abertura dos Jogos da Primavera.

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos. (Data sugerida – Início da década de 1970)

Sobre a Taça da Amizade, uma reportagem de outubro de 1968, do jornal “O Diário”, assim descreveu seus propósitos:

Objetivando ‘desenvolver o esporte no meio estudantil de Belo Horizonte, de forma a sanar, futuramente, a lacuna existente neste setor, particularmente no atletismo, que no Brasil apresenta um quadro entristecedor, haja visto a atual representação aos Jogos Olímpicos, a serem realizados brevemente no

México’, foi criada a Taça Amizade, por um grupo de homens ligados ao esporte colegial.¹⁸⁹

Além do Atletismo, as modalidades Voleibol, Basquete, Natação, Futebol de campo e Futebol de Salão também estiveram presentes nessa competição. Participaram as escolas: Estadual, Colégio Anchieta, Colégio Municipal, IMACO, Colégio Tiradentes e Colégio Militar. O evento foi promovido pelo “Ministério do Exército, através do Colégio Militar de Belo Horizonte”.¹⁹⁰ Nesta reportagem, foi dito que o desenvolvimento do esporte brasileiro só poderia

ser melhorado através da juventude, desde os primeiros anos do ginásio, e se possível grupo, para que se tome *gôsto* pelos esportes menos difundidos no Brasil, onde a absorção do futebol é tremenda, deixando pouco espaço para as outras práticas, igualmente recomendáveis para a saúde e vigor físico.

O otimismo entre os idealistas desta promoção é enorme e, tomando como base a participação destes seis colégios neste ano, esperam contar com, pelo menos 15 para a próxima temporada.¹⁹¹

Podemos ver que a Taça da Amizade estava de acordo com a legislação, uma vez que um dos objetivos da Educação Física na escola era desenvolver o gosto esportivo. Além disso, destacamos outro objetivo que era o de desenvolver o esporte entre os jovens para aprimorar o desempenho do Brasil em competições internacionais. Dessa maneira, a Educação Física é tratada como um meio para o desenvolvimento esportivo de rendimento, onde o objetivo é o aperfeiçoamento técnico e a aptidão física.

A segunda edição foi realizada em 1969, nas modalidades, Vôlei, Natação, Atletismo (100 metros rasos, 3000 metros rasos, 1.000 metros rasos, salto extensão, salto altura, arremesso de peso, revezamento 4x300, revezamento 4x100), Futebol de salão e Basquete, apenas para os rapazes.¹⁹²

O que essas reportagens afirmam guarda relação com o projeto esportivo que foi estabelecido durante a ditadura militar, no qual o esporte foi tido como um dos vetores do possível reconhecimento do Brasil no cenário mundial. A partir do *Diagnóstico de Educação*

¹⁸⁹ Jornal O Diário, 04/10/1968, 2º caderno, p.2.

¹⁹⁰ Jornal O Diário, 05/10/1968, p.2; Jornal O Diário, 2º caderno, p.2. O Colégio Estadual se consagrou campeão geral.

¹⁹¹ Jornal O Diário, 05/10/1968, p.2.

¹⁹² Jornal O Diário, 10/10/1969, p.2; Jornal O Diário, 26/10/1969, p.6.

Física e Desportos no Brasil, de 1971, o país adotou o modelo da pirâmide esportiva, e nela o esporte escolar deveria constituir-se como um ““celeiro de atletas”, como queria o ideário militar”. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2009, p.395) Uma das ênfases da campanha foi a busca do talento esportivo.

O entendimento era simples: permitindo que a massa dos estudantes participassem de atividades esportivas de caráter competitivo, tais como jogos internos, torneios, jogos interescolares etc., seria possível mapear aqueles alunos com potencial para serem atletas nas mais diferentes atividades esportivas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2009, p.394).

Outros Torneios: interAnexos, jogos ginásiais colegiais, torneios de despedida, torneio de Futebol de Salão, torneio de Voleibol Estadual x seleções, Atletismo (corrida)...

Ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970 as equipes do Colégio Estadual participaram também de outros torneios – algumas iniciativas isoladas, outros sob a organização da própria escola. No acervo iconográfico¹⁹³, o número de fotografias de eventos esportivos foi o que se destacou; a maioria das fotos era das equipes esportivas, dos jogos entre as turmas. e do torneio de despedida. Todavia, apenas algumas possuem indicação de data e uma pequena legenda.

José Guilherme Papagaio relatou que desde o final da década de 1960 foi comum a realização do torneio de despedida entre as turmas das 3ª séries Colegiais – Científico e Clássico. Esse torneio foi organizado pelos alunos, com o apoio dos professores, e tinha como característica a homenagem a um professor do Ensino Colegial.¹⁹⁴ Na Praça de Esportes da escola, nos dias atuais, há várias placas de homenagem aos professores (décadas de 1960 e 1970) e registros desses torneios. Além disso, nas fotografias, fica evidente a presença de um professor de outra disciplina realizando o “pontapé” inicial de alguns jogos. Em seu depoimento, Luiz Afonso, ao falar sobre o torneio de despedida, diz que o convite a outro professor ou outra pessoa¹⁹⁵ para iniciar o campeonato e as homenagens eram uma maneira de

¹⁹³ Acervo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

¹⁹⁴ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

¹⁹⁵ Refere-se aos outros professores como “pessoal lá de cima”, devido à distância e localização da Praça de Esportes do colégio.

valorizar o torneio. Nesse caso, o torneio foi utilizado como forma de confraternização e comemoração dos alunos que estavam deixando a escola.¹⁹⁶

O Torneio InterAnexos tinha outra perspectiva, pretendia-se uma interação entre os Anexos do Colégio Estadual, por meio dos esportes. Esse torneio foi realizado no Colégio Estadual – Departamento Central, com a participação dos Anexos da Serra, Gameleira, Lagoinha, Sagrada Família, Santo Antônio e Coração de Jesus. Os professores Arminto Machado e Wilson Camelier comentaram sobre a participação dos Anexos da Serra e da Lagoinha, locais onde atuaram também, além do Departamento Central. Wilson Camelier disse que foram os próprios professores que organizaram o campeonato.

Nós inventamos o Torneio InterAnexos, aí teve um torneio no Estadual Central, Anexo Gameleira, Serra, Lagoinha, e tal... [...] Foi uma ideia que tivemos, porque eram vários anexos. Não, não tinha muitos não! Tinha Gameleira, famoso lá do Atayde, Sagrada, Serra, já tinha ali no... O Lagoinha, onde eu dava aula. Tinha os seis a sete Anexos só.¹⁹⁷

Em seu depoimento, o Professor Arminto Machado relata que os professores dos Anexos eram responsáveis por treinar “todos os esportes”, femininos e masculinos, e levar as suas equipes para participar no Estadual Central. Entretanto, a competição era mais disputada entre os homens, com certa vantagem do Departamento Central. Para Arminto Machado, essa superioridade estava relacionada aos materiais e locais para a prática da Educação Física que cada escola disponibilizava: “e a turma do Central ganhava tudo, porque eles tinham o material todo, tudo em mãos”¹⁹⁸. Vale ressaltar que o professor afirma ter mudado o modo de ministrar suas aulas no Anexo da Serra, para tornar seus alunos mais competitivos ao jogar contra o Departamento Central.

Ainda segundo Arminto Machado, o Central tinha velocidade ao jogar, fazia gol rapidamente e impedia que o outro time conseguisse marcar um gol. O professor descreveu como organizava suas aulas de Futebol de Salão: em um primeiro momento, com partes técnicas de fundamentos, e depois, com jogos rápidos entre os alunos da turma, com duração

¹⁹⁶ Em uma fotografia do Acervo da Escola Milton Campos, com data de 1968, os alunos estão inaugurando a placa “Torneio de Despedida do Reitor Mario de Oliveira”; observa-se que alguns campeonatos eram homenagens a alguns sujeitos da Escola.

¹⁹⁷ Depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012

¹⁹⁸ Depoimento de Arminto Machado, em 13/08/2012.

de dois minutos de jogo, ou um gol. Observa-se que a participação dos alunos e professores em outras competições alteram os objetivos das aulas e a forma como cada um as organiza.

Os ex-alunos Afonso Cozzi, Roberto Martins, Humberto Werneck e José Guilherme destacaram como viagem esportiva um intercâmbio realizado várias vezes entre os alunos/atletas do Estadual de Minas Gerais e os de colégios de Ensino Secundário de Brasília. Segundo José Guilherme, esse intercâmbio era denominado “Gimpesta”, uma parceria entre os professores das instituições. O Professor Pedro Janot havia sido professor do Colégio Estadual de Minas Gerais e se mudou para Brasília, deixando a sua vaga para o Professor Luiz Afonso. Provavelmente, sua proximidade com os professores do Colégio Estadual de Minas Gerais colaborou para que essa excursão esportiva acontecesse.

Segundo Roberto Martins, participavam as equipes de Basquete, Natação, Handebol, Voleibol e Futebol de Salão. Essa competição tinha como característica os alunos se hospedarem, cada um, na casa de um aluno da outra escola. Os alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais também recebiam os alunos de Brasília em suas casas para participar dos jogos.

Na reportagem do jornal “O Diário”, de 28 de outubro de 1964, foi anunciada a excursão para Brasília, organizada pelo Diretório Estudantil do Estadual – “uma viagem de caráter esportivo”.

Os alunos do Colégio Estadual, num total de 50 rapazes e 15 moças, enfrentarão, em diversas modalidades esportivas de esporte, os colégios Plano Piloto e Elefante Branco de Brasília. Acompanharam os estudantes os professores do Colégio Estadual, entre os quais, Odilon Barbosa, Lincoln Raso, Alcides Rocha e Pedro Janot Pacheco, que servirá de médico da delegação.¹⁹⁹

O Colégio Estadual participou de outros jogos, torneios isolados e eventos esportivos pela cidade. Em seus depoimentos, os ex-alunos comentaram sobre viagens a Ubá e a Viçosa para realização de amistosos. Além dessas viagens, outras competições foram realizadas na Capital. Em 1956, nos campeonatos Ginasiais, o Colégio Estadual participou apenas do Futebol de Salão e foi o 1º colocado. O evento possuía disputas de Atletismo, Natação, Voleibol e Basquete. Segundo uma reportagem do Jornal “O Diário”, essa competição cumpria a determinação da Divisão de Educação Física do MEC, e era destinada apenas às equipes de estabelecimentos de Ensino Secundário.

¹⁹⁹ Jornal O Diário, 28/10/1964, p.10.

O prêmio do campeonato consistia em diplomas concedidos ao estabelecimento de ensino e aos professores e médicos responsáveis. Foi enfatizado que as equipes deveriam usar uniforme próprio. A competição possuiu disputas de Atletismo, Natação, Voleibol e Basquete e cumpriu determinação da Divisão de Educação Física do MEC. Tal competição foi realizada pela Escola de Educação Física de Minas Gerais e pela Liga de Estudantes Secundários, no ginásio do Minas Tênis Clube.²⁰⁰

No ano seguinte, em janeiro de 1957, foram realizados os Jogos de Verão, uma olimpíada exclusivamente feminina. Era destinada aos clubes, mas o Colégio Estadual participou. Entre as modalidades disputadas, estavam: Atletismo, Arco e flecha, Basquetebol, Natação, Hipismo, Voleibol, Tiro ao alvo, Tênis de mesa, Ciclismo, Esgrima, Ginástica e Tênis. Participaram as equipes dos clubes recreativos e da Associação Esportiva de Estudantes. Foi organizada pela Rádio Itatiaia e teve patrocínio do Governo de Minas Gerais (Diretoria de Esportes de M.G.) e da Prefeitura de Belo Horizonte.²⁰¹

Em abril de 1958, aconteceu o 1º Festival de Futebol Juvenil, com participação dos colégios e ginásios da Capital; entre eles, estavam: Colégio Estadual de Minas Gerais, Colégio Marconi, Colégio Santo Antônio, Colégio Santo Agostinho, Colégio Afonso Arinos, Colégio Anchieta, Colégio Batista, Colégio Municipal, Colégio Afonso Celso, Colégio Afonso Arinos, Colégio Arnaldo, Colégio Loyola, Instituto Padre Machado, Escola Estadual Lúcio Santos, Colégio São Miguel Arcanjo, Colégio Arquidiocesano, Colégio Tiradentes, Escola Estadual Tristão Athayde, Escola Técnica Inconfidência, Escola João Pinheiro, Escola Técnica Belo Horizonte, SENAC e SENAI.

Não temos informação sobre os responsáveis pela organização do campeonato e sobre os locais que foram utilizados.²⁰² No jornal “O Diário”, de setembro daquele mesmo ano, há notícias do “Torneio Feminino entre Estudantes”, organizado pela União Municipal dos Estudantes Secundários de Belo Horizonte, com jogos nas quadras do Clube Olympico e do Minas Tênis Clube. Esse evento foi identificado como uma homenagem à Associação Mineira de Cronistas Esportivos. Participaram as equipes dos colégios: Estadual de Minas Gerais,

²⁰⁰ Campeonatos Ginasiais. O Diário, 02/09/1956, p.12.

²⁰¹ Jogos de Verão, boletim n.1. Jornal O Diário, 29/11/1956, p.12 -13.

²⁰² Jornal O Diário, 18/04/1958, p.2.

Isabela Hendrix, Tristão de Athayde, Afonso Celso, Sagrado Coração, Tupis, entre outros. Foi destacado que o Estadual se consagrou campeão.²⁰³

Ainda em setembro de 1958, realizou-se um jogo entre a equipe de Vôlei do Colégio Estadual e a seleção das melhores do Torneio de Voleibol. As meninas da seleção do Estadual ganharam o troféu denominado A.M.C.E. A reportagem de “O Diário” enfatizou a qualidade técnica das jogadoras e a possibilidade de descobrir novos talentos esportivos, como foi descrito no trecho a seguir: “Não há [como] negar a importância deste embate, que colocará em evidência as melhores volistas (sic) dos educandários da capital. Várias estrelas surgem para nossos principais clubes, marcando a iniciativa da União Colegial, um ponto valioso para o vôlei montanhês.”²⁰⁴

No mês seguinte, outubro de 1958, realizou-se outro torneio de Voleibol entre clubes e escolas, denominado Torneio de Voleibol Feminino "Associação Mineira de Imprensa". Segundo uma reportagem do jornal “O Diário”, esse torneio comemorou o Descobrimento da América e o Dia da Criança. Foi supervisionado pela União Municipal dos Estudantes Secundários de Belo Horizonte, e pela sua secretaria de esportes. Na abertura, foi feita uma exibição das alunas do curso de Demonstração de Ginástica Acrobática do D.I.. O torneio contou com a participação dos árbitros da Federação Mineira de Voleibol, e vale ressaltar que as equipes participantes variaram pouco de um torneio para outro.²⁰⁵

Não encontramos notícias de eventos esportivos no ano de 1959. Sobre o ano seguinte, 1960, encontramos notícias a respeito de um torneio de Futebol de Salão nos colégios e sobre as olimpíadas colegiais. Ambos foram destinados à participação dos colégios de Belo Horizonte. O primeiro foi promovido pela Federação Mineira de Futebol de Salão (FMFS) e teve apoio do jornal “O Diário”.²⁰⁶ O outro também contou com o apoio do mesmo jornal e a organização da União Estudantil Colegial (UEC). Apesar de essas competições serem destinadas a todas as escolas de Ensino Secundário, não encontramos muitas notícias sobre a participação do Estadual; apenas referências aos jogos de Futebol de Salão do Colégio Estadual foram apresentadas pelo jornal.

²⁰³ Jornal O Diário, 17/09/1958, p.2.

²⁰⁴ Colégio Estadual x Seleção das melhores do Torneio de Voleibol. O Diário, 30/09/1958, p.2. Colégio Estadual x Seleção das melhores do Torneio de Voleibol.

²⁰⁵ Outro Torneio de Vôlei Feminino: atletas juvenis em atividade. O Diário, p.8.

²⁰⁶ Futebol de salão nos colégios. O Diário, 20/08/1960, p.2.

Encontramos notícias dos Primeiros Jogos Ginásio-Colegiais, em outubro de 1963. Como o próprio nome sugere, o evento era destinado aos ginásios e colégios da Capital e possuía jogos, apenas masculinos, nas seguintes modalidades: Futebol de Salão, Basquete e Voleibol. Os Colégios Estadual e Aplicação decidiram o primeiro lugar de Voleibol masculino, com partida realizada no ginásio do Minas Tênis Clube. Os Colégios Municipal e Militar disputaram o primeiro lugar do Futebol de Salão. Já no Basquete a decisão ficou entre os colégios Militar e Santo Agostinho. Foi evidenciado pela reportagem o pertencimento de estudantes “ligados aos melhores clubes da capital e de boas condições táticas e técnicas”.²⁰⁷

Assim, foi reafirmada a questão do pertencimento de atletas dos clubes representando as equipes esportivas das suas escolas. Em 1964, esse mesmo campeonato foi realizado novamente. No arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos, especificamente na sala de troféus, encontramos o diploma de participação dos jogos, emitido pela Divisão de Educação Física.²⁰⁸

Em 1965, realizou-se a “Corrida do Arsenal”, um evento para colegiais, com um percurso de 2.500 metros, iniciativa do clube Arsenal e da Federação de Atletismo. Para o campeão, foi entregue o Troféu Silvio Raso. O evento consistia em uma corrida de revezamento, sendo cada equipe composta de cinco atletas. As seis escolas inscritas foram: Estadual, Santo Agostinho, Anchieta, Frei Orlando, Imaco e Dom Silvério. A Corrida contou com a participação de 30 estudantes.²⁰⁹

Temos indícios de que em setembro de 1967 foi realizado o 1º Campeonato oficial da F.M.V. Sobre esse campeonato, foi encontrado um Diploma de Campeão concedido ao Colégio Estadual de Minas Gerais, equipe masculina. O Diploma foi expedido pela Divisão de Educação Física e possui a assinatura do Professor Lincoln Raso, no campo de inspetor, e do diretor do D.E.F..²¹⁰ Além de jogos e torneios, destacamos a participação do Estadual no 1º Festival de Ginástica de Belo Horizonte, que ocorreu em novembro de 1968, no ginásio do Minas Tênis, sob a coordenação do Professor Eduardo Araya, da ACM. Participaram clubes e colégios: ACM, EEF-MG, Universidade Federal de Minas Gerais, Colégio Estadual, Colégio Anchieta, Colégio Municipal, SESI, D.I., e outros da Capital, assim como representantes de

²⁰⁷ Jornal O Diário, 10/10/1963, p.2.

²⁰⁸ Diploma concedido pela F.M.V, assinado pelo presidente da Diretoria de Esportes, presidente da F.M.V. e pelo secretário dessa instituição. O Diário, 30/08/1967, p.11. Arquivo Escola Estadual Governador Milton Campos.

²⁰⁹ Arsenal vai promover corrida de Estudante. O Diário, 16/10/1965, p.2.

²¹⁰ Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos.

Formiga, Poços de Caldas e Lavras.²¹¹ A reportagem do jornal “O Diário” destaca o empenho dos professores de Educação Física de Belo Horizonte e de Minas Gerais para a realização do evento. Foram destacados como organizadores do festival os professores Élcio Paulinelli, Marluce Guimarães Gomes, Eliel Martins, Capitão Ivan, Edite e Helena Saturnino. O festival contou com séries masculinas, femininas e mistas, na Ginástica de solo e de aparelhos.²¹² O Estadual participou com apresentações de solo masculino.²¹³

Não acreditamos que as participações das equipes do Estadual se esgotaram nessas que foram apresentadas; esses foram apenas alguns eventos que encontramos na pesquisa realizada no jornal “O Diário”. Acreditamos que a participação do Estadual e a quantidade de campeonatos que foram realizados sejam mais amplas.

Ainda assim, vale destacar que foram muitos os campeonatos e que eles estavam presentes no cotidiano do Estadual, com outras escolas e com alguns clubes. Em algumas reportagens, ficou evidente a relação de proximidade entre as escolas e os clubes, sendo o campeonato escolar o lugar para serem encontrados os destaques para completar os clubes da cidade. Isso ficou claro na seguinte frase: “Várias estrelas surgem para nossos principais clubes”. Essa pode ser considerada uma representação dos campeonatos colegiais, com a intenção de dar aos estudantes a oportunidade de jogar e, talvez, se destacar. O professor Wilson Camelier relatou que a Educação Física selecionava os atletas para jogar nas equipes da escola, e também indicava atletas para os clubes, já que nas aulas não era possível fazer um treinamento especializado.²¹⁴

A participação em campeonatos e jogos foi evidente nos depoimentos dos professores. Mérope Saliba comentou que os professores levavam as alunas e os alunos para torneios de Basquete e outros esportes. Jogavam com os clubes (Olympico e Minas Tênis Clube) e com as escolas. Entretanto, ao dizer da relação com os clubes, a professora afirma ter sido o Estadual que participava, e não as outras escolas particulares.²¹⁵ Em seu depoimento, Luiz Afonso, justifica a presença do Colégio Estadual em vários torneios e jogos, devido à qualidade das equipes da escola: “[...] porque o Colégio Estadual era muito forte em Futebol

²¹¹ Jornal O Diário, 03/11/1968, caderno 2, p.2.

²¹² Jornal O Diário, 07/11/1968, p.2.

²¹³ Jornal O Diário, 08/11/1968, p.2.

²¹⁴ Depoimento de Wilson Camelier, em 01/06/2012.

²¹⁵ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

de Salão, Voleibol, Basquetebol, porque era um pessoal... muito de gente de clube que estudava lá, então o Colégio sempre apareceu bem”.²¹⁶

Com o comentário do professor Luiz Afonso, atentamo-nos para a força do colégio, pela participação e envolvimento de seus alunos no esporte, na organização política, literária e cultural, de maneira geral (cinema, grupos de estudo, etc). Teixeira (2011) destacou o engajamento político e cultural dos alunos como algo que marca e identifica esses sujeitos. Assim, percebemos que o jovem do Estadual se socializava de maneiras diferentes.

A professora Mérope Saliba e o professor José Guilherme enfatizam a qualidade técnica das equipes do Colégio Estadual e o fato de a escola ter revelado muitos atletas. José Guilherme afirmou: “o Estadual era ponta de lança, em relação às atividades esportivas, coordenadas pelo departamento de Educação Física, em Belo Horizonte e no estado. Era ponta de lança mesmo”.²¹⁷ E Mérope Saliba, em depoimento, destaca: “[...] saíram muitos grandes esportistas de lá. O Tostão mesmo era aluno meu, nosso. Eu dava a parte feminina, que era separada. [...] mas o Tostão era daquele tempo do Futebol de Salão lá”²¹⁸.

Podemos pensar a Educação Física do Estadual como mediadora da relação dos alunos com a instituição esportiva e, especificamente com o esporte amador. Para muitos alunos, o envolvimento com o esporte amador já acontecia nos clubes que frequentavam, e onde atuavam. Para outros, essa experiência foi vivenciada nos jogos e campeonatos em que representavam o colégio. Além disso, percebemos que o esporte e as competições já aconteciam no Estadual, mesmo antes das campanhas da ditadura militar, de intensificação e ampliação do acesso aos esportes.

Outra questão que parece fundamental é pensar o Colégio Estadual de Minas Gerais como lugar de circulação e grande presença de práticas esportivas. Quais circunstâncias permitiram essa caracterização? Acreditamos que os sujeitos que estavam presentes no Estadual tiveram responsabilidade quanto à identificação de um “lugar esportivo”. Os professores Lincoln Raso e Odilon Barbosa circularam por vários campos de atuação, escolas secundaristas, clubes, e na E.E.F.- MG. Ivany Bonfim, em seu depoimento, menciona esses sujeitos como referências esportivas para os professores recém-graduados.

²¹⁶ Depoimento de Luiz Afonso Teixeira, em 15/05/2012.

²¹⁷ Depoimento de José Guilherme Papagaio, em 31/08/2012.

²¹⁸ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

O Colégio Estadual parece ter sido o lugar que acolheu as novas experiências esportivas e os seus professores buscavam por mais conhecimento. Vale destacar novamente a presença do sueco Erland Gustafson na Praça de Esportes do colégio, ensinando alunos e professores uma “nova” modalidade esportiva, o handebol (ARANTES, 2010). Como afirmou Mérope Saliba: “foi quando um professor, um sueco, Gustafson, trouxe o Handebol; a gente não conhecia. Eu, quando estudei na Escola de Educação Física, não tinha essa matéria. Não tinha o Handebol. E ele que trouxe [...] nós e os alunos estávamos apreendendo”.²¹⁹

Tudo indica que a Praça de Esportes do Colégio Estadual também foi responsável pela circulação dos sujeitos e de conhecimentos. Esse era o local onde ocorriam as aulas de Educação Física, onde ocorriam as “peladas”, onde os jovens se encontravam, onde eram realizados os treinamentos das equipes do Estadual. Essa multiplicidade de usos pode ter permitido que outros sujeitos e seleções de clubes fossem acolhidos, já que era um lugar adequado pra a realização das práticas esportivas (ARANTES, 2010). Nesse sentido, podemos pensar a Praça de Esportes como um lugar entre dois mundos: um escolar, destinado às aulas de Educação Física, e outro não escolar, que se mistura com as práticas sociais e esportivas da cidade, como nos momentos de treinamento, de acolhida de alunos e professores externos à escola. Dessa forma, a Praça foi apropriada pelos sujeitos, que atribuíram a ela significados e referências. As várias possibilidades de uso – aula, treinamento e lazer – possibilitaram a sua caracterização.

²¹⁹ Depoimento de Mérope Saliba, em 31/08/2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo faz parte da minha formação como pesquisadora da História da Educação e da História da Educação Física. Fazer um Mestrado nesta área não era algo que passava pelos meus planos durante a graduação; muitas vezes, estava mais envolvida com a prática docente na Educação Física escolar, ou participando de projetos esportivos e treinamento especializado, no caso, em relação ao Handebol. Mas os estudos nessas áreas não me interessavam, até que decidi buscar informações sobre a história do Handebol em Belo Horizonte e em Minas Gerais. Me encantei! Comecei a descobrir uma nova área de pesquisa.

Para este trabalho, a inserção no CEMEF e no grupo de pesquisa da história oral foram fundamentais para que eu pudesse traçar os meus rumos acadêmicos: desenhar o projeto do trabalho de conclusão de curso, concluir a pesquisa, me inserir como bolsista de Iniciação Científica do projeto História Oral e, enfim, escrever um projeto de Mestrado. Vale ressaltar que a escolha do objeto desta dissertação guarda relação com as pesquisas sobre a história do Futebol de Salão e do Handebol realizadas anteriormente. Com o Mestrado, foi possível a aproximação com o campo da História da Educação e da História da Educação Física & Esporte.

O encontro com o Colégio Estadual de Minas Gerais se deu por uma inquietação surgida a partir da percepção de que algumas práticas esportivas que aconteciam entre as décadas de 1950 e 1980 passavam por aquela escola. Nas entrevistas do projeto História Oral, o Estadual foi muito citado como o espaço onde os esportes aconteciam e o lugar que permitia que eles estivessem ali presentes. Além disso, os professores de Educação Física da escola foram citados como responsáveis pelo – e, até mesmo, precursores do – movimento de divulgação e difusão esportiva. Dessa maneira, me instigou saber por que e como era a Educação Física daquele colégio, quais eram os fatores que possibilitaram a circulação dos esportes, dos professores e dos outros sujeitos, entre outras questões que se desdobraram.

A relação com novos arquivos e com outros entrevistados foi motivante para a continuação dos estudos. Interessei-me pela pesquisa com fontes orais nos projetos dos quais havia participado anteriormente, pois a relação com os sujeitos é emocionante e nos toca. Ressalto que procurei manter distância, e não “embalar” na história que cada um contou como sendo verdade absoluta. Já no arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos, na Hemeroteca Estadual de Minas Gerais e no CEMEF-UFMG, a relação com os documentos foi

outra: era empolgante encontrarmos algo que foi dito ou citado por outras fontes, e, ao mesmo tempo, desgastante e decepcionante passarmos horas procurando, rastreando e nada acharmos.

O encontro com os sujeitos do Estadual é algo que destaco como inovador nesta pesquisa. Alguns foram indicados pelos ex-colegas de sala, ou pelos professores, outros já haviam participado da pesquisa de Aleluia Teixeira (2011), ou sido identificados no *corpus documental* do Arquivo da Escola. Entretanto, muitas fotografias, alguns sujeitos e alguns “causos” foram encontrados no sítio eletrônico dos ex-alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais. O contato inicial e o envio de algumas fotografias, muitas vezes, foram feitos por meio de endereços eletrônicos. Destaco que muitos daqueles jovens das décadas de 1950, 1960 e 1970 estão hoje conectados, o que facilitou a troca de informações. A pesquisa histórica com uma temporalidade recente, segunda metade do século XX, possibilita a utilização de mais esse recurso, o que se constitui como uma renovação das fontes para a história.

Fizemos alguns apontamentos sobre possibilidades de desdobramentos dessa pesquisa. Podemos dizer que entre o ano 1956 – quando houve a mudança da sede da escola – e o ano 1964 – quando foram construídas as Escolas Anexas –, a disciplina estava em seu processo de constituição. Muitas vezes foi difícil identificar o que era e o que não era Educação Física; a presença/ausência, e a falta de uma estrutura “formal”, da disciplina foi percebida nas fontes. A disciplina não tinha horários definidos para as aulas; havia poucos professores na escola; as aulas eram aos sábados; esses, entre outros, foram indícios de uma presença/ausência da Educação Física no Estadual.

Foi relatado que naquele período as aulas eram focadas no conteúdo “esporte” e que a ginástica e as brincadeiras estavam pouco presentes. Outras práticas da Educação Física, como a aplicação de exames médicos biométricos, a realização de torneios internos e externos, e a participação em desfiles do dia 7 de setembro já estavam presentes nas rotinas e atribuições da disciplina desde aquele período. Ficou evidente a participação do Colégio Estadual em campeonatos, desde 1956; os entrevistados destacaram a participação na MarEsta, competição entre o Colégio Estadual e o Colégio Marconi.

Esses elementos da presença da Educação Física, dos professores, do funcionário Alcides Rocha, dos espaços, dos conteúdos confirmam nossa hipótese de constituição da disciplina. Não foi o caso de narrar a ausência da disciplina, mas as maneiras com que ela se fez presente, o que foi caracterizando o seu modo de ser. Assim, podemos dizer que a

disciplina se faz nessa relação entre presença e ausência, na luta e na ocupação de espaço dentro das rotinas escolares. É o que estamos denominando de constituição dessa disciplina escolar.

Já na fase posterior, de 1964 a 1973, observamos que o desenho da disciplina estava mais próximo das prescrições e das expectativas do que seja uma disciplina escolar: com tempos e espaços definidos, com vários conteúdos, com planejamento e organização do ensino, e com uma equipe docente graduada. A Educação Física era coordenada pelos professores mais antigos, que direcionavam o planejamento das aulas e a distribuição dos conteúdos ao longo do ano.

As equipes esportivas do Colégio Estadual continuaram sua participação em campeonatos, porém a quantidade de competições foi se ampliando. Houve participação em campeonatos de clubes, das Federações; intercâmbios esportivos com outras escolas; jogos escolares, como os Jogos da Primavera e a Taça da Amizade. Com a análise dos diários de classes e das fotografias do acervo pessoal de Maria Auxiliadora Rocha, percebemos que a Educação Física se ampliou: além do aumento da quantidade de professores na escola, outros conteúdos passaram a ser trabalhados nas aulas e o número de alunos aumentou.

Ao longo de todo o período estudado, encontramos uma disciplina esportivizada, que se constituiu com grande presença dos esportes perpassando as aulas e os campeonatos. Ser uma Educação Física esportiva não significou, nesse contexto, uma preocupação limitada ao paradigma da aptidão física, ao rendimento esportivo, ao desempenho dos atletas e das equipes. As várias modalidades esportivas, os treinamentos e os jogos foram tidos como conteúdos das aulas.

As ênfases no desempenho das equipes, que se tornam mais recorrentes nos anos de 1970, podem guardar relação com as políticas implementadas pelo DED. Todavia, essa hipótese precisa ser pesquisada e aprofundada nas fontes, sendo essa uma possível ampliação desta pesquisa. Vale ressaltar que, apesar de parte da temporalidade deste estudo coincidir com o regime político da ditadura militar, as fontes consultadas não nos possibilitaram constatar uma imposição da política nacional de Educação Física e Esportes sobre as práticas realizadas no Colégio Estadual e nas Escolas Anexas.

Chamou-nos a atenção nas informações obtidas nas fontes o caráter socializador do esporte e a sua relação com a educação dos jovens. A prática esportiva era valorizada como uma forma de socialização, pois era o momento em que os alunos saíam da escola e se

relacionavam entre eles e com os outros estudantes, com os atletas de clubes, com a torcida, com outros espaços da cidade. Os alunos relataram que a relação dos estudantes do Estadual que jogavam juntos no colégio e em clubes diferentes fora da escola modificou a rivalidade entre os clubes da cidade. Tratava-se de uma forma de educação, pois foi enfatizado pelas reportagens e nas falas dos ex-professores que os alunos eram educados para se “comportar esportivamente”, o que para eles significava ter respeito pelo adversário e pela torcida, não brigar, entre outras coisas.

Por certo, as fontes acessadas influenciaram esta leitura. Por esse motivo, como desdobramento, podemos pensar em uma ampliação das fontes orais relativas aos dois períodos. Estender a pesquisa para a segunda metade da década de 1970 nos permitiria analisar a ênfase dada pela ditadura militar ao esporte e suas relações com a Educação Física do Colégio Estadual.

Similares a este estudo, outros trabalhos têm sido desenvolvidos sobre a Educação Física no Ensino Secundário, em diferentes regiões do país, o que aponta a possibilidade de realização de estudos comparados, pois os avanços abrem perspectivas para a descoberta de conexões. Refiro-me aqui aos trabalhos de Sérgio Roberto Chaves Junior, “A Educação Física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951)”, e Paulo Henrique Azuaga Braga, “A disciplina Educação Física no Maria Constança: expressões da cultura escolar no período de 1954-1964”. O diálogo desses trabalhos colabora para a ampliação do nosso olhar sobre a história da disciplina Educação Física no Brasil.

Podemos afirmar que a Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais foi se constituindo esportivizada e guarda relação com o momento de expansão de modalidades esportivas em Belo Horizonte. Esta foi a história possível de se contar a partir das fontes mobilizadas.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Milton Cleber Pereira. Legislação Educacional no Brasil (1949-1961). Anais da ANPUH – XXXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

ALMEIDA CAMPOS, Marcos A. Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977). Dissertação (Mestrado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2007.

ARANTES, G.A. A História do Handebol em Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

ARANTES, Gabriela V., PINTO, Joécio F. Memórias de práticas de Futebol de Salão em Belo Horizonte entre 1950 e 1970. In: VILHENA, Kellen N., LIMA, Cássia D. M. D. Memórias de Esportes e Ruas de Recreio: Belo Horizonte, 1940 – 1980. Belo Horizonte: Ed. UFMG. No prelo.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.v.5

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura Escolar na Belle Èpoque: Jean Omer Marchand e Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Montreal e São Paulo, 1894-1926). In: Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas escolares: História e Pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Tabora de e RANZI, Serlei Maria Fischer (orgs) História das disciplinas escolares no Brasil. Bragança Paulista: EdUSF, 2003.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOTO, Carlota. A racionalidade escolar como processo civilizador: moral que captura almas. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim. Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais: Portugal e Brasil, histórias comparadas . São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2011. 468 p.

BRAGA, Paulo Henrique Azuaga. A disciplina Educação Física no Maria Constança: expressões da cultura escolar no período de 1954-1964. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

Brasil [Leis e Decretos, etc.]. Diretrizes e Bases da Educação. Compilado pela Professora Helena Jorge.(s/a)

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do desenvolvimento Brasil: JK-JQ. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 459p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia Moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim. Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais: Portugal e Brasil, histórias comparadas . São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2011. 468 p.

_____. Tempos de formação, tempo de produção: rememorando um itinerário. In: MONARCHA, Carlos; GATTI JUNIOR, Décio. (orgs) Trajetórias na formação do campo da história da educação brasileira. Uberlândia: EDUFO, 2013.

Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930/2000)/coordenador Amarílio Ferreira Neto – Vitória: Proteoria, 2002, 1024p.

CEMEF –UFMG. Projeto Circulação de modelos pedagógicos e formação de professores de educação física em Belo Horizonte: vestígios de práticas no acervo do CEMEF/UFMG (1950-1980). 2009/2012

CEMEF –UFMG. Projeto Modelos pedagógicos, formação docente e práticas escolares: o ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1947-1977). 2012/1013.

CEMEF –UFMG. Projeto Coleção História Oral: Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1980), desenvolvido pelo grupo de pesquisadores do CEMEG-UFMG, 2010-2011.

CEMEF –UFMG. Projeto Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970), desenvolvido no período 2008/2009

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982

CHARTIER, Roger. Introdução/Capítulo I. In: A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Revista das Revistas. Estudos Avançados Vol.5 nº11. São Paulo Jan./Abr.1991.

CHAVES, Elisângela. A escolarização da dança em Minas Gerais (1925 – 1937). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFMG, 2002.

CHAVES JUNIOR, Sergio Roberto. A Educação Física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná: contribuições para a construção de uma disciplina escolar (1931-1951). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná, 2004.

CHERVEL, André. 1990. História da disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 2, pp. 177-229

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral: Memória, tempo e identidades. Autêntica, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a história da Educação: uma tentativa de interpretação. In: _____ (org.) Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análise para a história oitocentista. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p.139-159, jan/abr, 2004.

_____. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: Elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs) Disciplinas e Integração Curricular: História e políticas, 2002.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes. Introdução à didática de Educação Física. Fórum Editora Ltda. Primeira Edição: agosto de 1972.

FARIA, Miguel Fabiano de. A Educação Física na Revista do Ensino: Produção de uma Disciplina Escolar em Minas Gerais (1925-1940). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/UFMG, 2009.

FERREIRA NETO, Amarílio. A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, E.S: FACHA, 1999.

_____. Escola de Educação Física do Exército (1920-1945)> origem e projeto político-pedagógico, IN: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). Pesquisa histórica na educação física. v.3. Vitória : UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1998.

_____ (coord.). Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000) – Vitória: Proteoria, 2002. 1024p.

FONSECA, T. N. L. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 287 p.

FURTADO, Fernando Campos. Está chovendo, Prof. De Educação Física?"" . 1994.

GATTI, Giseli Cristina do Vale . A escola e a vida na cidade: o Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950). 1. ed. Uberlândia/MG: Edufu, 2013. 228p

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. Teoria e Educação, Porto Alegre, n.2, p.230-254, 1990.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. Escola Nacional de Educação Física e Desporto: o projeto de uma época. 1997. 203p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 1997.

HORTA, Jose Silvério Baia. O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil : 1930-1945. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. 295p.

JULIA, Dominique. Disciplinas Escolares: objetivos e apropriação. In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs) Disciplinas e Integração Curricular: História e políticas, 2002.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

_____. Disciplinas Escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs) Disciplinas e Integração Curricular: História e políticas, 2002.

KANITZ, Roberto. Entre hóstias, estetoscópios e fardas: a formação da escola de educação física de Minas Gerais na década de 1950. Anais IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012.

LE GOFF, J. Memoria. In: LE GOFF (org.) Enciclopédia Einaudi: Memória – História, vol.1. Imprensa Nacional: Casa da moeda, 1997.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. História e Memória. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996

LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. Ensino e formação: “os mais modernos conceitos e métodos” em circulação nas jornadas internacionais de Educação Física (Belo Horizonte, 1957 -1962) Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/UFMG, 2012.

LINHALES, Meily Assbú. A escola e o esporte: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009. 272 p.

_____. A Escola, o Esporte e a “Energização do caráter”: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935) In: Histórias de Práticas Educativas. OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. & VAGO, Tarcísio Mauro (orgs.). Belo horizontes: Editora UFMG, 2008.

_____. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da Educação Física. In: Educação do corpo na escola brasileira. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (org.) Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Física e esportes)

_____. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da Educação Física. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/468.pdf> (acesso agosto de 2012)

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Métodos e fontes na história da Educação Física*. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG-FEF, 1996, p. 35-49

MARINHO, Inezil Penna. Sistemas e Métodos de Educação Física. 2º volume, 3ª edição. 495p. s/a.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re)introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: Xamã. Universidade de São Paulo, 2006.

MELO, Victor de Andrade. A Educação Física e o Estado Novo (1937-1945): a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Disponível em:

<http://www.efdeportes.com/efd115/a-educacao-fisica-e-o-estado-novo.htm> (acessado em março de 2013) Revista Digital – Buenos Aires – Año 12 – N15 – Diciembre de 2007.

_____. Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma história possível. Dissertação de Mestrado, Campinas, S.P., 1996.

_____. Escola Nacional de Educação Física e Desportos: um estudo histórico, a “história” de um estudo e o estudo da história. IN: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). Pesquisa histórica na educação física. v.2. Vitória : UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1996

MENDONÇA, Ana; XAVIER, Libânia; BREGLIA, Vera; CHAVES, Mirian, OLIVEIRA, Maria Teresa; Lima, Cecília; SANTOS, Pablo. Pragmatismo no pensamento educacional brasileiros dos anos de 1950/1960. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.13, jan./abr. 2006.

MORENO, A.; SEGANTINI, Verona Campos. La gimnasia y los ejercicios físicos en la formación de profesoras y en la enseñanza primaria: elementos para comprender el enraizamiento y afirmación de la educación física escolar (Belo Horizonte, 1906-1920). In: Pablo Scharagrodsky. (Org.). La invención del “homo gymnastico”. 1 ed. Buenos Aires: Prometo Libros, 2011, v. 1, p. 395-422.

NASCIMENTO et al. Investigando contextos: organização dos arquivos do CEMEF/UFMG. In: LINHALES, Meily Assbú; NASCIMENTO, Adalson (orgs.). Organizando Arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória. 1ed – Belo Horizonte –MG: Fino Traço, 2013.

NUNES, Clarice. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. In: Revista Brasileira de Educação, ANPED, n14, p. 35-60, mai/jun/jul/ago, 2000.

Oliveira, Guilherme de Souza Lima. Concursos Públicos para Provimento de Cadeira de Educação Física em escolas estaduais mineiras (1961-1974): O lugar da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Projeto de Mestrado em andamento. Faculdade de Educação, UFMG, 2012.

OLIVEIRA, Ramiro Barboza de. O conservadorismo católico na imprensa de belo horizonte nas décadas de 1920 e 1930 – os jornais O Horizonte e O Diário (1923-1937). Dissertação de mestrado. UFSJ, 2012

PINHEIRO, L.A. JK, Jânio, Jango: três jotas que abalaram o Brasil., Brasília, 2001, p.307.

PINTO, Joelcio Fernandes. Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1969-1974). Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/UFMG, 2003.

PINTO, Rosane Lima da Silva. O público e o privado na Educação Brasileira: do debate intelectual ao texto legal. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UFRJ, 2008.

PRINS Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

RANZI, Serlei Maria Fischer. Memória e História das Disciplinas Escolares: possibilidades de uma aproximação. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS. Hercules Pimenta dos. Católicos e protestantes: Escolas confessionais fundadas por missionários estrangeiros, Belo Horizonte – MG (1900-1950). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFMG, 2010.

SILVA, Giovanna Camila da. A partir da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/UFMG, 2009.

SILVA, Gil Anderson Ferreira. VELOSO FILHO, Francisco de Assis. A educação brasileira e as orientações para a geografia numa perspectiva histórica a partir das leis. Disponível em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.5/GT_05_03_2010.pdf acessado em 03/12/2012.

SOUSA, Eustáquia Salvadora. Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897 – 1994). 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 1994.

SOUZA, Rosa Fátima de. A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas do humanismo (1920-1960). *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, pp.72-99, jan/jun 2009.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. Os senhores das Gerais. Os novos inconfidentes e o golpe de 1964. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, R.J.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. A construção dos currículos escolares de Educação Física: Relações entre o planejamento tecnocrático e a experiência dos professores. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de e RANZI, Serlei Maria Fischer (orgs) *História das disciplinas escolares no Brasil*. Bragança Paulista: EdUSF, 2003

_____. Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária dos anos finais do século XIX. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

_____. Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.25, n.2, p. 9- 20, jan. 2004.

_____. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). In: História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 568 p.

TEIXEIRA, ALELUIA HERINGER LISBOA. A “Gymnastica” no Gymnasio Mineiro – Internato e Externato – 1890-1916. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFMG, 2004.

_____. “UMA ESCOLA SEM MUROS” - Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1964). Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UFMG, 2011.

THOMPSON, Paul. A voz do passado – história oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Livro 2002.

_____. História oral e contemporaneidade. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

TRAD, Márcia Fontoura; SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. O sucesso escolar de alunos dos meios populares na década de 60, no Colégio Estadual de Minas Gerais: reconstruindo as suas trajetórias. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2009.

VAGO, T. M. Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002

_____. Cultura Escola, Cultivo de corpos: Educação Física e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário (Belo Horizonte, 1906-1920). In: _____ História de Educação Física na escola. Belo Horizonte: Mazza edições, 2010.

_____. Histórias de Educação Física na Escola. Belo Horizonte: Mazza edições, 2010. 200p. (Coleção Pensar a Educação, Pensar o Brasil/ Série Estudos Históricos).

_____. A Educação Física na Cultura Escolar. Discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. In: BRACHT, Valter & CRISORIO, Ricardo (orgs.). A Educação Física no Brasil e na Argentina. Identidade, desafios e perspectivas. Campinas, SP, Autores Associados. Rio de Janeiro: Prosul, 2003

VINCET, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.33, jun/2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. A história das disciplinas escolares. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.18, set./dez.2008.

XAVIER, Maria do Carmo. A tradição (re)visitada – A experiência do Centro Regional de Pesquisa Educacionais de Minas Gerais – CRPEMG (1956/1966). Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2007.

Sites consultados

<http://www.colegioestadualcentral.com.br/>

FONTES

Depoimentos Oraís

- Roberto Borges Martins. Depoimento Oral. 25 de abril de 2012.
- Luiz Afonso Teixeira de Almeida. Depoimento Oral. 15 de maio 2012
- Afonso Cozzi. Depoimento Oral. 30 de maio de 2012
- Wilson Camelier. Depoimento Oral. 01 de junho 2012
- Arminto Mineiro Machado Coelho. Depoimento Oral. 13 de agosto 2012
- Humberto Werneck. Depoimento Oral. 24 de agosto 2012
- Méropé Saliba. Depoimento Oral. 31 de agosto 2012
- José Guilherme Papagaio. Depoimento Oral. 31 de agosto 2012

Depoimentos Oraís de Outras pesquisas

- José Atayde Lacerda - CEMEF-UFMG 2010/2011.
- Ivany de Moura Bonfim – CEMEF-UFMG 2010/2011.

Legislação

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário.

_____. Decreto-Lei n. 5.342, de 25 de março de 1943. Dispõe sobre a competência do Conselho Nacional de Desportos e a disciplina das atividades desportivas, e dá outras Providências.

_____. Decreto-Lei n. 5.343, de 25 de março de 1943. Dispõe sobre a habilitação para a direção da educação física nos estabelecimentos de ensino de grau secundário.

Constituição do Estado de Minas Gerais de 14 de julho de 1947, nos artigos referentes à Educação e à Cultura, artigo 131

_____. Portaria N. 360 determinou o Regimento do Colégio Estadual de Minas Gerais em 01/08/1953.

_____. PORTARIA MINISTERIAL nº.168 de 5 de junho de 1956. Dispõe sobre a regulamentação do ensino da Educação Física em Estabelecimentos de Ensino Secundário

_____. Lei n. 4.024, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1961.

_____. PORTARIA N° 106, de 15 de junho de 1957 (D. O. de 26-6-57, pág. 16.148 - 6. Pela Portaria N° 118/57), da Divisão de Educação Física. Baixa regulamento para as competições ginásiais e de basquetebol e voleibol, patrocinadas pela D. E.F.

_____. Decreto n° 58.130, de 31 de março de 1966, regulamentarizou o art.22 sobre a obrigatoriedade da Educação Física da LDB de 1961 e fixou diretrizes e bases para a Educação Nacional.

_____. PORTARIA MINISTERIAL N° 148, de 27 de abril de 1967 (D. O. de 23-5-67, pág. 5 617). Baixa instruções para o cumprimento do Decreto N° 58. 130, de 31 de março de 1966.

_____. DECRETO-LEI N° 705, de 25 de julho de 1969 (D. O. de 28-7-1969). Altera a redação do artigo 22 da Lei N° 4.024, de 20-12-61, estendendo a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis e ramos de ensino.

_____. DECRETO n° 69.450, de 1 de novembro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências.

_____. Lei 5.692/1971, Lei de Diretrizes e Base da Educação, de 11 de agosto de 1971.

Boletim de Educação Física. Divisão de Educação Física. MEC. 1956, nº14, anoV

Boletim de Educação Física. Divisão de Educação Física. MEC. 1957, nº15, ano VI.

Páginas da internet

<http://www.cpdoc.fgv.br/>

<http://wwwt.senado.gov.br/legbras/>

Hemeroteca do Estado de Minas Gerais

Jornal O Diário, 22/07/1954

Jornal O Diário, 13/10/1955.

Jornal O Diário, 21/10/1955.

Jornal O Diário, 22/10/1955.

Jornal o Diários, 26/10/1955.

Jornal O Diário, 21/12/1955.
Jornal Estado de Minas, 18/03/1956
Jornal O Diário, 17/06/1956.
Jornal O Diário, 26/06/1956.
Jornal O Diário, 17/08/1956.
Jornal O Diário, 02/09/1956.
Jornal O Diário, 11/09/1956.
Jornal O Diário, 25/09/1956
Jornal O Diário, 30/09/1956.
Jornal O Diário, 04/10/1956.
Jornal O Diário, 07/10/1956.
Jornal O Diário, 29/11/1956.
Jornal O Diário, 18/04/1958.
Jornal O Diário, 17/09/1958.
Jornal O Diário, 30/09/1958.
Jornal O Diário, 04/12/1958
Jornal O Diário, 20/07/1960.
Jornal O Diário 20/08/1960.
Jornal O Diário, 25/01/1963
Jornal O Diário, 05/02/1963.
Jornal O Diário, 10/03/1963.
Jornal O Diário, 10/10/1963.
Jornal O Diário, 28/10/1964.
Jornal O Diário, 16/10/1965.
Jornal O Diário, 30/08/1967.
Jornal O Diário, 04/10/1968.
Jornal O Diário, 03/11/1968.
Jornal O Diário, 07/11/1968.
Jornal O Diário, 08/11/1968.
Jornal O Diário, outubro de 1969.

Arquivo da Escola Estadual Governador Milton Campos

Livro de recortes de jornais: Jornal o Diário de Minas, 31/01/1963.

Regimento da Escola Estadual Milton Campos.- Histórico da Instituição (1973, 1976, 1981, 1993)

Atas de Reuniões (1963, 1964, 1965,1966)

Troféus

Placas comemorativas

Grades Curriculares1964 a 1973

Diários de Classe 1966 a 1972

Livros de Ponto (1959, 1963, 1968)

Fotografias

Diplomas de participação em Competições Esportivas.

Relação do corpo docente em Exercício de 1968, 1969 e 1970

Museu Histórico Abílio Barreto

Recortes de Jornais

Acervo Pessoal de Maria Auxiliadora Rocha

Fotografias

Convites de Festa Junina

APÊNDICES

Apêndice 1

A Educação Física em cena: olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973)

Nome do entrevistado:	
Idade:	
Profissão:	
Contatos do Entrevistado:	
Referências:	
Nome do entrevistador:	
Data da entrevista:	

1- Trajetória

- Experiências pessoais;
- Como era sua família, onde os irmãos estudaram?
- Experiências escolares;
- Envolvimento com a Educação Física na Escola Estadual de Minas Gerais;
- Envolvimento com o esporte.

2- A Educação Física e suas Particularidades

2.1 – Tempos e Espaços

- Quais eram os horários destinados à Educação Física?
- Quando aconteciam as aulas e qual a frequência?
- Os horários para meninas e meninos eram diferentes? Mais tempo, ou menor, maior frequência ou não?
- Quais eram os espaços físicos destinados às aulas de Educação Física?
- Os espaços das aulas se restringiam aos “muros” da escola?
- Antes da construção da Praça de Esportes onde eram realizadas as aulas de Educação Física?
- Depois da construção as aulas se restringiam à Praça de Esportes?

2.2 – Sujeitos

- Quem eram os professores de Educação Física na época?
- Sabe alguma história deles? O envolvimento com alguma prática externa à escola? Meios de sociabilidade?
- Os professores tinham alguma característica marcante? Algo que te faz lembrar dele?
- Quais as características dos alunos que frequentavam as aulas de Educação Física?
- A participação era obrigatória?
- Qual o envolvimento dos alunos com as aulas?

- Tinha algum funcionário que estava diretamente relacionado com a Educação Física?
- Quem era o Alcides Rocha? Funções? responsabilidades

2.3 – Conteúdos e saberes escolares

- Quais eram os conteúdos das aulas de Educação Física?
- Como eram divididos ao longo do ano?
- Existia diferença entre os conteúdos das meninas e dos meninos?
- Qual o conteúdo que você mais se lembra que tinha nas aulas?
- Os professores ministravam conteúdos que eram próprios de cada um?

2.4 – Práticas da Educação Física

- Quais eram as atribuições e responsabilidades da Educação Física?
- A Educação Física era responsável por organizar eventos externos à própria prática das aulas. Por exemplo, campeonatos.
- Qual a relação da Educação Física com as práticas esportivas que aconteciam na escola?
- Quais as rotinas da E.F.?
- Exames biométricos? Tinha sala? Quem era responsável?
- Exames de suficiência?
- MRESTA.
- Organizações esportivas

3- Especificidades do Entrevistado

- De acordo com a trajetória do entrevistado, perguntas que podem ser feitas.

4- Educações Física e memória

- Falar sobre a pesquisa, importância da memória. Falar da existência do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (UFMG) e da Coleção História Oral. Perguntar sobre mais algo em relação à pesquisa? Mais contribuições?
- Lembranças da Educação Física em Belo Horizonte na década de 1950, 60 e 70.
- Perguntar sobre outras fontes? Perguntar sobre empréstimos, fotos, doações.

Apêndice 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais vem, por meio deste, convidá-lo/a a participar da pesquisa intitulada “**A Educação Física em cena: olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973)**” de autoria da pesquisadora Gabriela Villela Arantes, aluna de mestrado desta instituição. Aceitando esse convite o senhor (a) participará em condição de colaborador (a) voluntário (a) da pesquisa. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição. Abaixo apresentamos a pesquisa, esclarecemos qual é o seu objetivo, os procedimentos adotados, os custos e benefícios e deixamos à sua disposição os telefones de contato dos pesquisadores responsáveis e do Comitê de Ética na Pesquisa da UFMG. Se o senhor (a), após ler esse termo, estiver de acordo solicitamos que o assine, por gentileza. Também, será entregue ao senhor (a) uma cópia desse Termo.

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA: Esse estudo se baseia no arcabouço teórico e metodológico da pesquisa histórica e tem por objeto a disciplina Educação Física, focando no desenho do seu processo de escolarização, no Colégio Estadual de Minas Gerais, ente 1956 e 1973.

OBJETIVO DA PESQUISA: Pretendemos conhecer os *tempos* e *espaços* da Educação Física, os sujeitos presentes na escola, as suas responsabilidades em relação à disciplina dependendo da posição que ocupa (professor, aluno, funcionário), as práticas e os conteúdos presentes nas aulas, possibilitando assim compreender as relações entre as aulas de educação física e os conteúdos, a relação dos conteúdos e a presença deles em outros momentos para além da aula de Educação Física e as relações com a cidade.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Além da análise do *corpus* documental constituído de fontes de naturezas variadas: fotografias, reportagens, documentos institucionais, discursos, também realizaremos entrevistas com dez sujeitos que participaram e se envolveram com a disciplina nessa temporalidade, sendo dois ex professores da instituição, dois alunos e duas alunas no período de 1956-1964, dois alunos e duas alunas no período de 1964-1973. A participação se justifica pelo envolvimento que tiveram com as aulas de Educação Física da Escola. Dessa forma, convidamos o senhor (a) a compartilhar conosco suas lembranças, uma vez que você presenciou as práticas dessa disciplina. Se o senhor (a) estiver de acordo entraremos em contato para marcar o melhor dia e horário, de acordo com a sua disponibilidade, para que possamos conversar. Levaremos algumas fotografias, registros dessa história, para que possa auxiliá-lo a relembrar alguns momentos vividos durante as aulas. Ressaltamos que se trata de um convite e que o senhor (a) poderá a qualquer momento desistir de sua participação, sem com isso sofrer nenhum tipo de constrangimento. Se o senhor (a) autorizar gravaremos nossa conversa e posteriormente a transcreveremos e submeteremos à sua avaliação. Nesse segundo momento o senhor (a) poderá realizar qualquer modificação que considerar necessária. Essas modificações serão adotadas integralmente. Não armazenaremos esse material, que será utilizado exclusivamente para essa pesquisa.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O COLABORADOR: O senhor (a) não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação e também não receberá qualquer espécie de gratificação devido à sua participação na pesquisa. Se por ventura a participação nas entrevistas incorrer em algum gasto com transporte e alimentação, o mesmo deverá ser comunicado ao pesquisador que deverá fazer o devido ressarcimento.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Comprometemo-nos com a preservação da memória, e acreditamos que por meio desse estudo desvelaremos mais um pouco da história da Educação Física em Belo Horizonte. Além disso, o senhor (a) poderá registrar a sua versão, o seu olhar sobre as aulas de Educação Física no Colégio Estadual de Minas Gerais e nos auxiliar no nosso objetivo de preservação e divulgação demais essa história.

RÍSCOS DA PESQUISA: Ao rememorar algumas situações do passado pode ocorrer algum desconforto emocional, que deverá ser comunicado imediatamente ao pesquisador para que o mesmo interrompa o processo. Caso seja de seu interesse, a entrevista pode ser acompanhada por algum parente próximo.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Asseguramos sigilo e privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados construídos por meio das entrevistas só serão divulgados com o seu consentimento, bem como a sua identificação no texto da pesquisa.

CONTATOS: O senhor (a) poderá entrar em contato conosco em qualquer momento para esclarecer dúvidas ou para qualquer outra demanda:

- Gabriela Villela Arantes

Endereço: Rua Espírito Santo, nº 2138/1400. Lourdes/ Belo Horizonte.

Telefones: 3335-3579/8454-2424

- Meily Assbú Linhales

Telefones: 3409-2396

- Comitê de Ética na Pesquisa da UFMG

Endereço: Av. Antônio Carlos, nº 6627. Pampulha/ BH. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Telefone: 3409 45 92

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

LOCAL E DATA:

Belo Horizonte,...../...../.....,

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO:

(Nome por extenso)

(Assinatura)

Gabriela Villela Arantes
(Mestranda)

(Assinatura)

Meily Assbú Linhales
(Orientadora)

(Assinatura)

Apêndice 3
Relação das entrevistas

Depoentes	Data da Entrevista	Local	Entrevistador (a)
Roberto Borges Martins	25/04/2012	Sede da Redeminas	Gabriela Villela Arantes
Luiz Afonso Teixeira de Vasconcelos de Almeida	15/05/2012	Residência do Entrevistado	Gabriela Villela Arantes
Afonso Cozzi	30/05/2012	Residência do Entrevistado	Gabriela Villela Arantes
Wilson Camelier	01/06/2012	Residência do Entrevistado	Gabriela Villela Arantes
Arminto Mineiro Machado Coelho	13/08/2012	Residência do Entrevistado	Gabriela Villela Arantes
Humberto Azeredo Furquim Werneck	24/08/2012	Café – São Paulo	Gabriela Villela Arantes
José Guilherme Papagaio Lara Barcelos	31/08/2012	Residência do Entrevistado	Gabriela Villela Arantes
Mérop Bengtson Saliba	31/08/2012	Residência do Entrevistado	Gabriela Villela Arantes

ANEXOS

Anexo 2

Diário de classe do Professor Odilon Barbosa, turma masculina, 1ª série Colegial, turno tarde, turma B e C, agosto/ 1966.

Mês de		Agosto							MATERIA LECIONADA	
Aula prevista		1	2	3	4	5	6	7	8	
13	10	1	2	3	4	5	6	7	8	
14	11	9	10	11	12	13	14	15	16	
15	12	17	18	19	20	21	22	23	24	
16	13	25	26	27	28	29	30	31		
17	14									
18	15									
19	16									
20	17									
21	18									
22	19									
23	20									
24	21									
25	22									
26	23									
27	24									
28	25									
29	26									
30	27									
31	28									
32	29									
33	30									
34	31									
35										
36										
37										
38										
39										
40										
41										
42										
43										
44										
45										
46										
47										
48										
49										
50										
51										
52										
53										
54										
55										
56										
57										
58										
59										
60										
61										
62										

13 - 10 - 1966 Coleg. Nomes B - med.
 14 - 11 - 1966 Bial do Sacramento
 15 - 12 - 1966 Gomes & Gonçalves Nuss
 16 - 13 - 1966 de Paulo Carvalho
 17 - 14 - 1966 Silva Custodio de Aguiar
 18 - 15 - 1966 Carlos de Valle
 19 - 16 - 1966 Humberto Marques Eduardo
 20 - 17 - 1966 José Carlos Choucri dos Santos
 21 - 18 - 1966 Lucas José Brandão Brande
 22 - 19 - 1966 Francisco de Lima Rodrigues
 23 - 20 - 1966 José Augusto Leite
 24 - 21 - 1966 Manuel Plano da C. Rocha
 25 - 22 - 1966 Maria Tereza Bualdo
 26 - 23 - 1966 Maria Luiza Ferreira Filho
 27 - 24 - 1966 Mônica Leopoldo da Silveira
 28 - 25 - 1966 Ricardo Pereira Sobrinho
 29 - 26 - 1966 Paulo Fernando Leite
 30 - 27 - 1966 Pedro Luiz de Souza Neto
 31 - 28 - 1966 Marcos Vidal de Souza Costa
 32 - 29 - 1966 Ricardo Ferreira Stevedore
 33 - 30 - 1966 João Francisco Blich
 DAVILA CASTELO

1º Coleg. Nomes "C"

15 - 11 - 1966 Antonio Gonçalves dos Santos
 16 - 12 - 1966 Alvaro Martins
 17 - 13 - 1966 Antonio Claudio Nassar
 18 - 14 - 1966 Paulo Francisco de Oliveira
 19 - 15 - 1966 Paulo Roberto Augusto
 20 - 16 - 1966 Renato Ferreira Leite
 21 - 17 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 22 - 18 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 23 - 19 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 24 - 20 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 25 - 21 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 26 - 22 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 27 - 23 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 28 - 24 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 29 - 25 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 30 - 26 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 31 - 27 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 32 - 28 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 33 - 29 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 34 - 30 - 1966 Carlos Roberto de Andrade
 35 - 31 - 1966 Carlos Roberto de Andrade

Anexo 4

Recorte do diário de Classe da Professora Célia, turma feminina, 3ª série, II Grau, turno manhã, turmas 23 e 25, abril/ 1973. Aulas nos dias 2, 5, 9, 12, 16, 26 de abril.

N.º		NOMES	Mês de <u>abril</u>					
			Aulas previstas			Aulas dadas		
			2	5	9	12	16	26
1		Álea Picardi Faria	F					F
2		Ângela Maria de Almeida Nagelhães da	d	d	d	d	d	d
3		Elisabete Rosa Nosquito					F	
4		Geralda de Fátima Guerra Lages		F				F
5		Helenice de Carvalho Cruz				F		
6		Jussara Rodrigues dos Anjos dispensada	F					F
7		Margareth de Oliveira Timóteo						
8		Maria Angela Couri dispensada						
9		Maria Auxiliadora Ferreira						
10		Maria Ecila Cecília			F	F		

Anexo 5

Diário de classe do Professor Odilon Barbosa, 1966.

1966
(ANO LETIVO)

Colégio Estadual de Minas Gerais
BELO HORIZONTE

DIÁRIO
DE
CLASSE


EDUCAÇÃO FÍSICA

(masculino)
(DISCIPLINA)

Curso Colégioial - mat. Série 1^o/₃

Turno Tarde Turmas B.C

Sala N.º _____



Professor Odilon F. Barbosa

Anexo 6

Diário de classe da professora Leonilda Pongelupe, 1966, 2ª serie Colegial A e B, turno da manhã. Folha de anotações dos Exames Médicos Biométricos.

N.º REG.		EXAMES MÉDICO					BIOMÉTRICO					N.º REG.	
N.º	NOMES	DATA DO EXAME	IDADE	PESO	ESTATURA	LAUDO MÉDICO	N.º	DATA DO EXAME	IDADE	PESO	ESTATURA	LAUDO MÉDICO	
1	2ª Leteas A						1						
2	Lucia Caldeira Lúcia da Silva	17-4-49	17				1		17				
3	Lucia Aguiar de Paula	2-2-49	17				2		17				
4	Lucia Fátima Rodrigues	24-8-49	16				3		16				
5	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	30-8-49	16				4		16				
6	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	8-8-49	16				5		16				
7	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	31-5-49	17				6		17				
8	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	20-10-49	16				7		16				
9	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	15-9-49	17				8		17				
10	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	7-1-49	17				9		17				
11	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	4-10-49	17				10		17				
12	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	10-9-49	18				11		18				
13	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	18-10-49	17				12		17				
14	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	9-2-49	18				13		18				
15	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	20-2-49	18				14		18				
16	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	5-6-49	18				15		18				
17	Lucia Rosa Fátima Rodrigues	21-1-49	16				16		16				
18							17						
19							18						
20							19						
21							20						
22							21						
23							22						
24							23						
25							24						
26							25						
27							26						
28							27						
29							28						
30							29						
31							30						
32							31						
33							32						
34							33						
35							34						
36							35						
37							36						
38							37						
39							38						
40							39						
41							40						
42							41						
43							42						
44							43						
45							44						
46							45						
47							46						
48							47						
49							48						
50							49						
51							50						
52							51						
53							52						
54							53						
55							54						
56							55						
57							56						
58							57						
59							58						
60							59						
61							60						
62							61						
63							62						
64							63						
65							64						
66							65						
67							66						
68							67						
69							68						
70							69						
71							70						
72							71						
73							72						
74							73						
75							74						
76							75						
77							76						
78							77						
79							78						
80							79						
81							80						
82							81						
83							82						
84							83						
85							84						
86							85						
87							86						
88							87						
89							88						
90							89						
91							90						
92							91						
93							92						
94							93						
95							94						
96							95						
97							96						
98							97						
99							98						
100							99						